

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**

**PUC-SP**

Lucas Matheus Pereira Cruvinel

Klaus Holzkamp (1927-1995) e a Psicologia Crítica Alemã: introdução à proposta de uma  
ciência marxista do sujeito

Mestrado em Psicologia Social

São Paulo

2021



**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**  
**Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social**

Lucas Matheus Pereira Cruvinel

Klaus Holzkamp (1927-1995) e a Psicologia Crítica Alemã: introdução à proposta de uma  
ciência marxista do sujeito

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia: Psicologia Social, sob a orientação do(a) Prof., Dr. Salvador Antonio Mireles Sandoval.

São Paulo

2021

Banca Examinadora

---

---

---

Esta pesquisa contou com o financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Processo nº 130239/2019-4.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por me ensinarem a importância dos estudos e me incentivarem a alcançar voos cada vez maiores. Com vocês aprendi a perseverar na existência, apesar. Ao Nicolas, por me inspirar todos os dias a ver o mundo com outros olhos.

Ao Gustavo, Izabela e Ana Carolina, companheiros de jornada que me tiraram da cama quando parecia impossível. Aos que reinventaram formas de estudo coletivo e de acolhimento em tempos de Relações à Distância. Grande parte das páginas a seguir devo a vocês.

Aos felizes encontros nas esquinas de poesia concreta de São Paulo: Diogo, Izabela, Glaucia, Aline, Thaís, Jamilie, Alan, Marcos, Juliana, Marcus, Rúzia, Paulo, César e Renan. Com vocês construo diariamente o sentido de minha mudança.

Aos roedores e odiadores de pequi, amigos da minha terrinha e que fazem tão dolorosas as voltas à São Paulo: Gustavo, Karina, Paola, Bruna, Tamara, Bárbara, Fernando, Lívia, Gardênia, Lanussy, Ana Carolina, Ana Clara, Isabela, Dandara, Maria Júlia, Lorena, Elliana, Mariana e Jackeliny. Muito obrigado por apoiarem as minhas escolhas, por serem refúgio e acalanto neste processo de mudança. Vocês são o contra senso da unidade entre corpo e mente, pois são os que mais prejudicam o meu corpo e ao mesmo tempo os grandes responsáveis pelo meu bem-estar subjetivo.

Às professoras que marcaram minha trajetória durante este período de mestrado e reforçaram meu desejo pela docência: Graça, Bader, Elisa e Mitsuko.

Aos grupos de estudos “Psicologia e Práxis” e “Psicologia e Marxismo” da Universidade Federal de Goiás e a todas as pessoas que comigo trocaram nestes espaços. Neles encontrei não apenas um espaço de discussão teórica e prática, mas amigos com os quais pude partilhar o anseio por um outro mundo possível.

Ao Fernando, Mitsuko e Salvador, pela leitura atenta e pelas indicações pertinentes.

Ao CNPq, por tornar esta pesquisa possível.

## RESUMO

Klaus Holzkamp (1927-1995) foi um psicólogo e professor universitário que desempenhou um papel importante no desenvolvimento da Psicologia Crítica Alemã (PCA), intimamente apropriada pela Psicologia brasileira. Sua teoria foi elaborada na República Federal da Alemanha em um contexto de Guerra Fria. Com investigações inicialmente no campo do construcionismo, o autor se apropriou do marxismo a partir de seu envolvimento com os movimentos estudantis que ganharam força durante a década de 1960. Com essa aproximação, Holzkamp rechaçou sua produção anterior e realizou uma crítica positiva a partir do que se tinha produzido na Psicologia. Neste sentido, temos como objetivo a apropriação da fase ulterior de sua obra. Mais especificamente, buscamos (a) identificar a relação de sua produção com o momento histórico e social no qual foi gestada; (b) compreender as inflexões teóricas operadas ao longo de sua obra; e (c) apropriar-se dos seus escritos a partir de 1983. Este recorte se dá em função da dificuldade de acesso às suas obras em outros idiomas que não o alemão. Conclui-se que a PCA consiste em uma importante expressão da Psicologia Crítica mundial, fruto de uma aproximação ao marxismo em um momento de acirramento de lutas sociais. Esta perspectiva possui diversas contribuições para a Psicologia brasileira, tanto pelas aproximações possíveis com movimentos teóricos latinoamericanos, quanto por sua capacidade explicativa fruto de um resgate crítico do conhecimento até então produzido.

**Palavras-chave: Klaus Holzkamp; Ciência do Sujeito; Psicologia Crítica; Marxismo.**

## ABSTRACT

Klaus Holzkamp (1927-1995) was a psychologist and university professor who played an important role in the development of German Critical Psychology (PCA), which was extremely appropriate for Brazilian Psychology. His theory was developed in the Federal Republic of Germany in the context of the Cold War. With investigations initially in the field of constructionism, the author appropriated Marxism from his involvement with the student movements that gained strength during the 1960s. With this approach, Holzkamp rejected his previous production and made a positive criticism from what had taken place in psychology. In this sense, we aim to appropriate the later phase of his work. More specifically, we seek to (a) identify the relationship between his production and the historical and social moment in which it was created; (b) understand the theoretical inflections operated throughout his work; and (c) appropriating his writings from 1983 onwards. This cut is due to the difficulty of accessing his works in languages other than German. It is concluded that the PCA is an important expression of Critical Psychology worldwide, the result of an approach to Marxism at a time of heightened social struggles. This perspective has several contributions to Brazilian Psychology, both because of the possible similarities with Latin American theoretical movements, and because of its explanatory capacity as a result of a critical rescue of the knowledge produced so far.

**Key-words: Klaus Holzkamp; Science of the Subject; Critical Psychology; Marxism.**

## **Lista de abreviaturas e siglas**

APO – Oposição Extraparlamentar

CDU – União Democrática Cristã

CVC – Condução da vida cotidiana

FUB – Universidade Livre de Berlim

KPD – Partido Comunista Alemão

PCA – Psicologia Crítica Alemã

PCF – Partido Comunista Francês

RDA – República Democrática Alemã

RFA – República Federal da Alemanha

SDS – Federação Socialista dos Estudantes Alemães

SPD – Partido Social Democrata Alemão

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>1. 1968 E A CRISE ESTRUTURAL DO CAPITALISMO</b>	<b>16</b>
1.1. O 1968 na França e ao redor do mundo: contestação de valores ou acirramento da luta de classes?	16
1.2. Antecedentes, determinantes e consequências de 1968 na Alemanha	25
1.3. A Psicologia Social da Alemanha na Guerra Fria	35
<b>2. MOVIMENTO E INFLUÊNCIAS NA OBRA DE KLAUS HOLZKAMP</b>	<b>38</b>
2.1. Do construcionismo à Ciência do Sujeito: rumos e percursos de Klaus Holzkamp	39
2.2. Fenomenologia: a estrutura subjetiva do ponto de vista do sujeito	46
2.3. Psicanálise: conflito psicológico em debate	54
<b>3. O DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA DO SUJEITO DE KLAUS HOLZKAMP</b>	<b>61</b>
3.1. Críticas e Reconstrução genética: o método histórico-funcional e a passagem do domínio filogenético para o domínio histórico-social	61
3.2. Resgate crítico e principais conceitos: rumo à positividade da PCA	70
3.3. Condução da vida cotidiana: conceito básico da PCA	79
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>95</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>104</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>107</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo buscar contribuições da produção de Klaus Holzkamp (1927-1995) para a Psicologia, em especial seus textos produzidos após 1980. Com isso, adotamos esse autor como um dos principais representantes da Psicologia Crítica Alemã (PCA), embora esta corrente teórica não se resuma a ele. Algumas limitações, como, por exemplo, a impossibilidade de investigar a dinâmica interna entre pesquisadores desta corrente teórica são decorrentes dessa escolha. Entretanto, sua produção buscou elaborar uma crítica à Psicologia e a proposição de um sistema teórico, com contribuições candentes e ainda pertinentes.

Para explorar sua contribuição, inicialmente apresentaremos um panorama histórico e social no qual se deu a elaboração de sua obra, o movimento mais geral de desenvolvimento social do qual faz parte e sobretudo os movimentos sociais que a influenciaram. Após essa contextualização histórica, realizaremos uma apresentação geral das transformações operadas e as principais influências que marcaram suas produções finais, relacionando sua produção com as transformações sociais contemporâneas à sua elaboração. Por fim, apresentaremos a forma que o autor realizou seu resgate crítico e o caminho que percorreu até centrar-se na vida cotidiana.

Vale ressaltar que esta pesquisa é parte de uma trajetória acadêmica marcada pela investigação entre a Psicologia e o marxismo. Com iniciações científicas realizadas durante a graduação sobre a relação entre a história da Psicologia brasileira e o marxismo, constatei a ínfima apropriação da tradição marxista para as investigações nesse campo, embora tenha a história como elemento central para sua teorização e apresente importantes contribuições teóricas e metodológicas. Em meu Trabalho de Conclusão de Curso, na tentativa de traçar

uma história da Psicologia Crítica, também constatei relativo distanciamento do marxismo por parte da Psicologia brasileira que se propõe crítica, com apropriação superficial, limitada a comentadores e críticos.

Nessas investigações encontrei menções ao Klaus Holzkamp enquanto uma proposta de aproximação com o marxismo, em um movimento semelhante ao que ocorreu na América Latina, como os esforços de Silvia Lane e Martín-Baró. Deste modo, consistia em uma teoria que representava meus interesses de estudo. Entretanto, não encontrei muitos trabalhos que investigassem suas contribuições em português, o que faz com que o presente esforço represente uma contribuição para a Psicologia Política e para a Psicologia brasileira de forma geral.

Dada a escassa apropriação pela Psicologia brasileira da PCA e de Holzkamp, surgiu a inquietação de explorar essa teoria psicológica construída com importantes contribuições do materialismo histórico-dialético. Este fato, ao mesmo tempo que consubstancia a relevância desta pesquisa, também representa uma limitação, pois existem poucas publicações em português que o subsidiam e ainda não tenho domínio sobre o alemão que possibilite o acesso extensivo às fontes primárias.

Teo (1998) aponta que grande parte da baixa difusão de Holzkamp se deu pela falta de interesse do mesmo em adentrar no mercado norte americano de publicações científicas. Ele traduziu um número ínfimo de publicações para o inglês, com grande parte de sua obra sendo publicada quase que exclusivamente em alemão durante sua vida, diferente, por exemplo, de Habermas. Assim, o acesso a fontes primárias foi escasso e se deu por meio de traduções, além do estudo de comentadores, principalmente em inglês e espanhol e, em menor proporção, português.

Não menos importante é a estreita relação que construí com o marxismo, por nele encontrar uma importante ferramenta não somente teórica, mas prática para compreender e enfrentar as desigualdades sociais que determinaram a minha trajetória e que estruturam as mazelas às quais a Psicologia é convocada a responder. Compreendo o marxismo como importante aporte prático, teórico e metodológico capaz de denunciar a naturalização de fenômenos históricos e sociais e o reforço à individualização liberal, bem como demonstrar a conexão entre nossos problemas – sobretudo na América Latina – e o modo de produção capitalista e apontar uma saída coletiva de ruptura radical com esta forma de sociabilidade.

Em um ano marcado pela maior crise sanitária em pelo menos 100 anos, foi possível constatar mais da metade da população brasileira em situação de insegurança alimentar e o aumento exponencial da pobreza convivendo lado a lado com o aumento do número de bilionários no país. As consequências da saúde enquanto mercadoria também escancaram a negligência às necessidades humanas em detrimento do lucro, sobretudo em um país onde, até o momento deste texto, supera os 400 mil mortos. A contradição capital-trabalho se explicita a níveis crescentes e torna inegável a atualidade do marxismo.

Ao mesmo tempo, compreendo que não cabe à Psicologia ou a qualquer outra prática profissional a responsabilidade de realizar uma ruptura radical, mas defendo a possibilidade de uma prática que de alguma forma funcione como catalisador de transformações. Embora este campo científico tenha como marco fundacional a legitimação da dominação e da lógica liberal do indivíduo “livre”, existem expressões críticas que buscam atuar aliados à perspectiva dos explorados e oprimidos sem negligenciar suas limitações e a relação de sua prática com a totalidade social.

Entretanto, por reconhecer suas contribuições para um conhecimento que seja capaz de se aproximar da nossa realidade de forma distinta do que é hegemônico no campo,

considero necessária uma redefinição da própria Psicologia, caminho trilhado por Klaus Holzkamp, como investigado a seguir.

Assim, pretendemos explorar o potencial da obra de Holzkamp como uma expressão de Psicologia Crítica, sobretudo sua fase final, como objetivo geral desta pesquisa. Mais especificamente, o estudo pretende (a) apreender a relação entre a elaboração desta teoria com as transformações sociais contíguas; (b) compreender o movimento e as transformações teóricas realizadas por Klaus Holzkamp em sua obra; (c) apropriar-se dos seus escritos a partir de 1983.

Disto resta uma preocupação sobre o método do presente estudo. Antunes (2005), ao traçar alguns fundamentos materialistas histórico-dialéticos para a História da Psicologia, defende que sua compreensão só é possível com a apreensão das relações sociais nas quais ela é elaborada e faz parte. Segundo a própria autora, “considerando-se que a Psicologia, no âmbito das ciências, busca dar conta de certos aspectos da realidade humana, devem seus conteúdos e práticas ser vistos como produto histórico. Compreendê-la exige capturar sua historicidade” (Antunes, 2005, p. 108).

Isso converge com a obra marxiana<sup>1</sup>, na medida em que Marx inverte a compreensão de Hegel sobre a centralidade das ideias na produção da história. Pelo contrário, as ideias resultam de bases objetivas que determinam sua existência, são expressão de determinadas relações de produção e reprodução da vida. Em sua famosa passagem, Marx (1859/2008) afirma que “o modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência” (p. 47).

---

<sup>1</sup> Vale ressaltar a diferença entre os termos “marxista” e “marxiano”. Enquanto o segundo se refere estritamente à produção de autoria de Karl Marx, “marxista” pode ser compreendido como um termo amplo que abriga diversos autores de uma tradição diversa, muitas vezes com divergências irreconciliáveis.

Isso, entretanto, não implica uma defesa mecanicista da produção teórica em detrimento das relações de produção. Pelo contrário, representa uma aproximação dialética do real, possibilitando sua compreensão como parte integrante de uma totalidade em movimento. Se por um lado a sua inserção em determinado momento histórico apresenta os problemas aos quais determinada teoria pretende responder, por outro demonstra a forma ativa que determinado sujeito responde a essas circunstâncias. Neste sentido, a realidade enquanto uma totalidade em movimento não é conhecida por sua mera descrição. É necessário apreender suas mediações e contradições, ultrapassar o nível imediato sensível para possibilitar uma reprodução ideal do movimento do real (Netto, 2009).

A fim de apreender essa totalidade histórica, Antunes (2005) estabelece três pontos fundamentais de análise. A saber, um primeiro nível interno, relativo aos seus conceitos, métodos, práticas etc. Este nível de análise só pode ser compreendido a partir de um segundo nível, constituído por sua fundamentação filosófica e epistemológica, que, por sua vez, é concluída a partir do terceiro nível de análise, ou “totalidade”. Essa totalidade refere-se à sua inserção no movimento histórico mais geral, incluso nas relações sociais que foi gestada e das quais é produto. Em síntese, esses conceitos com certa fundamentação filosófica se materializam em determinado momento histórico, no bojo de determinadas relações sociais e só assim é possível a compreensão de sua real função.

Diante do exposto, pode-se constatar que a atenção à história ocupa papel central na tradição marxista, uma vez que Marx buscou compreender a gênese, a consolidação e o desenvolvimento da sociedade burguesa, assentada no modo de produção capitalista. Este modo de produção é fruto das relações humanas que produzimos e reproduzimos diariamente e se caracteriza pela divisão social em duas classes: os detentores dos meios de produção e os

que são compelidos a venderem sua força de trabalho. Vale ressaltar que esta é uma das possibilidades de expressão da luta de classes e, assim como outras, é histórica e transitória.

Assim, não existe relação de externalidade com o objeto que se estuda, uma vez que, especialmente em ciências humanas, se fazemos parte dessa sociedade, somos parte constituinte daquilo que pretendemos investigar. Este fato impossibilita uma relação de “neutralidade” asséptica, mas não impede a objetividade de seu estudo. Aliás, a pesquisa só pode ser realizada objetivamente com um posicionamento diante de relações sociais determinadas, neste caso, a sociedade capitalista (Netto, 2009).

Disso apreende-se que a teoria é uma expressão do movimento do real e que necessariamente em alguma medida irá defender sua transformação ou manutenção. Não há possibilidade de uma teoria neutra em uma sociedade dividida em classes. De mesmo modo, toda teoria é elaborada dentro de uma determinada configuração social em um certo momento histórico. O produto da teoria não pode ser compreendido em si mesmo, mas dentro de relações sociais específicas e, por isso, é necessário compreender o movimento histórico no qual ela faz parte (Antunes, 2005).

Estabelecidos, ainda que de forma sumária, os pressupostos que guiarão esta investigação, podemos prosseguir com o detalhamento da obtenção do material que subsidiou o presente estudo. Para o levantamento das produções aqui expostas, foi realizada uma pesquisa bibliográfica utilizando a palavra-chave “Klaus Holzkamp” no Google Acadêmico e listado todo o material disponível em espanhol, inglês e português. O levantamento foi realizado em 29/05/2020 e os textos foram separados entre aqueles de autoria do próprio Klaus Holzkamp (entre conferências, traduções e entrevistas) e os de outros autores que dialogam com a Psicologia Crítica Alemã.

Como o objetivo era se apropriar do autor a partir de seus escritos, não realizamos uma sistematização dos textos oriundos dos comentadores. Tal sistematização também possibilitaria transcender o estudo da obra apenas de Klaus Holzkamp e ter uma dimensão da PCA como um todo. Ao todo foram obtidos 36 resultados de autoria de Holzkamp entre capítulos e artigos. Os textos abordados foram escolhidos com referência aos objetivos anteriormente expostos. O Anexo A contém uma tabela com todos os trabalhos publicados pelo autor estudado e com o título traduzido em português.

Com isso posto, iniciaremos nossa exposição investigativa com o histórico dessa abordagem, uma vez que as transformações em curso ao fim da década de 1960 influenciaram de forma contundente suas proposições. A investigação deste momento histórico é imprescindível para a compreensão da obra de Klaus Holzkamp enquanto um enfoque crítico em Psicologia. Vale destaque para alguns aspectos da exposição a seguir. Parte dos textos adotados são em inglês e espanhol e as citações diretas deles decorrentes são fruto de traduções livres de responsabilidade do autor. Diante disto, optaremos por fornecer a citação no idioma do qual acessamos em notas de rodapé como contraponto.

## **1. 1968 E A CRISE ESTRUTURAL DO CAPITALISMO**

A Psicologia Crítica Alemã (PCA) é uma teoria crítica em Psicologia fruto de um trabalho coletivo que contou com a participação preponderante de Klaus Holzkamp (1927-1995), um professor universitário da Universidade Livre de Berlim (*Freie Universität Berlin* - FUB), a partir da década de 1970. Sua produção acadêmica é anterior a este período, tendo início com críticas à Psicologia a partir do construcionismo. Entretanto, com os levantes estudantis e o ascenso dos movimentos sociais do fim da década de 1960, seus interesses de pesquisa sofreram transformações, período que caracterizou sua aproximação ao marxismo e a partir do qual construiu a teoria aqui analisada.

Sendo assim, uma análise do momento histórico no qual essa teoria foi gestada traz contribuições importantes para sua compreensão. Neste capítulo apresentaremos o contexto mais amplo referente ao Maio de 68, apontando, ainda que de maneira preliminar, suas causas estruturais e algumas de suas manifestações a nível mundial. Defendemos que o Maio de 68 não se trata de uma crise cíclica, mas expressão de uma crise estrutural, resultado do esgotamento de todas as possibilidades de sociabilidade do capitalismo. Em seguida trataremos especificamente do contexto alemão, com destaque aos expressivos movimentos estudantis.

### **1.1. O 1968 na França e ao redor do mundo: contestação de valores ou acirramento da luta de classes?**

As décadas de 1960 e 1970 foram marcadas por transformações profundas na sociedade capitalista, com crises econômicas e refluxos sociais observados a nível mundial.

Diversas cidades de países de capitalismo avançado, de “socialismo real”<sup>2</sup> e da periferia do capitalismo, o até então denominado “Terceiro Mundo”, foram palco de diversas manifestações contra o colonialismo, ditaduras, guerras e superexploração, marcando o ascenso dos movimentos sociais deste período.

Geralmente associa-se 1968 aos eventos de Paris, com uma narrativa hegemônica que busca ressaltar aspectos liberais de rebeldia da juventude, contestação de figuras de autoridade, crítica aos valores sociais e certa inconsequência. Entretanto, 1968 representa o ápice de diversos influxos que já ocorriam anteriormente. Ademais, este período é marcado por um acirramento da luta de classes e contou com a maior greve de sua história, com mais de 10 milhões de trabalhadores envolvidos. Os dados oficiais desses eventos foram excluídos da narrativa oficial, expresso na inexistência de registros nos boletins estatísticos franceses de maio e junho de 1968 (Bianchi, & Braga, 2008; Mhereb, & Corrêa, 2018).

Essas manifestações ocorriam, entre outros motivos, em solidariedade ao povo vietnamita e contra a intervenção estadunidense no Vietnã, à favor da independência da Argélia, contra a estrutura de ensino superior do país, o desemprego e contra a intensificação da exploração da força de trabalho. Os movimentos de resistência compõem o quadro da crise do capitalismo e representaram o renascimento da possibilidade de revolução na França, um país central do capitalismo sob regime democrático burguês (Bianchi, & Braga, 2008; Mhereb, & Corrêa, 2018).

Estas greves foram caracterizadas por ocupações de fábricas, organização de comitês de greves – embora contasse com baixa sindicalização se comparado a momentos anteriores –

---

<sup>2</sup> Utilizamos o termo entre aspas para designar expressões historicamente situadas de sociedades pós-capitalistas, que tinham à frente a União Soviética (URSS). Assim, as aspas servem para salientar que esta é uma das possibilidades de transição e que possuíram diversas contradições. Mészáros (2011), por exemplo, ressalta que embora pós-capitalistas, não lograram em sua transição por não romperem com o tripé do sistema do capital: Estado, propriedade privada e trabalho assalariado. Outros, como Netto (2012a), ressaltam suas contradições a partir da chave socialização econômica x socialização política. Não cabe ao escopo do presente trabalho, entretanto vale ressaltar que o termo possui diversas divergências.

e gestão do processo produtivo por parte dos trabalhadores, a fim de suprir as necessidades básicas da população à época. Também contavam com intensa solidariedade entre estudantes e trabalhadores, decorrente, entre outros fatores, da proletarização do trabalho intelectual (Varela, & Della Santa, 2018).

Para sua compreensão, é necessário ter ciência que o crescimento econômico com baixa inflação e incremento do consumo de massas após o fim da Segunda Guerra Mundial, obtido sob o modelo de produção fordista<sup>3</sup> e controle científico taylorista<sup>4</sup> do trabalho fabril, possibilitou uma concessão de aumentos salariais para parte da classe trabalhadora. Soma-se a isso o desenvolvimento significativo de políticas públicas e a atuação reformista dos partidos socialista e comunista, o que garantiu uma relativa integração dos trabalhadores na sociedade de consumo e um descenso dos movimentos sociais neste período (Bianchi, & Braga, 2008). Vale destaque que essas concessões foram possibilitadas pelo crescimento econômico, mas também representam conquistas reais de lutas da classe trabalhadora. Entretanto, a partir do momento que representam um empecilho para a lógica de expansão e acumulação do capital, são facilmente revogáveis (Mészáros, 2011; Netto, 2012a).

Esse crescimento econômico com intervenção estatal é o que chamamos de Estado de bem-estar social (popularmente conhecido como *Welfare State*) e promoveu o *boom* econômico do pós-Segunda Guerra, a “Era de Ouro” do capitalismo. O capitalismo parecia ter encontrado formas de solucionar suas mazelas e ascender a um desenvolvimento ilimitado, sem contradições. Vale ressaltar que essa prosperidade só foi possível a partir da

---

<sup>3</sup> Forma semelhante de implementação da gerência taylorista ao trabalho fabril. Se difere deste último por adicionar a esteira de produção para otimizar o processo a fim de obter maior produtividade em menor tempo (cf. Ribeiro, 2015).

<sup>4</sup> Forma de gerência do trabalho criada por W. Taylor ao fim do século XIX com o objetivo de obter maior eficiência dos trabalhadores com o menor custo possível. Este método é caracterizado pela expropriação do controle da produção dos trabalhadores, relegando a tarefa de concepção apenas à gerência (cf. Ribeiro, 2015).

superexploração e colonização de economias dependentes, bem como da superexploração de frações da classe trabalhadora dentro desses países (Bianchi, & Braga, 2008).

A forma de acumulação fordista, para sua reprodução, requer trabalhadores especializados na indústria e na composição do aparelho estatal. Assim, a integração do trabalho complexo no sistema produtivo provocou uma expansão do ensino superior. Varela e Della Santa (2018) destacam que o número de estudantes no ensino superior pulou de 175 mil para mais de meio milhão em um curto intervalo de 10 anos, entre 1958 e 1968.

Contudo, Bianchi e Braga (2008) ressaltam que, embora tenha ocorrido um aumento do trabalho técnico especializado e reconfiguração da classe trabalhadora por conta da concorrência intermonopolista, a força de trabalho desqualificada ainda compunha grande parte dos contingentes industriais. Deste modo, essa reconfiguração contribuiu para a compreensão da aliança travada entre estudantes universitários e trabalhadores, sobretudo na França. Ao relatar sua experiência pessoal, Bensaid (2008) descreve que vários campus universitários foram construídos também na periferia, a exemplo de Nanterre, lócus de resistência no qual estudou. Este bairro era composto majoritariamente por imigrantes argelinos e anteriormente já tinha sido palco de diversos protestos a favor da independência da Argélia.

Outro aspecto importante para a intensificação e radicalização dos movimentos sociais do período foi a postura adotada pelo Partido Comunista Francês (PCF) e pelo Partido Socialista. O Partido Socialista chegou a se posicionar contra a independência da Argélia e o PCF não apoiou as manifestações estudantis de início, o que minou suas bases. Mesmo diante das diversas manifestações que ocorriam no país, as estruturas partidárias e sindicais burocratizadas stalinistas optaram por uma via eleitoral em detrimento da organização dos

trabalhadores. Assim, 1968 de uma forma geral sinalizou um movimento de contestação à hegemonia do stalinismo à frente dos trabalhadores europeus (Varela, & Della Santa, 2018).

A isso acresce o fato da notável queda na taxa de lucro, encarnando o esgotamento do Estado de bem-estar social. Netto (2012a) destaca que o capitalismo se desenvolve por fases de longo crescimento seguidas de longo decréscimo. O longo crescimento notado no pós-Segunda Guerra sob o modelo de intervenção estatal, garantia de direitos mínimos e implementação de políticas públicas precisou ser reformulado e o ataque à classe trabalhadora foi necessário para recuperar a taxa de lucro. O que antes era possibilidade, agora se torna limite, “é a crise estrutural das condições que viabilizaram o desenvolvimento do capitalismo num marco de democracia política” (Netto, 2012a, p. 78).

Esta crise demonstra que a reprodução do capitalismo se dá em níveis crescentes de espoliação da classe trabalhadora. “A história do modo de produção capitalista é também a história de como a classe capitalista, a burguesia, tem desenvolvido meios para aumentar e conservar a taxa de lucro ou, se se quiser, para reverter a tendência à queda da taxa de lucro” (Netto, 2012b, p. 166). Na França, por exemplo, parte das greves ocorridas no período foram motivadas pela revogação por parte do governo do reembolso de despesas médicas e pela redução da participação dos trabalhadores na segurança social (Varela, & Della Santa, 2018).

Portanto, podemos perceber que o que geralmente se narra como um período de rebeldia inconsequente na verdade é uma expressão da luta de classes, sobretudo na França. Este período significou a falência do Estado de bem-estar social e da crença na possibilidade do capitalismo se reproduzir sem contradições. Mais do que isso, representou a possibilidade de consolidação de um processo revolucionário dentro de um país de capitalismo central, até então desacreditado em larga escala. Ademais, foi também o período em que houve uma

contestação da hegemonia stalinista na direção de movimentos de esquerda a nível mundial (Mhereb, & Corrêa, 2018).

O fato é que diversos acontecimentos marcaram o período e sinalizaram a crise estrutural que se constituía. Suas expressões não ficaram reclusas à França ou à Europa, pelo contrário, foi possível assistir diversos acontecimentos importantes em diversas partes do mundo, cada um com sua significação e relevância contextualizadas dentro do processo histórico de cada país, mas que pode-se traçar pontos em comum (Varella, & Della Santa, 2018).

Os Estados Unidos tiveram greves na indústria automobilística e testemunhava a radicalização do movimento negro sob a insígnia dos Panteras Negras contra a repressão policial nas periferias. Neste mesmo país ocorriam diversas manifestações estudantis contra o sul escravocrata, em apoio ao movimento dos direitos civis e ao Vietnã. Aliás, essas manifestações anti-imperialistas contra a intervenção estadunidense no Vietnã ganharam força em diversas partes do mundo. Na Alemanha em especial, o movimento estudantil se articulou em solidariedade aos oprimidos em países de periferia do capitalismo e em relação às questões estruturais internas, como veremos mais detalhadamente a seguir. No Reino Unido ocorreram diversas greves e marchas por direitos civis, à esquerda do Partido Comunista (Varella, & Della Santa, 2018).

Nos países de capitalismo periférico, como na América Latina, diversas ditaduras militar-empresariais assolavam o território. No Brasil, foi possível constatar movimentos importantes por direitos civis e contra a ditadura militar-empresarial que perdurou por mais de 20 anos. Em junho de 1968, por exemplo, ocorreu a emblemática Passeata dos Cem Mil, uma manifestação que aglutinou estudantes, artistas e diversas outras frações da sociedade em protesto à repressão policial de estudantes tempos antes. El Salvador e a Nicarágua também

foi possível observar a deflagração de lutas antiimperialistas importantes no período (Vieira, & Garcia, 1999).

Os países de “socialismo real” também tiveram eventos importantes que expressaram as transformações profundas que o mundo sofria durante a década de 1960. A Tchecoslováquia, por exemplo, vivia a Primavera de Praga em 1968 diante da invasão do Exército Vermelho no país. A invasão se deu por conta das medidas que o país adotava para atribuir maior poder aos comitês fabris em detrimento da centralização da economia pelo Estado, bem como maior liberalização da imprensa e possibilidade de debates internos ao partido comunista do país. Tratava-se de uma tentativa de avançar em seu programa de transição e colocava em xeque a hegemonia soviética também nas sociedades pós-capitalistas. No mesmo sentido, a Polônia também teve seu processo refreado por intervenções soviéticas.

Para Mészáros (2009), esses eventos podem ser compreendidos a partir da constituição de uma crise estrutural do sistema sociometabólico do capital. Para o autor, a partir de um resgate da obra marxiana, o capital não é o mesmo que o capitalismo. O capitalismo é apenas uma das possibilidades de realização do capital, a possibilidade na qual ele se generalizou e conseguiu promover a subsunção real do trabalho ao capital.

Entretanto, antes do capitalismo, existiam outras expressões de seu sistema, como o capital mercantil, o capital usurário, entre outros. Mesmo nas sociedades pós-capitalistas, como as de “socialismo real”, o sistema de sociometabolismo do capital se fazia presente (Mészáros, 2011). Neste sentido, podemos compreender a forma generalizada que os eventos que marcaram o fim da década de 1960 atingiram os países de capitalismo central, periférico e os países de “socialismo real”.

Para apreender a constituição dessa crise, é necessário compreender os obstáculos que se colocaram ao sistema sociometabólico do capital para sua expansão. O sistema do capital

conseguiu eliminar outras formas de reprodução social por sua característica intrínseca de expansão e autorreprodução, que é possibilitada pela transformação de valor em novo valor objetivado. Durante sua fase de expansão, houve uma coincidência entre sua autorreprodução e a produção genuína. Em outras palavras, houve uma expansão das forças produtivas de forma efetiva. Durante este período, o capitalismo foi capaz de cumprir seu papel civilizador, promovendo um crescimento real da capacidade produtiva (Mészáros, 2011).

A partir de um determinado ponto, o capitalismo não foi mais capaz de cumprir sua função civilizadora e se tornou contraproducente ao aprofundar seus problemas inerentes. Com isso, ocorre o que Mészáros (2011) denomina de “disjunção radical entre produção genuína e autorreprodução do capital”, no qual o capital negligencia as barreiras à produção desenfreada para garantir sua autorreprodução. As condições relativas, como os recursos naturais finitos, são absolutizadas sem considerar as consequências reais para o futuro da humanidade e de seu próprio funcionamento. Isso é parte do modo de funcionamento do próprio sistema e provoca o aprofundamento de suas contradições (Mészáros, 2011; Paniago, 2012).

De acordo com Paniago (2012), não se trata apenas da finitude de recursos, mas da ausência de critérios reguladores desta produção. O extermínio das forças produtivas ou da própria humanidade é preferível para a manutenção de sua lógica interna. Com a consolidação de sua expansão em escala global, o capital agora só pode crescer pela destruição e reconstrução de forças produtivas e pela diminuição da vida útil de mercadorias. O capital tende a buscar a forma de menor resistência para superar os limites encontrados, ou seja, se não tem como mais se expandir pela criação de novos mercados, a via adotada é a diminuição do tempo de circulação das mercadorias.

Desse modo, a taxa decrescente de utilização, típica do sistema, teve que ser qualitativamente intensificada até o ponto em que o capital se desembarçou, em alguma medida, dos constrangimentos do consumo real motivado pelo valor de uso correspondente às necessidades humanas (Paniago, 2012, p. 48).

Mészáros (2011) demonstra como a destrutividade é componente inerente do sistema do capital, de sorte que o crescimento observado no pós-Segunda Guerra pela sociedade de consumo apenas serviu para “adiar” a explosão de suas contradições. O crescimento do capital observado durante um século não encontra mais as mesmas condições de reprodução. Sua determinação mais interna (orientado para a expansão e guiado pela acumulação) por um período formou uma curva ascendente, mas que chegou em seu limite nos anos 1970 e acarretou em uma crise estrutural sistêmica.

Neste tipo de crise, seus aspectos destrutivos são infinitamente intensificados, de forma que demonstram sua incontrolabilidade e apontam para a autodestruição do sistema e da humanidade. Essa crise se dá pela restrição à sua tendência expansiva e demonstra a inutilidade de qualquer tentativa de controle racional. Mesmo os controles antes logrados só foram possíveis se compatíveis com sua lógica de expansão e acumulação (Mészáros, 2011).

O sistema do capital como forma de controle sociometabólico é estruturalmente incapaz de tratar as causas como causas por colocar em questão sua razão de existência, ou seja, sua forma de resolver os problemas e contradições que ele mesmo gera é focado apenas nos efeitos e consequências. A crise estrutural não se relaciona a limites imediatos, relativos, mas a limites estruturais, intransponíveis internamente. Seus limites absolutos colocam em ação a própria estrutura causal. Com isso, adentramos em um novo padrão linear de movimento do sistema, no qual as crises que antes eram tidas como exceção agora se tornam regra. Trata-se de um *continuum* depressivo, expressão de uma crise cumulativa, permanente e crônica, cada vez mais profunda e acentuada (Mészáros, 2011; Paniago, 2012).

Neste sentido, para a perspectiva revolucionária é fundamental a diferenciação de uma crise cíclica para uma crise estrutural. Ela advém da estrutura interna do sistema, composto pela produção, consumo e circulação/realização. Essas três dimensões são intimamente interligadas, de forma que caso haja algum impedimento localizado em uma das instâncias, a outra pode compensá-la (ex.: obstáculos para a produção compensados pela ampliação do consumo). Isso pode dar uma aparência de crise estrutural, mas não é. A crise estrutural se dá quando essas três instâncias não podem mais fazer intercâmbios e se compensarem, ou seja, não podem mais cumprir sua função de deslocar as contradições e entram em um processo cumulativo, estrutural e explosivo. Este tipo de crise não coloca em xeque apenas a esfera socioeconômica, mas o capitalismo em seu fundamento como um todo (Mészáros, 2011; Paniago, 2012).

## **1.2. Antecedentes, determinantes e consequências de 1968 na Alemanha**

A Alemanha foi um dos palcos centrais da Guerra Fria, tendo seu território dividido entre a República Federal da Alemanha (RFA) do lado ocidental, capitalista, ocupado pelos Aliados (Estados Unidos, França e Reino Unido) e a República Democrática Alemã (RDA) do lado oriental, comunista e ocupada pela União Soviética ao fim da Segunda Guerra Mundial. O governo da RFA era caracterizado por uma coalizão e contava com uma ínfima oposição, em partes devido aos efeitos do “Milagre Econômico” do pós-Segunda Guerra. Isso contribuía em grande escala para a manutenção da centro-direita no poder durante os anos da Guerra Fria.

Soma-se a isso a inflexão política ocorrida no Partido Social Democrata Alemão (SPD) a partir da década de 1950. O SPD chegou a compor uma coalizão a partir de 1966 com a União Democrática Cristã (CDU), partido à frente do governo da RFA. Neste período

também observou-se uma aproximação do SPD ao ordoliberalismo<sup>5</sup> e notada evasão de marxistas do SPD. O governo vigente também demonstrava certa flexibilidade ao passado nazista alemão, uma vez que vários membros do extinto regime integravam seu quadro (Teixeira, 2018).

Neste cenário, uma oposição ao governo, alega Teixeira (2018), parecia bem improvável. Assim, é importante analisar de que forma essa oposição se formou e quais foram as forças que a compuseram para melhor apreender sua dinâmica. Essa coalizão entre o SPD e a CDU foi influenciada pela queda do crescimento econômico ocorrido em 1966. Essa redução de crescimento também contribuiu para uma rearticulação da direita neonazista e para a estruturação de uma oposição de esquerda ao governo. O movimento de oposição tinha suas raízes no movimento antinuclear de 1958 contra armas atômicas e se denominava Oposição Extraparlamentar (APO), encabeçada pela Federação Socialista dos Estudantes Alemães (SDS) e rompeu, ainda no início da década de 1960, com o SPD, após sua inflexão política.

Teixeira (2018) caracteriza o movimento estudantil alemão do início da década de 1960 como afastado da classe trabalhadora. Diferente da França, onde houve alianças significativas com os trabalhadores e ocorreu a maior greve da história do país no período, na Alemanha essa coalizão foi bastante circunscrita, o que deu um aspecto particular para as manifestações e sua dissolução.

Alguns fatores são apontados por Teixeira (2018) como determinantes para esse afastamento, como a morte de lideranças comunistas durante o regime nazista e a dificuldade de reorganizar uma oposição que fosse capaz de enfrentar as três distintas potências que ocuparam o território. Outro fator foi a fusão do fragmento oriental do SPD com o Partido

---

<sup>5</sup> Forma específica adotada no pós-Segunda Guerra Mundial alemão de intervenção estatal para corrigir as “imperfeições” do capitalismo. Semelhante ao keynesianismo estadunidense, se diferencia deste por ter maior preocupação com a exportação e valorização da moeda internacionalmente. Para maior detalhamento, consultar Klein (2014).

Comunista da Alemanha (KPD) na República Democrática Alemã. Isso recrudesceu o anticomunismo já generalizado na República Federal da Alemanha por esse partido, uma vez que sua fração ocidental buscava se distanciar do comunismo. O próprio Partido Comunista da Alemanha já era proibido na porção Ocidental desde 1956. Ademais, a atuação do Exército Vermelho na RDA e em outros países, como a Tchecoslováquia e Polônia, intensificava a impopularidade soviética.

A SDS foi fundamental para a mobilização estudantil e era um grupo heterogêneo, com tendências múltiplas, como trotskistas, maoístas e solidários ao “Terceiro Mundo”. A autora sinaliza que a redescoberta do marxismo neste período se deu em grande parte pela via da Teoria Crítica da Sociedade (Teixeira, 2018).

Inicialmente nas universidades, as ações da SDS incidiam na forma de organização dos conselhos universitários, exigindo paridade entre funcionários, docentes e discentes nas deliberações, além de reivindicarem mudanças nos métodos avaliativos. Outras manifestações de caráter mais amplo, anticolonial e anti-imperialista com reivindicações sociais também tiveram palco neste período. Em geral, essas ações eram concitadas pela ausência de enfrentamento ao passado nazista, solidariedade a processos revolucionários, oposição às leis de emergência e crítica ao autoritarismo institucional (Teixeira, 2018).

Como supracitado, os eventos que demarcaram 1968 não foram restritos à França. Na Alemanha, por exemplo, diversas foram as manifestações que agitaram o país no período, marcado por um ascenso dos movimentos estudantis e com um caráter anticapitalista. Entretanto, esses eventos não ocorreram de forma súbita ou inconsequente como geralmente é retratado, mas representaram a intensificação de um processo que se iniciou anteriormente.

Na República Federal da Alemanha (RFA), sobretudo na Universidade Livre de Berlim (*Freie Universität Berlin* - FUB) emergiu uma onda de movimentos estudantis

impulsionados pelo marxismo e por processos revolucionários em curso em países como Cuba, Congo e Vietnã. Sobre suas motivações, Teixeira (2018) afirma que,

em síntese, as insurreições giravam em torno de oposições à guerra americana no Vietnã, à ditadura do xá iraniano, ao monopólio da imprensa Springer, às estruturas autoritárias, à ordem estabelecida, à ordem industrial e suas consequências na sociedade, à reforma universitária, à coalizão governamental, à legislação de estado de emergência (Notstandsgesetze) e ao não enfrentamento do passado nazista pela sociedade alemã (p. 217).

Relativo à Psicologia, em adicional aos motivos supracitados, esses movimentos também provocaram críticas e alternativas à própria produção de conhecimento, à forma de ensino e à relação entre teoria e prática social, como veremos a seguir de forma mais detalhada. A própria origem da FUB, universidade que concentrava parte desses movimentos estudantis, nos dá pistas para sua constituição enquanto lócus de resistência (Tolman, 2003).

A primeira universidade criada na cidade de Berlim foi a Universidade de Humboldt, ainda em 1810. Ao fim da II Guerra Mundial, sua estrutura se encontrava comprometida, tanto administrativa quanto fisicamente. Por estar localizada na República Democrática Alemã (RDA), parte oriental da cidade durante a Guerra Fria, os soviéticos fomentaram a sua reconstrução e reestruturação, reaberta em 1946. Em sua reabertura, a promessa era de uma instituição voltada ao atendimento da classe trabalhadora incapaz de financiar seus estudos e às pessoas vítimas do Nazismo. Todavia, a universidade foi palco de diversos episódios de prisão e jubramento de estudantes, acusados de serem espões do Ocidente e representarem uma ameaça ao stalinismo (Tolman, 2003).

Ao mesmo tempo, na RFA, os franceses e ingleses não tinham grande interesse na universidade, mas os estadunidenses eram ambivalentes em relação à sua existência, pois consideravam importante garantir que os estudantes não residiriam em sua parte da cidade. Em 1948 ocorreu uma reunião de estudantes no setor britânico como forma de resposta aos

episódios ocorridos na Universidade de Humboldt, o que foi um importante motivador para a criação de uma universidade financiada pelos Estados Unidos.

Com isso, no mesmo ano dessa reunião foi criada a Universidade Livre de Berlim, a FUB. Sua construção foi em grande parte financiada pela Fundação Ford, mas os americanos não fizeram questão do controle e sua administração ficou a cargo dos alemães. Seu corpo docente foi também composto por lideranças estudantis jubiladas da Humboldt que defendiam a admissão de parcelas mais precarizadas da sociedade. Em pouco tempo de criação, a FUB se tornou um foco de protestos e contestações progressistas.

Vários eventos, sobretudo a partir da metade da década de 1960, ocorreram até culminar no 1968 alemão. Para se ter uma dimensão da configuração política e da radicalização do movimento estudantil nessa época, alguns desses eventos merecem destaque. Tolman (2003) assinala o protesto contra a visita do Primeiro-Ministro do Congo, Moïse Tshombe, em 1964, como o primeiro ato público do movimento estudantil desta universidade. Eles protestaram contra sua visita por sua responsabilidade no assassinato de Patrice Lumumba, importante militante anti-imperialista que desempenhou papel fundamental na independência do Congo e foi vítima de um golpe de Estado.

Em 1965 os estudantes organizaram um evento para discutir a condução política da Alemanha após a guerra no qual um dos convidados era um jornalista, Erich Kuby, crítico da administração da FUB desde sua fundação. O reitor proibiu sua entrada no campus e cerca de 3 mil estudantes protestaram contra sua censura. De acordo com Tolman (2003), os protestos ganharam fôlego a partir de maio deste ano, aumentando sua frequência e proporção.

No entanto, o evento responsável pela radicalização dos movimentos estudantis ocorreu em 1967, durante um protesto contra a visita do Xá do Irã no dia 2 de julho. No dia anterior, os estudantes realizaram uma reunião na universidade com cerca de 2 mil alunos

para ouvir os relatos de um iraniano exilado, Bahman Nirumand, sobre as atrocidades do governo do Xá. Ele havia proibido a existência de partidos políticos e implementou uma rede de espiões por todo o país. Sua restauração no poder contou com o apoio da CIA, central de inteligência dos Estados Unidos. Além disso, havia várias denúncias por parte da Anistia Internacional sobre assassinatos, torturas e prisões políticas no Irã (Funke, 2018; Tolman, 2003).

No dia da manifestação, o Xá levou cerca de 80 homens com tacos para sua recepção e esses homens acabaram atacando os estudantes em resposta às vaias. Com isso, a polícia interveio contra os estudantes para dispersá-los. A notícia logo se espalhou e, à noite, durante um evento na Casa de Ópera ao qual o Xá também iria comparecer, um número ainda maior de manifestantes apareceu. Ao fecharem as portas do local e com o início da dispersão da manifestação, a polícia mais uma vez atacou a multidão e resultou na morte de Benno Ohnesorg, um estudante da FUB de 26 anos sem histórico militante. Sua única filiação era a uma congregação evangélica na universidade. De acordo com uma testemunha ocular, um grupo de cerca de 6 policiais o encurralou e o executou durante a dispersão do protesto, sem que ele apresentasse resistência (Funke, 2018; Tolman, 2003). O prefeito da cidade saiu em defesa da polícia:

A paciência da cidade está no fim. Várias dezenas de manifestantes, incluindo estudantes, receberam o triste crédito de ter não apenas insultado um hóspede da Alemanha Ocidental na capital alemã, mas para sua conta vão também um morto e numerosos feridos – policiais e manifestantes. A polícia, provocada por vândalos, foi forçada a seguir em frente e usar seus cassetetes. Digo explicitamente e enfaticamente que aprovo o comportamento da polícia e que, pessoalmente, me convenci de que a polícia resistiu nos limites da razoabilidade (Mager, & Spinnarke, 1967, citado por Funke, 2018, p. 145).

No mesmo sentido desse pronunciamento, a forma como a imprensa falseava os relatos das manifestações e depreciava a esquerda de forma geral, sobretudo os meios de comunicação ligados ao grupo Springer, motivaram a criação de um currículo paralelo na universidade. Foi então que, em julho deste mesmo ano, um grupo de estudantes inaugurou a Universidade Crítica (Teixeira, 2018).

Inicialmente organizado pelo presidente da assembleia estudantil da FUB e mais 40 outros estudantes, a Universidade Crítica tinha como objetivo realizar uma crítica à universidade e aos conteúdos ministrados, ao mesmo tempo que almejavam uma aliança com a classe trabalhadora. Eles realizavam atividades para o público da FUB com o objetivo de discutir a função política da educação e como se dava o ensino superior alemão de forma geral. Outros cursos voltados para a comunidade externa da universidade tinham como objetivo demonstrar a relação entre o capitalismo e os problemas enfrentados, além de pensar estratégias conjuntas de ação política (Teixeira, 2018).

Em pouco tempo a administração da FUB proibiu o uso de suas dependências para realizar o projeto e até tentaram procurar formas de incriminar os estudantes. Entretanto, isso foi o suficiente para dar impulso a outras ações, gerando debates inclusive dentro do próprio Instituto de Psicologia onde Holzkamp era professor (Tolman, 2003).

Em fevereiro de 1968, a SDS realizou o Congresso Internacional sobre o Vietnã com cerca de 5 mil estudantes e posterior ato de encerramento do evento com mais de 15 mil pessoas. Esta manifestação foi carregada de simbolismo por ser realizada justamente na cidade dividida pela Guerra Fria, situada entre a Europa Oriental e Ocidental. Ela contou com a presença de manifestantes de outros países, como a França, estudantes que mais tarde encabeçaram o 1968 francês (Bensaid, 2008).

Em abril do mesmo ano, ocorreu um protesto no qual Rudi Dutschke sofreu um atentado, levando um tiro na cabeça de um homem que alegou ser motivado por notícias conservadoras vinculadas pelo grupo Springer. Doutorando de filosofia na FUB, Dutschke era um dos estudantes provenientes da RDA antes da construção do Muro de Berlim e veio a falecer em 1979, em consequência desse atentado. Os estudantes intensificaram suas ações contra o grupo Springer, chegando a reivindicar sua desapropriação (Tolman, 2003; Teixeira, 2018).

Logo após Rudi Dutschke ser baleado, ainda em 1968 uma Lei de Emergência foi introduzida com o intuito de restringir a liberdade de expressão dos estudantes progressistas. A lei incriminava todo ato considerado subversivo pelo Estado. O Instituto de Psicologia da FUB empreendeu discussões sobre a promulgação da lei, voltando seus debates por 14 dias a divulgação de informações e tentativas de organização política contra sua implementação. Tolman (2003) relata que a partir daí os estudantes iniciaram uma reivindicação de democratização do instituto com conquistas significativas no ano seguinte, sendo a única unidade da universidade que contou com a aliança entre professores e alunos para sua transformação.

A oposição a essa lei foi justamente o marco do Maio de 68 alemão. Neste mês ocorreu a decisão final sobre a promulgação da Lei de Emergência, que contava com ampla oposição dos estudantes, luteranos, professores, movimentos trabalhistas e intelectuais. Contudo, os sindicatos de trabalhadores optaram por não realizar greve em apoio ao movimento como reivindicado pela APO (Teixeira, 2018; Tolman, 2003).

No campo da Psicologia, em setembro de 1968 ocorreu o congresso da Sociedade Alemã de Psicologia em Tübingen, marcado por uma manifestação de um grupo de cerca de 20 estudantes contra a apropriação da Psicologia apresentada no evento. Os estudantes

questionavam a centralidade do debate em questões técnicas de testes de personalidade em detrimento dos abusos políticos realizados com base nesses testes. A insatisfação culminou no Congresso de Psicologia Crítica e Oposicional em maio de 1969, em Hannover. Esse congresso foi caracterizado por uma divisão entre aqueles que defendiam a destruição da Psicologia e os que advogavam a possibilidade de uma Psicologia com caráter crítico (Tolman, 2003; 2009).

O grupo que defendia o descarte da Psicologia argumentava que a resistência ao capitalismo não era possível a partir do conhecimento psicológico, mas sim da ação política desvinculada do capitalismo. A Psicologia era um instrumento de dominação da sociedade burguesa com caráter puramente reformista, sem alterar as coisas em sua essência. Este grupo afirmava a impossibilidade de existir uma Psicologia crítica e oposicional e a solução seria se opor radicalmente à ciência psicológica tanto prática quanto teoricamente. Uma das sugestões dadas foi a distribuição de testes psicológicos para a população com a finalidade de invalidar seu uso em escolas e indústrias (Tolman, 2003; 2009).

Já os estudantes que vindicavam a possibilidade crítica do conhecimento psicológico, composto majoritariamente por estudantes da FUB, reconheciam que o capitalismo é o ponto de partida para toda ação, pois não é possível realizar qualquer tipo de ação fora das relações sociais nas quais estamos inseridos. A Psicologia burguesa de fato não é capaz de responder à necessidade imperante de transformação revolucionária e, mesmo que crítica, ela sozinha não realizará essa transformação. Mas à luz de uma teoria crítica, o conhecimento psicológico pode contribuir inclusive para a compreensão dos processos que medeiam a dominação (Tolman, 2003; 2009).

Ainda em 1969, uma Lei Universitária com os objetivos de reorganizar cursos e unidades da universidade e de reestruturar o conselho universitário foi implementada. A lei

iria extinguir as faculdades para dar lugar aos departamentos e garantir a participação dos estudantes no conselho universitário, com a extinção de seu conselho estudantil independente e destinando peso de voto inferior à metade dos professores. Os alunos chegaram a reivindicar a restituição de um conselho independente e, diante da negativa da universidade, criaram as chamadas Células Vermelhas, uma em cada departamento (Tolman, 2003).

As Células Vermelhas tiveram enorme importância e representaram o “renascimento” de Marx ao fim da década de 1960. Seus núcleos realizavam vários grupos de estudo sobre o materialismo histórico-dialético e Holzkamp chegou a assumir algumas tarefas junto com os estudantes. Como exemplo, no semestre de inverno de 1969, foi oferecido um curso sobre a crítica da economia política no Instituto de Psicologia (Tolman, 2009).

No interior da FUB, neste período as demandas por democratização do Instituto de Psicologia foram consolidadas. As decisões passaram a ser tomadas por um conselho composto por estudantes, professores e técnicos da universidade e não mais apenas pelos professores. Além disso, houve a união do Instituto de Psicologia à Faculdade de Filosofia para reafirmar seu caráter crítico-social (Teo 1998; Tolman, 2003).

Entretanto, parte dos professores que se declaravam liberais não aceitaram as transformações de forma pacífica. A polarização dentro da Psicologia na FUB se acirrou ao ponto de haver uma divisão em dois institutos de Psicologia e sua reunificação só ocorreu após a queda do Muro de Berlim, em 1993. Assim, em 1970 ocorreu a criação do Instituto Psicológico na Faculdade de Educação, em oposição ao Instituto de Psicologia (Leiser, 1999; Teo, 1998).

Do relato da organização e repressão dos movimentos sociais desse período sobressai o fato de que na parte ocidental de Berlim a censura e a repressão apareciam como imperativo. Também na RDA, com sua promessa de liberdade de expressão sob a égide do

capital, a abertura aos movimentos sociais era ínfima. A repressão de manifestações, assassinato de estudantes e perseguição política de lideranças estudantis e até mesmo professores eram práticas corriqueiras. A própria FUB, universidade que originou como alternativa aos processos repressivos da Universidade de Humboldt, em vários momentos foi hostil aos seus estudantes.

Quanto à expressividade das manifestações, como tendência em outros países, o que se assistiu nos anos seguintes foi certo abrandamento desses movimentos e relativo afastamento do marxismo. A dissolução da SDS em 1970 teve como consequência a fragmentação do movimento em várias correntes. Dois anos antes, em 1968 também houve a reconstituição do Partido Comunista Alemão, agora DKP. Outros grupos adotaram uma perspectiva reformista, como a criação do Partido Verde e a constituição de alas mais à esquerda no SPD. Como exceção, alguns grupos chegaram a adotar ações mais radicais<sup>6</sup> sem correspondente respaldo da classe trabalhadora, num momento em que os trabalhadores defendiam certo reformismo (Teixeira, 2018).

### **1.3. A Psicologia Social da Alemanha na Guerra Fria**

A difusão das obras dos psicólogos soviéticos na RFA ocorreram de forma tardia. Fichtner (2015) destaca que a publicação de “Pensamento e Linguagem” de Vigotski, por exemplo, só ocorreu em 1969 a partir de um trabalho de Bruner. Aliás, sua apropriação inicial

---

<sup>6</sup> O grupo mais emblemático de táticas radicais foi a Fração do Exército Vermelho (*Rote Armee Fraktion - RAF*), mais conhecido como Grupo Baader-Meinhof. Eles se inspiravam em revolucionários latinoamericanos como Che Guevara e Carlos Marighella, chegando a fazer um Minimanual do Guerrilheiro Urbano. Sua via radical consistia, entre diversas outras ações, em explosões no Quartel General dos Estados Unidos na Alemanha e centrais de polícia, exigindo o fim da intervenção militar dos Estados Unidos no Vietnã. Alguns filmes de relativo destaque retratam algumas dessas ações, como *Deutschland im Herbst* (1978), *Die Stille nach dem Schuss* (2000) e *Der Baader-Meinhof Komplex* (2009).

teve um caráter cognitivista, sendo equiparado a Bruner e Piaget. Os raros esforços no sentido de utilizar as obras de Vigotski, Luria e Leontiev surgiram a partir da década de 1970 e dificilmente ganhavam espaço no meio acadêmico. Essa dificuldade foi incrementada em 1972, quando houve o “Decreto dos Radicais”, ou a Proibição de Trabalho no Serviço Público (*Berufsverbot*), que impedia a entrada de pessoas com alguma relação com o marxismo no serviço público alemão.

Em um trabalho sobre a história do periódico “Psicologia Social” (*Social Psychology*) na Alemanha, anteriormente chamado “Revista de Psicologia Social” (*Zeitschrift für Sozialpsychologie*), Corcoran, Häfner, Kauff e Stürmer (2019) tecem contribuições à compreensão da Psicologia Social alemã da década de 1970. O desenvolvimento do campo se deu de forma distinta na RFA e RDA. No lado Ocidental, Holzkamp é apontado como um de seus precursores e foi um dos fundadores da primeira revista dedicada à Psicologia Social.

Quando criada, seus objetivos eram aglutinar os trabalhos de pesquisa do campo em língua germânica e provocar discussões críticas sobre seus métodos, teorias, antecedentes, objetivos e problemas de pesquisa. Esse periódico foi um importante fortalecedor do campo, exercendo papel fundamental para sua institucionalização. Em 1986 foi fundada a Divisão de Psicologia Social da Sociedade Alemã para a Psicologia, com grande participação do pesquisador. Por algum tempo, devido à pequena quantidade de pesquisadores envolvidos em sua organização, algumas pessoas acreditavam que o periódico “Revista de Psicologia Social” pertencia à Divisão (Corcoran, Häfner, Kauff, & Stürmer, 2019).

Vale destaque à certa ambiguidade em relação ao termo “psicologia crítica”, sobretudo na RFA, uma vez que a proposta da PCA não foi o único enfoque crítico proposto na época. Teo (1998) ressalta a existência de uma proposta positiva de “Psicologia Crítica” com letras maiúsculas como aquela organizada em torno do grupo de pesquisa de Klaus Holzkamp. Por

outro lado, um grupo de “psicologia crítica” com letras minúsculas agregava um conjunto de indivíduos politicamente orientados que comungavam de certa insatisfação com a psicologia hegemônica, mas não chegaram a constituir um programa de pesquisa específico, como o de Holzkamp.

No lado Oriental, a Psicologia tinha uma orientação mais próxima às ciências naturais, o que possibilitava um espaço menor ao campo. Soma-se a isso o fato de as pesquisas terem uma orientação ideológica obrigatória por conta do governo, devendo aliar-se ao “marxismo-leninismo” oficializado pelo Estado, compelindo os pesquisadores a conciliarem diversas demandas. Com isso, a Psicologia Social da RDA se concentrou em questões específicas, como o treinamento de grupos de trabalho em contexto de produção. O diálogo, ainda que ínfimo, entre os acadêmicos ocidentais e orientais da Europa se dava sobretudo por intermédio da Associação Européia de Psicologia Social, criada em 1966 (Corcoran, Häfner, Kauff, & Stürmer, 2019).

Relativo à apropriação da Abordagem Histórico-Cultural de Vigotski, Luria e Leontiev, Fichtner (2015) destaca que “Pensamento e Linguagem” foi publicado 5 anos antes na RDA, em 1965. Entretanto, uma maior recepção das obras desses psicólogos soviéticos só se deu a partir da década de 1970, com diversas dificuldades. Joachim Lompscher, professor universitário, ex-estudante da Universidade de Moscou e um dos precursores na difusão das obras soviéticas, relata que conseguiu publicar apenas dois dos seis volumes da coletânea soviética de Vigotski, sem grande repercussão. Além disso, sua tentativa de buscar contribuições da teoria da atividade para a educação teve sua publicação proibida por destoar das diretrizes do Ministério da Educação.

## 2. MOVIMENTO E INFLUÊNCIAS NA OBRA DE KLAUS HOLZKAMP

Uma vez que o presente trabalho tem como objetivo se apropriar da fase ulterior da produção de Klaus Holzkamp, faz-se necessário uma investigação do caminho percorrido por Holzkamp que culminou na chamada Ciência do Sujeito. Assim, o intento deste capítulo é relacionar suas inflexões teóricas com as transformações históricas e sociais nas quais sua obra foi gestada.

Diversos trabalhos se debruçaram sobre essas mudanças ao longo de sua produção, algumas com uma perspectiva evolutiva, que compreende a Ciência do Sujeito como finalização do desenvolvimento linear da teoria de Holzkamp e que resulta em sua Ciência do Sujeito<sup>7</sup>. Papadopoulos (2009) representa um exemplo desta análise, valorizando o momento de ênfase no indivíduo na obra de Holzkamp como sua maior contribuição.

Outros interpretam as transformações tendo como avaliação a radicalidade da transformação social proposta, destacando as contradições existentes na obra do autor. Teo (1998) realiza sua investigação nesta perspectiva e busca compreender suas inflexões com as transformações sociais nas quais a obra de Holzkamp foi produzida. Assim, temos aqui uma perspectiva que não considera sua obra de forma linear, mas salienta suas contradições. O autor divide sua obra em quatro fases: (1) período pré-crítico (até 1968); (2) período

---

<sup>7</sup> Esperamos fornecer mais elementos para a compreensão do termo. Por ora, podemos afirmar que *Subjektwissenschaft* pode ser traduzido como “Ciência do Sujeito”. Entretanto, alguns autores, com o objetivo de ressaltar a cisão entre sujeito e objeto operada pelo enfoque “sujeito-científico” (*Subjektwissenschaftliche*) de Holzkamp, lançam mão da tradução “Ciência do ponto de vista do Sujeito”. Assim, esses autores buscam demonstrar a importância e a imbricação do sujeito em sua proposição teórica. Ao que tudo indica, esta tradução também ressalta as contribuições fenomenológicas apropriadas pelo autor. Entretanto, optamos por “Ciência do Sujeito” por três motivos: (1) por ter uma maior difusão; (3) em alguns momentos Holzkamp se referir à PCA como uma ciência marxista do sujeito (Markard, 2015); e (3) por considerar uma tradução mais fidedigna do alemão.

crítico-emancipatório (1968-1972), (3) período crítico-conceitual (1973-1983) e (4) período sujeito-científico (1984-1995).

Dentro de seus limites, as duas perspectivas contribuem para uma melhor compreensão do movimento de conceitualização do pesquisador. Neste sentido, buscaremos também manter a tensão entre as duas possibilidades analíticas e defender os pontos coerentes com a presente investigação. Entretanto, vale ressaltar algumas limitações impostas a essa parte da exposição, uma vez que se deterá aos textos de comentadores e continuadores de sua obra.

Em um segundo momento, após realizar uma contextualização da Ciência do Sujeito dentro da totalidade da obra de Klaus Holzkamp, intentamos investigar as principais influências para a consolidação desta parte de sua obra. Esta porção terá como foco explorar sua apropriação da Psicanálise e da Fenomenologia, recorrendo a textos de autoria de Klaus Holzkamp e de comentadores de sua obra.

## **2.1. Do construcionismo à Ciência do Sujeito: rumos e percursos de Klaus Holzkamp**

O início de sua carreira acadêmica é marcado por uma produção no campo do construtivismo, no qual o pesquisador já realizava críticas à Psicologia. Essas críticas eram, sobretudo, metodológicas e versavam sobre a relação entre experimentos e teorização com o objetivo de buscar um conhecimento mais preciso (Papadopoulos, 2009; Teo, 1998).

Seu livro de 1964, “Teoria e Experimento na Psicologia” (*Theorie und Experiment in der Psychologie*) atesta que alguns experimentos eram realizados com o fim de afirmar ou recusar determinada teoria de uma forma enviesada, a depender da necessidade do pesquisador. Neste sentido, Holzkamp buscou uma revisão imanente das postulações e metodologias da Psicologia (Papadopoulos, 2009; Teo, 1998).

Esse esforço não era meramente contemplativo, mas buscava compreender e ampliar a capacidade de intervenção de teorias socialmente produzidas. Para isso, o pesquisador negou uma lógica normativa e objetivista com fundamentação ahistórica que guiava as investigações psicológicas. Seu esforço centrava-se em buscar a consistência e genealogia dos conceitos, ou seja, compreender criticamente a produção de conhecimento e a epistemologia em si. Para isso, utilizou em grande medida a metodologia experimental para demonstrar inconsistências decorrentes de experimentos e reforçados pela Psicologia dominante (Papadopoulos, 2009).

Nesta mesma linha de trabalho, em “Ciência como ação” (*Wissenschaft als Handlung*) de 1968 sobre a filosofia da ciência, Holzkamp defende que a Psicologia cria a realidade com seus experimentos. Neste período, se deparou com vários obstáculos inerentes à lógica dos procedimentos experimentais que só poderiam ser superados com uma mudança epistemológica substancial (Teo, 1998).

Teo (1998) classifica essas duas obras como pertencentes a um “período pré-crítico” que se estendeu até 1968, embora já tivesse um caráter de resgate crítico do campo psicológico. Neste período ele não questionava a validade dos experimentos em si para a Psicologia, mas centrou esforços em estabelecer critérios para a construção de experimentos válidos, projeto recusado futuramente por ele mesmo. Ainda não havia menção à possibilidade de outro arranjo social, mas foi caracterizado pela diligência em construir uma Psicologia “melhor”.

A partir de 1968 e com sua relação com o movimento estudantil da FUB, Holzkamp operou uma transformação teórica radical em sua trajetória acadêmica, adentrando no que Teo (1998) denominou como “período crítico-emancipatório”, estendendo-se até 1972. O contexto pós-Segunda Guerra na Alemanha e os problemas específicos dele decorrente são extremamente relevantes. Como explorado anteriormente, a Guerra Fria, as estruturas

autoritárias sobretudo nas universidades, a incapacidade de lidar com o passado da Alemanha e o ocultamento do envolvimento direto das gerações anteriores no Nazismo em detrimento do crescimento econômico sensibilizou os estudantes. Deste modo, a FUB se tornou um locus de agendas alternativas, resultando, por exemplo, na fundação da Universidade Crítica em 1967 para preparar seus estudantes para atuação política baseada em conhecimentos científicos.

O movimento estudantil alemão teve influência direta no trabalho de Holzkamp, o que contribui para a compreensão de sua busca por uma psicologia “melhor” e não apenas uma crítica à Psicologia. Isso se dava não apenas pela limitação das teorias psicológicas, mas por sua incapacidade de lidar com os problemas históricos emergentes, era incapaz de dar conta da realidade. Assim, sua proposta era ter uma investigação orientada pelos problemas existentes (Teo, 1998).

Diante da insuficiência teórica da Psicologia para lidar com os problemas históricos emergentes, ele tentou realizar um resgate crítico do que se tinha produzido até então, buscando questionar a relevância desta prática, identificar problemas metodológicos e destacar as suposições ideológicas operadas por essas teorias. Papadopoulos (2009) sinaliza uma mudança em sua concepção, transitando de uma crítica epistemológica para uma crítica à própria ciência e à sua função social.

Para ele, o objeto da psicologia corresponde a uma relação entre sujeito-sujeito e não sujeito-objeto. Em um texto sobre a relevância da prática psicológica, Holzkamp argumentava que os experimentos psicológicos dependem da aceitação de papéis pré-definidos, reversíveis e, caso a pesquisa fosse feita de forma cooperativa, a Psicologia como ciência natural se perderia. Ademais, os problemas da Psicologia tradicional eram reflexo ideológico das demandas sociais e históricas que buscavam responder. Em outras palavras, eram resultado da

ideologia burguesa, uma vez que o sujeito é considerado de forma concreta, enquanto a sociedade de forma abstrata. A Psicologia dominante estabelece seus objetivos descolados do “mundo” ou do “contexto”, com postulados à priori implícitos que mascaram sua natureza repressiva e legitimadora das estruturas de poder. Partindo do marxismo, enquanto o indivíduo for cindido de sua posição histórico-social, seu conceito não passa de uma abstração (Teo, 1998).

Assim, a partir de 1968, o autor empreendeu críticas aos seus antigos trabalhos, classificando-os como reduções instrumentalizadas de ciência e sinalizou sua inflexão socialista rumo ao marxismo clássico. Em 1972, o autor publicou “Psicologia Crítica: Trabalhos Preparatórios” (*Kritische Psychologie: Vorbereitende Arbeiten*), no qual ele resgatou os trabalhos críticos em Psicologia em circulação na Alemanha e destacou questões importantes para a elaboração de uma ciência emancipatória.

Podemos, assim, compreender de forma mais acurada diante de quais circunstâncias se deu a aproximação de Holzkamp ao marxismo. O caráter insurgente que o autor atribui à sua obra a partir de 1968 sinaliza sua busca por outro tipo de sociabilidade, algo que fica mais explícito nos anos seguintes. Vale ressaltar a relação desenvolvida por sua obra com os movimentos sociais e as transformações históricas em curso.

Ao historicizar expressões da Psicologia Crítica que lançaram mão do marxismo, Lacerda Jr (2015) ressalta três elementos preponderantes para essa aproximação. O primeiro é a possibilidade de autonomia para seu desenvolvimento, pois se dá em momentos históricos que intensificam a possibilidade de “suspensão” da vida cotidiana. Nestes momentos, a ciência enriquece a vida cotidiana ao funcionar como base para a emergência de uma concepção de mundo condicionada historicamente e orientadora da ação humana.

O segundo elemento que possibilita a emergência de tendências insurgentes da Psicologia Crítica é o estabelecimento de alianças com classes exploradas e oprimidas. Somente com a escolha da perspectiva dos setores oprimidos e explorados da sociedade que o conhecimento da realidade se torna possível e efetivamente crítico, pois são esses grupos que buscam a libertação (Lacerda Jr, 2015).

O terceiro elemento é a intensificação de atividades revolucionárias e ofensivas políticas. Nos momentos de ofensiva anticapitalista são lançadas duras críticas às concepções hegemônicas de indivíduo e sociedade, possibilitando elaborações da Psicologia que superam a cisão entre ambos (Lacerda Jr, 2015).

Como veremos, a PCA à qual Holzkamp contribuiu, tem como principal motivador a insuficiência da Psicologia para lidar com os problemas sociais emergentes. Em um momento de acirramento de lutas e mobilizações sociais, o envolvimento do professor e pesquisador com as ações empreendidas pelos estudantes promoveu a apropriação do marxismo para responder a esses problemas negligenciados pela Psicologia. Como exposto anteriormente, os diversos acontecimentos em torno de 1968 promoveram um ambiente profícuo para essa aproximação segundo esses termos.

Teo (1998) também reconhece a relevância de seu envolvimento com os movimentos sociais da época para sua aproximação ao marxismo. Assim, o autor ressalta três fatores como mediações preponderantes para a consolidação do que denomina “período crítico-conceitual”. São eles a radicalização do movimento estudantil, as mudanças ocorridas no Instituto de Psicologia da FUB e as experiências de Holzkamp com escândalos a nível interno e nacional.

Seu apoio ao movimento estudantil e a participação nas atividades realizadas pelas Células Vermelhas anteriormente mencionadas tiveram uma má recepção por parte dos demais professores, em especial aqueles responsáveis pela criação do novo Instituto

Psicológico na Faculdade de Educação. Neste período, a mídia, incluindo a rede estatal de televisão, também atacava Holzkamp, acusando ele e as pessoas próximas a ele de serem um foco de “corrupção bolchevique”. O professor era responsável pelo financiamento de um projeto de estudantes que era autorizado a realizar pesquisa autônoma com crianças de um bairro empobrecido de Berlim, em uma perspectiva de educação emancipadora. Alguns repórteres conseguiram algumas gravações nas quais as crianças faziam declarações de baixo calão e de teor sexual e acusavam o projeto de manipulação das crianças por marxistas (Leiser, 1999; Teo, 1998).

Os professores do Instituto Psicológico, criado em oposição às pesquisas progressistas, realizaram várias listas com nomes para entregar às autoridades e denunciar pessoas com envolvimento em atividades insurgentes, incluindo Holzkamp. Ele chegou a ser alvo de difamações internas à FUB, com questionamento acerca da cientificidade de sua produção por seu envolvimento com os estudantes. Entretanto, Leiser (1999), professor à época do Instituto de Psicologia no qual o pesquisador trabalhava, relata que seu programa de pesquisa se tornou bastante ativo e chegou a ser conhecido como Instituto Holzkamp.

Diante desses eventos, o pesquisador aprofundou sua crítica à Psicologia e aos seus próprios trabalhos, bem como apropriou-se dos princípios da abordagem histórico-cultural, com destaque para Leontiev, e da literatura marxista, como Lenin, Marx e Engels. Para Papadopoulos (2009), juntamente com a crítica à ciência que o pesquisador vinha empreendendo, neste período realizou uma crítica à própria sociedade.

Entretanto, de 1983 a 1995, o pesquisador tentou desenvolver sua Ciência do Sujeito como anunciado em “Fundamentos da Psicologia”, o que dá nome a esse período: “sujeito-científico” (Teo, 1998). De acordo com Papadopoulos (2009), Holzkamp buscou integrar o marxismo em suas proposições teóricas a fim de negar as condições de dominação

de forma positiva. Na busca de conceituar o sujeito ativo no que ficaria conhecido como “Ciência do Sujeito”, o pesquisador buscou negar as posições deterministas da sociedade sobre o sujeito, ou como internamente determinado. Neste período, Holzkamp compreende que o sujeito age a partir de diversas possibilidades dadas dentro de um contexto social historicamente determinado. Suas ações não são aleatórias, ao mesmo tempo que não são determinadas de modo que o sujeito seja uma força passiva. Ademais, suas ações têm uma fundamentação subjetiva, ainda que não sejam compreensíveis de um ponto de vista externo ou até mesmo para o próprio sujeito.

Assim, há uma defesa de uma metodologia monística: a única fonte de conhecimento psicológico é nos enunciados e ações do sujeito articulados por ele mesmo. A interpretação da articulação subjetiva não cabe a um ponto externo ao sujeito. A compreensão da subjetividade de uma pessoa não é possível sem seu envolvimento. Neste sentido, a pesquisa em Psicologia só é possível se considerar o sujeito como co-pesquisador. Ela não tem respostas sobre a subjetividade, apenas o sujeito pode construir essas respostas (Papadopoulos, 2009).

Neste período, o pesquisador buscou contribuições da Fenomenologia e da Psicanálise, com uma visão utópica bem mais modesta que nas duas fases anteriores (Teo, 1998). Podemos relacionar essa nova inflexão com as transformações ocorridas na época, como a dissolução de Estados de “socialismo real”, as mudanças nas políticas de contratação do Instituto de Psicologia da FUB que impediam a contratação de novos psicólogos críticos, a expansão e fortalecimento de teorias pós-modernas e demais teorias burguesas, entre outras.

Seu livro, “Fundamentos da Psicologia” (*Grundlegung der Psychologie*) de 1983, sofreu diversas críticas, sobretudo por sua fundamentação marxista e leninista e, por consequência, conter uma utopia não mais convincente. Além disso, sofreu algumas retaliações por interpretações equivocadas de suas críticas, inclusive a marxistas que não

consideravam as contribuições de Lênin para o desenvolvimento da tradição marxista. Soma-se a essas críticas o caráter teórico e de anseio de consolidação de um sistema psicológico almejado pelo autor, que foi encarado como um esforço puramente academicista e sem aplicações práticas.

Assim, em um tom de abrandamento, a Ciência do Sujeito desenvolvida por Holzkamp deveria ajudar os indivíduos a entenderem suas possibilidades e melhorar sua qualidade de vida sob as condições da sociedade burguesa. Seu livro de 1993, intitulado “Aprender: Fundamentação Sujeito-científica” (*Lernen: Subjektwissenschaftliche Grundlegung*) apresenta uma teoria de aprendizagem do ponto de vista do sujeito, na qual a pesquisa considera o sujeito como participante e co-pesquisador.

Diante deste panorama da produção de Klaus Holzkamp, cabe agora aprofundar em sua Ciência do Sujeito. Este período contou com importantes contribuições da Fenomenologia e da Psicanálise, apropriadas a partir do materialismo histórico-dialético. Contudo, essas não foram as únicas teorias com as quais o autor dialogou. Tolman (2003) destaca a relação da obra de Holzkamp com o empiricismo lógico, a teoria da falsificação, o interacionismo simbólico, a etnometodologia, entre outras.

Dadas as limitações do presente estudo, o foco na Psicanálise e na Fenomenologia tem como objetivo apresentar as principais influências de seus escritos finais. Resta, portanto, investigar essas perspectivas da forma que foram apropriadas para a constituição deste período ulterior de sua obra antes de adentrar especificamente em suas proposições.

## **2.2. Fenomenologia: a estrutura subjetiva do ponto de vista do sujeito**

A Fenomenologia é uma tradição plural e conta com diversos representantes. Entre eles podemos encontrar Franz Brentano (1838-1917), Edmund Husserl (1859-1938) e

Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), com muitas distinções entre suas obras. Assim, os apontamentos aqui expostos não tratam de uma compreensão desta perspectiva como homogênea, mas situada a partir da contribuição específica de um pesquisador com o qual Holzkamp teve contato. Apresentaremos inicialmente sua concepção e as críticas realizadas para, então, apontar as contribuições apropriadas pela PCA.

Holzkamp (1984d/2015) se apropria da obra de Carl Graumann (1923-2007), um psicólogo fenomenólogo com o qual o pesquisador teve contato durante o “III Congresso Internacional de Psicologia Crítica: A problemática da subjetividade na metodologia psicológica” de 1984, em Marburgo. Neste congresso, Holzkamp integrou, junto com Graumann, o grupo de trabalho com o tema “A exclusão da consciência da investigação psicológica: uma necessidade metodológica ou um erro com respeito ao objeto investigado?”.

A preocupação central desta perspectiva se atém ao que é especificamente humano, à relação ser humano-mundo. Assim, a Fenomenologia realiza uma “análise da estrutura” dessa relação. De acordo com as contribuições de Graumann, pode-se depreender que, para a Fenomenologia, o ser humano possui um centro de intencionalidade a partir do qual se coloca em relação com o mundo independente de si, o mundo da vida. O outro se relaciona comigo a partir de seu próprio centro de intencionalidade, assim o percebo como me percebendo. Desta forma, a experiência se dá de forma intersubjetiva; trata-se de uma estrutura recíproca (Holzkamp, 1984d/2015).

Ao me considerar um centro de intencionalidade, a realidade com a qual me relaciono será constituída por aquilo que pretendo realizar. Assim, me relaciono com o mundo de um ponto de vista específico, seja em relação ao mundo ou a mim mesmo. Esse ponto de vista específico constitui os limites da minha própria experiência. A intencionalidade, neste

sentido, implica em uma “reflexividade” da relação que estabeleço com o mundo e comigo mesmo (Holzkamp, 1984d/2015; Tolman, 2003).

A realidade, entretanto, se estende além do que tenho acesso imediato. Assim, a minha intencionalidade se constitui enquanto possibilidades que são dadas a partir do meu posicionamento diante do mundo que existe independente de mim. Este fragmento da realidade ao qual tenho acesso imediato é o que constitui minhas possibilidades de ação. A intencionalidade se dá a partir das possibilidades oferecidas por essa parcela à qual tenho acesso. Por não ter acesso à realidade em sua totalidade, diversos aspectos que contrariam a minha intencionalidade irrompem na minha experiência com o mundo. Assim, minha relação com o mundo provoca constantemente um rearranjo da minha intencionalidade a partir das resistências que a realidade opõe (Holzkamp, 1984d/2015).

A relação intencional que desenvolvo com o mundo e comigo mesmo possui uma dimensão temporal. Assim, minha trajetória de vida constitui uma historicidade fenomênica, composta pelas possibilidades realizadas ou recusadas e as possibilidades abertas para o futuro. Em linhas gerais, essa é a análise de estrutura desenvolvida pela perspectiva fenomenológica de Graumann (Holzkamp, 1984d/2015).

Por ser uma análise da estrutura da experiência subjetiva, a perspectiva fenomenológica constitui-se em um enfoque abstrato. Para Holzkamp (1984d/2015), a universalização destas estruturas para a experiência humana, descolada de sua constituição histórica e social, tem como consequência a universalização de uma característica que é historicamente constituída. Nas palavras do próprio autor:

Esta limitação do olhar torna visível somente o entorno social imediato enquanto formas da experiência imediata, de maneira que é impossível diferenciar, em primeiro lugar, quais aspectos ou dimensões correspondem às determinações meramente “naturais”, “biológicas”; segundo, quais representam determinações referidas à sociedade no plano mais geral, e em terceiro, quais são as determinações históricas

concretas do psiquismo sob relações de formação social, classe e posição específicas (por exemplo da sociedade burguesa) (Holzkamp, 1984d/2015, p. 125)<sup>8</sup>.

E continua,

enquanto *expressão específica do processo histórico-natural e histórico-social*, o psiquismo possui características objetivas que somente adquirem a qualidade de “consciência”, “experiência” subjetiva, ou coisas desse tipo, sob *condições específicas, historicamente "tardias"* (Holzkamp, 1984d/2015, p. 125, grifos do autor)<sup>9</sup>

Por essas limitações, a compreensão da experiência subjetiva contida na perspectiva fenomenológica é incapaz de abordar o objeto psicológico adequadamente. Não é possível concebê-lo como expressão de um estágio específico de desenvolvimento social, como expressão das contradições existentes na realidade objetiva e, ao mesmo tempo, como resultado de um desenvolvimento filogenético (Holzkamp, 1984d/2015).

A consciência, para Holzkamp, deve ser compreendida a partir da sua relação com as necessidades, que, por sua vez, não se constituem na estrutura subjetiva, mas na sociedade. As necessidades se constituem nas relações sociais, correspondem a um determinado estágio de desenvolvimento das forças produtivas, portanto têm uma constituição histórica. Essa compreensão só é possível com uma metateoria da história e da sociedade, fora do escopo da Fenomenologia (Tolman, 2003).

Tanto a irredutibilidade da experiência subjetiva individual quanto a impossibilidade de compartilhar estruturas de experiência são consensos sem fundamentação científica que

---

<sup>8</sup> “En esta limitación de la mirada resulta tan solo visible el entorno social inmediato en cuanto formas de la experiencia inmediata, de manera que es imposible diferenciar, en primer lugar, qué aspectos o dimensiones corresponden a determinaciones meramente “naturales”, “biológicas”, segundo, cuáles representan determinaciones referidas a la sociedad en el plano más general y, tercero, cuáles son determinaciones históricas concretas del psiquismo bajo relaciones de formación social, clase y posición específicas (por ejemplo de la sociedad burguesa)” (Holzkamp, 1984d/2015, p. 125).

<sup>9</sup> “en cuanto *expresión específica del proceso histórico-natural e histórico-social*, el psiquismo posee características objetivas que solo adquieren la cualidad de “consciência”, “experiência” subjetiva, o cosa por el estilo, bajo *condiciones específicas, históricamente "tardias"* (Holzkamp, 1984d/2015, p. 125, grifos do autor).

são postulados acriticamente pela Fenomenologia. Sua explicação, mais uma vez, só é possível com uma metateoria da história e da própria sociedade (Holzkamp, 1984d/2015; Tolman, 2003).

Apesar das limitações, Holzkamp (1984d/2015) considera incontornável as contribuições desta perspectiva para o desenvolvimento da Psicologia Crítica Alemã. Sua incorporação se dá como parte de sua posição mais geral de abordagem ao objeto de estudo e contribui para o autor realizar críticas às suas próprias concepções anteriores. Ao mesmo tempo, as suas investigações buscam superar as negligências da Fenomenologia que foram apontadas. A este respeito, uma longa discussão é realizada e será aqui apresentada apenas em linhas gerais.

Para o autor, a Fenomenologia pode contribuir para elucidar as mediações que existem entre o processo social e individual de vida, de modo a ressaltar o aspecto fenomênico da experiência individual. A necessidade de abordar a experiência imediata se dá a partir do desenvolvimento de formas cada vez mais complexas de sociedade. Em um período “pré-social”, a reprodução da vida era determinada biologicamente pela hereditariedade. O surgimento da vida social dos seres humanos promoveu uma dominância do processo histórico-social em detrimento ao aspecto filogenético. Ou seja, o ser humano se desenvolve sobre uma base biológica, mas o seu desenvolvimento, a partir da vida em sociedade, não é somente por ele determinado (Holzkamp, 1984d/2015).

Conforme a sociedade se consolida por meio de formas cooperativas de produção e reprodução da existência com controle previsor e objetivador sobre a realidade, as estruturas sociais se tornam “portadoras autônomas” do processo histórico-social, de forma que podem existir indivíduos que sequer contribuam diretamente para a reprodução social. Neste sentido, a sociedade possui uma existência capaz de se reproduzir “em si” enquanto sistema de

subsistência. A partir deste estágio não existe uma relação clara e objetiva entre a contribuição dos indivíduos particulares em momentos específicos e o sistema social em seu conjunto da mesma forma que existia em estágios iniciais de desenvolvimento social. Ainda que a sociedade seja um sistema de subsistência dos indivíduos, estes últimos não se reproduzem “na” sociedade, mas dentro do conjunto de relações nas quais se situa (Holzkamp, 1984d/2015).

Portanto, se para o indivíduo é impossível compreender a identidade entre as necessidades sociais de vida e suas próprias necessidades subjetivas de vida, isto não se deve somente ao que *não pode “abarcар com um olhar”* o conjunto do sistema da sociedade, senão que aqui realmente *já não existe mais este tipo de identidade*. A esta nova relação denominamos *ruptura da relação de imediatez* entre a reprodução individual e social sob as condições de uma *existência individual mediada pela sociedade em seu conjunto* (Holzkamp, 1984d/2015, p. 161, grifos do autor)<sup>10</sup>.

De acordo com o autor, a apropriação da análise fenomenológica tem, portanto, uma fundamentação científica não excludente à tradição marxista. Ela cumpre, aqui, “uma espécie de condição científica mínima” (Holzkamp, 1984d/2015, p. 175)<sup>11</sup> a partir da qual pode-se avaliar a pertinência das abordagens psicológicas. Se o estágio de desenvolvimento no qual nos encontramos é caracterizado por uma ruptura da relação de imediatez, ignorar esta constatação resulta em uma abordagem incorreta do objeto.

Com a adoção da experiência subjetiva como fonte de conhecimento, Holzkamp (1984d/2015) busca também rechaçar as críticas a uma suposta politização da PCA na qual a resposta a todos os problemas subjetivos é a luta de classes. Ao reconhecer a dessincronia das necessidades individuais com as necessidades sociais há uma recusa ao suposto

---

<sup>10</sup> Por lo tanto, si para el individuo es imposible comprender la identidad entre las necesidades sociales de vida y sus propias necesidades subjetivas de vida, esto no solo se debe a que *no puede “abarcар con una mirada”* el conjunto del sistema de la sociedad, sino que aquí realmente *ya no se presenta más este tipo de identidad*. A esta nueva relación la denominamos *ruptura de la relación de imediatez* entre la reproducción individual y social bajo las condiciones de una *existencia individual mediada por la sociedad en su conjunto* (Holzkamp, 1984d/2015, p. 161, grifos do autor).

<sup>11</sup> “una especie de condición científica mínima” (Holzkamp, 1984d/2015, p. 175).

estabelecimento de “normas” pelos conceitos de sua abordagem. O conteúdo subjetivo ou a condução da análise não é pré-determinado, mas parte da experiência do próprio sujeito. Seus conceitos não tratam “sobre” os indivíduos, pelo contrário, são desenvolvidos “para” eles.

Que a reprodução social tem seu lugar é algo evidente. Mas uma coisa é constatar que, em seu conjunto, os membros da sociedade contribuem suficientemente e que de fato têm que participar do controle consciente e previsor das condições de vida, etc. (o que implica as possibilidades psíquicas de desenvolvimento respectivas), e outra muito distinta é saber *como cada um experimenta subjetivamente* as necessidades sociais (e, assim, não se sabe sequer se este ou aquele indivíduo *em absoluto* experimenta estas necessidades sociais como suas necessidades subjetivas de ação). Portanto, quando dizemos que uma das tarefas centrais da análise categorial sujeito-científica é possibilitar um acesso categorial à experiência subjetiva, isto significa que a análise categorial deve nos permitir elucidar essas experiências em sua plena independência e irreducibilidade ‘fenomênica’, sem que por isso se perca de vista o extenso nexos de mediação entre a reprodução social e individual que experimenta o sujeito (embora faça de modo parcial e ‘alterado’). No entanto, se as mediações entre o processo da sociedade em seu conjunto e a subjetividade individual se deixam sem desenvolver, as categorias, mais do que iluminar, escurecem este esclarecimento (Holzkamp, 1984d/2015, p. 137, grifos do autor)<sup>12</sup>.

A apropriação da Fenomenologia, para Holzkamp (1984d/2015), tem como principal motivo sua capacidade de abordar a experiência do sujeito como complexa, fragmentada e heterogênea, acessível apenas a partir de sua perspectiva. Não se trata de definir à priori suas necessidades de acordo com as necessidades já postas na estrutura da sociedade burguesa. Pelo contrário, busca-se acessar o que desta realidade é individualmente relevante.

---

<sup>12</sup> Que la reproducción social tiene lugar, es algo evidente. Pero una cosa es constatar que, *en su conjunto*, los miembros de la sociedad contribuyen suficientemente y que de hecho tienen que participar en el control consciente y previsor de las condiciones de vida, etc. (lo que implica las posibilidades psíquicas de desarrollo respectivas), y otra muy distinta es saber *cómo experimenta cada uno subjetivamente* las necesidades sociales (y por lo pronto no se sabe siquiera si este o aquel individuo *en absoluto* experimenta estas necesidades sociales como sus necesidades subjetivas de acción). Por lo tanto, cuando decimos que una de las tareas centrales del análisis categorial sujeto-científico es possibilitar un acceso categorial a la experiencia subjetiva, esto significa que el análisis categorial debe permitirnos dilucidar estas experiencias en su plena independencia e irreducibilidad “fenoménica”, sin que por ello se pierda de vista el extenso nexos de mediación entre la reproducción social e individual que experimenta el sujeto (aunque lo haga de un modo parcial y “alterado”). En cambio, si las mediaciones entre el proceso de la sociedad en su conjunto y la subjetividad individual se dejan sin desarrollar, las categorías, más que alumbrar, ensombrecen este esclarecimiento (Holzkamp, 1984d/2015, p. 137, grifos do autor).

A proposta de tomar em conta o carácter irreduzível da experiência subjetiva do mundo e de si mesmo, a compreensão de que é necessário analisar a estrutura dessa experiência *enquanto* fato experiencial imediato, corresponde a uma *aproximação fenomenológica* para nós indispensável (Holzkamp, 1984d/2015, p. 145, grifos do autor)<sup>13</sup>.

A função das categorias “sujeito-científicas” é, portanto, contribuir para a elucidação da situação subjetiva dos indivíduos para que eles possam ampliar o controle de suas condições de vida e superar a imediaticidade de sua experiência. Entretanto, ressalta Holzkamp (1984d/2015), não se trata de tornar a Psicologia alheia à política. Pelo contrário, o objetivo da Ciência do Sujeito seria estabelecer as mediações entre o processo de reprodução individual e o processo de reprodução social. Ampliar o controle de suas condições de vida esbarra em limitações próprias da sociedade burguesa. A adoção do enfoque fenomenológico é incontornável, pois possibilita o estabelecimento desta mediação ao abordar a experiência imediata.

Esta conexão entre a reprodução social e individual se dá a partir da experiência do próprio sujeito, à medida que ele percebe as implicações da forma de reprodução burguesa para seus próprios interesses. Neste sentido, Tolman (2003) afirma que a principal influência se dá na construção das relações de possibilidades desenvolvidas pelos sujeitos, o que pretendemos aprofundar no capítulo seguinte ao abordar a condução da vida cotidiana.

Sumariamente, o que podemos adiantar é que o sujeito parte de significações sociais para fundamentar suas ações. A forma que ele compreende e acessa essas significações e necessidades sociais com existência objetiva determina as possibilidades de ação dadas ao indivíduo. Suas ações podem ter a função de expandir ou manter o controle das condições que

---

<sup>13</sup> La propuesta de tomar en cuenta el carácter irreducible de la experiencia subjetiva del mundo y de sí mismo, la comprensión de que es necesario analizar la estructura de esa experiencia *en cuanto* hecho experiencial inmediato, corresponde a una *aproximación fenomenológica* para nosotros indispensable (Holzkamp, 1984d/2015, p. 145, grifos do autor).

determinam sua vida, superar ou legitimar os limites impostos pela sociedade burguesa. As possibilidades, portanto, podem ser compreendidas a partir de sua experiência imediata, a grande contribuição da Fenomenologia aqui exposta. Neste sentido, os conceitos crítico-psicológicos têm como função partir do concreto da representação postos na imediaticidade e por meio da abstração retornar ao concreto pensado (Holzkamp, 1984d/2015).

Podemos também destacar a concepção da PCA enquanto Ciência do Sujeito a partir da apropriação da análise de estrutura fenomenológica, pois é a partir desta contribuição que Holzkamp reforça a experiência subjetiva como ponto de partida de suas investigações. Não obstante, esta concepção reforça a relação entre sujeito e objeto como defendida por Holzkamp (1984d/2015). Ao investigar a subjetividade, a relação de pesquisa não se dá entre sujeito e objeto, mas entre sujeito e sujeito.

Isto implica na forma de obtenção do conhecimento, pois ao considerar o posicionamento consciente diante das possibilidades de ação e ao reconhecer sua própria intencionalidade, considera-se o sujeito como fonte de conhecimento, de modo que a investigação só pode se dar de forma “intersubjetiva”. Esta influência fica mais explícita nas últimas obras do autor e esperamos que o capítulo seguinte forneça mais elementos para sua elucidação.

### **2.3. Psicanálise: conflito psicológico em debate**

Relativo à Psicanálise, sua contribuição em certa medida se aproxima da Fenomenologia e consiste no reconhecimento do papel mediador da subjetividade na relação do sujeito com o mundo. Sua apropriação se deu a partir da inquietação de Holzkamp (1984c/2015) diante da peculiar relevância e lastro que a Psicanálise tem. Apesar das críticas

contundentes que a Psicanálise recebe de marxistas – e às quais Holzkamp faz coro – por seu biologicismo, individualismo, psicologização e universalização de conflitos sociais, entre outras, ela ainda é apropriada por diversos campos de saber. Sua influência transcende a especialidade da Psicologia, diferente de outras abordagens da disciplina. Também é comum observar sua apropriação do campo progressista e inclusive por diversos marxistas, de sorte que existe um *freudomarxismo*, mas não existe, por exemplo, um marxismo skinneriano.

Para Holzkamp (1984c/2015), as críticas realizadas à Psicanálise, apesar de pertinentes, não promoveram sua superação. Não basta repetir as críticas já realizadas, mas compreender suas proposições e o lugar que ocupa na história da Psicologia. Para isso, o autor historiciza a Psicanálise na contramão das abordagens “modernas” da Psicologia que excluíram a subjetividade de seu escopo de análise.

Na Psicologia “clássica”, havia uma preocupação com a estrutura da experiência humana intersubjetiva-subjetiva. Wundt pode ser tomado como um exemplo, uma vez que era defensor da subjetividade como acessível intersubjetivamente. Ademais, através da abstração, este pioneiro da Psicologia tinha como objetivo o estabelecimento das leis universais a partir das quais se estrutura a realidade enquanto experiência subjetiva. De modo semelhante, a Gestalt busca estabelecer os princípios que estruturam a experiência imediata. Apesar das diversas limitações e erros que essas abordagens podem ter, elas ainda concebiam a consciência como algo especificamente humano e passível de acesso intersubjetivamente (Holzkamp, 1984c/2015).

Na contramão, as vertentes modernas como o behaviorismo e as diversas abordagens funcionalistas reduziram a atividade humana a aspectos orgânicos inespecíficos e encontraram no estudo de variáveis suas bases. De acordo com Holzkamp (1984c/2015), a partir do

darwinismo social, essas teorias adquiriram um enfoque funcionalista e centraram-se nos aspectos adaptativos dos seres humanos ao seu entorno.

Ao empenhar-se a atribuir uma objetividade à Psicologia a partir de influências biologicistas, o conceito de “função” cada vez mais se aproximou de um conceito físico-matemático de variáveis dependentes (resposta) e independentes (estímulo). Elas buscam a possibilidade de controle e previsão da relação entre certas condições e as respostas delas decorrentes. Com isso, a consciência foi cindida da realidade objetiva, encarada como “mundo interior” e inacessível pelo conhecimento científico. Mesmo as teorias que buscam contornar esta limitação ao admitir termos “mentalistas” em seus postulados, como as perspectivas cognitivistas, só o fazem como variáveis intervenientes (Holzkamp, 1984c/2015).

Diferente disto, a Psicanálise não possui uma abordagem reducionista da subjetividade. Ela se aproxima em alguns aspectos das perspectivas clássicas, como, por exemplo, a adoção da experiência imediata como objeto de investigação e a elucidação desta experiência consigo e com o mundo como tarefa de seu conhecimento. Entretanto, se difere das concepções clássicas por não estabelecer princípios gerais da estrutura e organização da relação do indivíduo com a realidade objetiva (Holzkamp, 1984c/2015).

Para Holzkamp (1984c/2015), os conceitos psicanalíticos são propostos “para” o indivíduo e não “sobre” o indivíduo. Eles não se situam desde um ponto externo, mas funcionam como mediações para a compreensão da relação do indivíduo consigo mesmo e com o mundo. Para apoiar o estudo da subjetividade, Freud desenvolveu um sistema categorial a fim de elucidar a situação subjetiva de seus sujeitos, ao invés de prever e controlar seu comportamento. Sua suposição era que, caso seus pacientes entendessem suas

situações subjetivas, eles seriam capazes de escolher por si próprios cursos de ação mais apropriados (Holzkamp, 1984c/2015).

A Psicanálise de algum modo tinha como foco empoderar o sujeito e lhe dar elementos para tomar consciência dos determinantes de sua vida. Não tomava a aparência ou os dados empíricos como resultado, mas partia deles para realizar sua análise. Qualquer instância empírica particular de supressão é uma manifestação da dinâmica social mais fundamental, que não é revelada em todas as suas particularidades pelos eventos empíricos, mas deve ser descoberta por meio de esforços analíticos (Holzkamp, 1984c/2015; Tolman, 2003).

Holzkamp (1984c/2015) defende que Freud em certa medida compreende a expressão das contradições sociais na subjetividade e chega a afirmar que a Psicanálise “busca elucidar a experiência imediata para estabelecer as relações sociais de opressão que se escondem nela e que se expressam na situação concreta da vida dos indivíduos” (p. 200)<sup>14</sup>. O conceito de “superego” pode ser uma expressão dessa análise, uma vez que contribui para desvelar de que forma o sujeito é responsável pela sua própria repressão a partir da internalização da autoridade externa e da coerção. Ainda assim, Holzkamp argumenta que essa análise naturaliza a sociedade como “inimiga” do sujeito e não a compreende como uma expressão historicamente situada da sociedade burguesa. Ao mesmo tempo, biologiza a necessidade subjetiva ao atribuir suas origens ao próprio psiquismo por meio da “pulsão” (Holzkamp, 1984c/2015; Tolman, 2003).

Para Holzkamp (1984c/2015), a Psicanálise é a primeira expressão histórica concreta da Ciência do Sujeito, pois consiste em um enfoque teórico construído a partir do ponto de vista do sujeito. Ela reconhece a subjetividade como elemento essencial para a mediação do

---

<sup>14</sup> busca dilucidar la experiencia inmediata para establecer las relaciones sociales de opresión que se esconden en ella y que se expresan en la situación concreta de la vida de los individuos (Holzkamp, 1984c/2015, p. 200).

sujeito com a realidade objetiva e não reduz a sua complexidade. Ao mesmo tempo, se mostra capaz de partir da imediaticidade para desvelar suas mediações e fazer as conexões com as contradições existentes na própria sociedade.

A Psicanálise, neste sentido, contribui com um complexo de categorias que demonstra a subjetividade como acessível intersubjetivamente. Ela demonstra uma generalidade estrutural do psiquismo, não uniformizando suas expressões de forma empírica, mas abrindo espaço para a captura do que é singular. Em outras palavras, como Tolman (2003) afirma, ela consegue explicar estruturalmente a expressão singular de cada sujeito a partir da experiência imediata.

Entretanto, são notórias suas limitações para o pesquisador. As postulações freudianas relativas à irreconciliabilidade entre as aspirações subjetivas e as exigências sociais representam uma universalização de relações sociais capitalistas. Assim, a sociedade é fatalmente imutável, de modo que o sujeito é apresentado como uma “vítima” dessas relações de dominação. Seu complexo categorial não admite a possibilidade de lutar contra as contradições sob as quais o sofrimento se dá. Isso pode ser observado quando o conflito com autoridades é atribuído à primeira infância, aos conflitos com a autoridade do pai etc. Para Holzkamp (1984c/2015),

Em sua dignidade sujeito-científica, as categorias psicanalíticas possibilitam verdadeiras percepções das consequências subjetivas da opressão social, porém é a causa da universalização precisamente destas categorias que aos indivíduos lhes são propostas “soluções” nas quais *permanecem encobertas as condições superiores, reais, de suas misérias* (p. 208, grifos do autor)<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> En su dignidad sujeto-científica, las categorías psicoanalíticas posibilitan verdaderas percepciones de las consecuencias subjetivas de la opresión social, pero es a causa de la universalización precisamente de estas categorías que a los individuos les son propuestas “soluciones” en las que *permanecen encubiertas las condiciones superiores, reales de sus miserias* (Holzkamp, 1984c/2015, p. 208, grifos do autor).

Em síntese, uma das contribuições específicas da Psicanálise para uma PCA consiste na orientação sujeito-científica de suas investigações e conceitos. Ela parte da manifestação imediata para a essência da vida subjetiva. Ademais, ela compreende a consciência enquanto um processo contraditório e não como algo dado, estático. Entretanto, sua incorporação não deve ser feita tal como desenvolvida, mas a partir de uma apropriação crítica. A PCA, neste sentido, dá continuidade à tradição “clássica” das perspectivas psicológicas em relação ao seu objeto de investigação, abandonado pelo giro funcionalista operado pelo behaviorismo e outras teorias: a consciência enquanto meio de relação intersubjetiva (Holzkamp, 1984c/2015).

Entretanto, a Psicologia marxista avança na medida em que supera o idealismo desta concepção ao compreender sua constituição em relação com as necessidades de produção e reprodução da vida do indivíduo e da sociedade como um todo. Também avança ao atribuir uma constituição histórica a essas necessidades e, conseqüentemente, à consciência. As formas determinadas de consciência se dão a partir de modos de produção da existência específicos (Holzkamp, 1984c/2015).

Outra contribuição da Psicanálise que pode ser destacada é a noção de inconsciente. Deve-se recusar a perspectiva irracionalista à qual a Psicanálise a conceitualiza, mas é fundamental uma reflexão acurada sobre as formas possíveis de “negligência” ou “ocultação” dos aspectos contraditórios da realidade pelo sujeito por parte da Psicologia marxista. Não se trata de universalizar o inconsciente tal qual o faz Freud, mas compreender suas determinações dentro de relações sociais burguesas. Nas palavras de Holzkamp (1984c/2015),

*deve-se ter em conta que, devido à constante **contradição** que existe entre a **situação subjetiva imediata do indivíduo** e sua **existência mediada pela sociedade em seu conjunto**, os aspectos “**inconscientes**” da experiência do mundo e de si mesmo são*

uma *parte determinante e necessária* na luta por uma condução de vida consciente” (p. 212, grifos do autor)<sup>16</sup>.

Por fim, a forma de construção de suas categorias e de generalização de seu conhecimento consiste em uma grande contribuição da Psicanálise. A generalização não se dá de forma abstrata, como nas vertentes “modernas”, a partir de dados estatísticos superficiais. Parte-se da experiência imediata para compreender suas determinações gerais, em outras palavras, apreender a essência do fenômeno. Segundo Holzkamp (1984c/2015), este foi o método utilizado por Marx a fim de ascender do abstrato ao concreto. “Trata-se do caminho que vai do concreto da representação, passando pelo trabalho abstrativo de destacar suas determinações mais gerais, até chegar ao concreto do pensamento” (Holzkamp, 1984c/2015, p. 213)<sup>17</sup>.

---

<sup>16</sup> hay que tener en cuenta que, debido a la constante *contradicción* que existe entre la *situación subjetiva inmediata* del individuo y su *existencia mediada por la sociedad en su conjunto*, los *aspectos “inconscientes”* de la experiencia del mundo y de sí mismo son una *parte determinante y necesaria* en la lucha por una conducta de vida consciente ( Holzkamp, 1984c/2015, p. 212, grifos do autor)

<sup>17</sup> Se trata de la vía que va de lo concreto de la representación, pasando por la labor abstractiva de destacar sus determinaciones más generales, hasta llegar a lo concreto del pensamiento (Holzkamp, 1984c/2015, p. 213).

### **3. O DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA DO SUJEITO DE KLAUS HOLZKAMP**

Como anteriormente mencionado, as obras que possibilitaram a presente investigação são oriundas da última fase de produção de Holzkamp, datadas de 1983 em diante. Caracterizadas por uma perspectiva mais modesta em sua crítica e anseio por uma transformação social radical, ainda assim podemos verificar a presença contundente do marxismo e da obra marxiana em seus escritos. Este período é o que foi denominado por Teo (1998) como “sujeito-científico” e se estendeu até sua morte, em 1995.

Diferente de outras transformações ocorridas em sua obra, como o abandono do construtivismo a partir de 1968, aqui não houve uma descontinuidade ou recusa ao que foi produzido anteriormente. Este período contou com importantes contribuições da Fenomenologia e da Psicanálise, como exposto anteriormente. Neste sentido, este capítulo tem como objetivo apresentar o caminho percorrido por Klaus Holzkamp da consolidação de sua Ciência do Sujeito rumo à centralidade da condução da vida cotidiana em seus últimos anos. Vale ressaltar que a seguinte exposição não tem a pretensão de esgotar a obra do autor, mas representa um esforço sumário para sua apropriação.

#### **3.1. Críticas e Reconstrução genética: o método histórico-funcional e a passagem do domínio filogenético para o domínio histórico-social**

Klaus Holzkamp tinha como objetivo realizar uma unificação da Psicologia a partir de um resgate crítico dos conceitos produzidos pela Psicologia burguesa. Para sua edificação, é necessário realizar a crítica do que foi produzido a partir de um ponto de vista emancipatório e tendo como base uma sólida teoria da relação entre indivíduo e sociedade, bem como uma

compreensão consistente sobre o que é o ser humano, inexistentes na Psicologia burguesa (Tolman, 2009).

O termo “Psicologia burguesa” é utilizado por Holzkamp (1992) para unificar as vertentes teóricas no campo psicológico que reproduzem a “unilateralidade” de suas proposições. Essa unilateralidade se dá pela concepção de indivíduo como determinado pela sociedade sem o reconhecimento de sua capacidade de transformar as condições sociais. A sociedade e as condições de vida produzidas pelo trabalho social são naturalizadas, com existência independente do indivíduo.

Assim, o agrupamento desta Psicologia sob a insígnia “burguesa” tem como função ressaltar seu compromisso com uma forma específica de sociedade, historicamente constituída. Ao considerar a sociedade como uma variável independente, estas teorias legitimam a sociedade de classes e atestam a impossibilidade de sua superação (Holzkamp, 1985b/2015).

Em última medida, podemos afirmar que são ahistóricas, pois adotam condições históricas e sociais específicas como universais. Elas são produzidas a partir de uma forma específica de subjetividade, constituída na sociedade burguesa e dela extraem suas proposições teóricas com um suposto caráter genérico, aplicável a qualquer sociedade e tempo histórico.

Ao mesmo tempo, cabe à PCA reconhecer a capacidade explicativa das categorias e conceitos cunhados por essas teorias. A teoria não é descolada da realidade e, portanto, possui certa capacidade explicativa. O problema consiste em sua reprodução cega das relações alienadas produzidas pela sociedade burguesa. De acordo com Holzkamp (1985b/2015), “não se pode dizer que a Psicologia burguesa está simplesmente errada, é evidente que reproduz certa imagem de nossa realidade. A mesma teoria que por um lado é criticada, por outro

reproduz adequadamente aspectos de nossa realidade subjetiva” (p. 67)<sup>18</sup>. Assim, não se trata de descartar completamente o que se tem produzido, mas realizar um resgate crítico a fim de superar sua unilateralidade e reconhecer a autonomia relativa do indivíduo e sua relação concreta com a sociedade.

A apropriação crítica da Psicologia burguesa proposta pelo pesquisador se daria a partir de contribuições do materialismo histórico-dialético. A partir da obra marxiana é possível compreender a conexão entre o indivíduo e a sociedade pela participação nas relações sociais de criação e transformação da natureza, que por sua vez são a condição para sua própria existência (Holzkamp, 1984b/2015).

Diante desta constatação, é necessário criar uma alternativa concreta que dê conta da relação dialética entre indivíduo e sociedade. Na Psicologia burguesa não existe um procedimento científico para a crítica e o desenvolvimento de categorias, sendo as teorias construções fragmentadas a partir de delimitações conceituais. Neste sentido, o esforço para a captação do que é especificamente humano se reduz a uma questão de “visão de mundo” e não do próprio campo científico. Em suas palavras:

O quadro teórico-social geral no qual esta crítica é baseada é a concepção materialista-histórica de que seres humanos não vivem em um ambiente “natural” que é simplesmente dado a eles, mas, ao contrário, eles existem apenas pela criação dos meios e condições de suas vidas através do trabalho social em uma escala histórica (Holzkamp, 1992, p. 194)<sup>19</sup>.

É possível notar que Holzkamp faz recurso ao marxismo para dar conta de seu objeto de estudo, para superar a fragmentação que caracteriza o campo da Psicologia. Contudo, o

---

<sup>18</sup> no se puede decir que la psicología burguesa esté simplemente en un error, es patente que reproduce cierta imagen de nuestra realidad. La misma teoría que por una parte es criticada, por otra parte sí reproduce adecuadamente aspectos de nuestra realidad subjetiva (Holzkamp, 1985b/2015, p. 67).

<sup>19</sup> “The general social-theoretical framework on which this critique is based is the historical-materialist conception that human beings do not live in a ‘natural’ environment that is simply given them, but, rather, they exist only by creating the means and conditions of their lives through societal labour on a historical scale” (Holzkamp, 1992, p. 194).

marxismo vindicado por Holzkamp (1984/2015; 1985/2015; 1992) é um marxismo antidogmático que ressalta a incontornável contribuição de Marx, mas a reconhece como insuficiente. Com isso, o autor busca romper com frações do marxismo que se utilizam da sexta tese sobre Feuerbach<sup>20</sup> que enfatiza o indivíduo enquanto conjunto de suas relações sociais para também defender uma determinação unilateral da subjetividade pela sociedade.

Esses marxistas geralmente definem a subjetividade como fora do campo de incumbência do materialismo histórico, no qual o marxismo deve analisar a situação dos indivíduos e não os indivíduos em si. Por isso, alguns acabam lançando mão de enfoques como a psicanálise para complementar a anatomia da sociedade burguesa de Marx, a exemplo de Sève (Holzkamp, 1984/2015).

As relações econômicas não são externas ao indivíduo para Holzkamp (1984/2015). Existe, pelo contrário, uma relação dialética entre a vida interna dos indivíduos e as formas humanas de produção da existência. Os aspectos objetivos da forma de organização social fundamentam e constituem os indivíduos em seus mais diversos níveis, portanto não há dicotomização entre “economia” e subjetividade. O foco do marxismo é o ser humano, portanto não faz sentido definir a subjetividade fora de seu escopo explicativo. De acordo com o autor, essa falsa dicotomia se resolve quando Marx e Engels (1845/2007) afirmam: “conhecemos uma única ciência, a ciência da história” (p. 86).

Neste sentido, o resgate crítico das categorias da Psicologia burguesa só é possível a partir de uma definição da natureza humana e consequente identificação de métodos compatíveis com essa especificidade. Assim, a partir de uma abordagem histórica do sujeito é

---

<sup>20</sup> Feuerbach dissolve a essência religiosa na essência humana. Mas a essência humana não é uma abstração intrínseca ao indivíduo isolado. Em sua realidade, ela é o conjunto das relações sociais. Feuerbach, que não penetra na crítica dessa essência real, é forçado, por isso: 1. a fazer abstração do curso da história, fixando o sentimento religioso para si mesmo, e a pressupor um indivíduo humano abstrato – isolado. 2. por isso, a essência só pode ser apreendida como “gênero”, como generalidade interna, muda, que une muitos indivíduos de modo natural (Marx, 1845/2007, p. 534).

possível consolidar uma unidade no campo psicológico. As categorias e conceitos precisam ser unificados a partir de uma metateoria e não definidos apenas operacionalmente (Tolman, 2009).

Como forma de criar critérios realmente científicos que escapem o debate puramente semântico da Psicologia burguesa, Holzkamp (1984d/2015; 1992) elaborou um método empírico capaz de realizar um resgate crítico dessas categorias básicas. Este método também é capaz de fornecer uma maior capacidade explicativa ao superar a “unilateralidade” dos conceitos que concebem os indivíduos como apenas condicionados.

Holzkamp (1984d/2015) sintetiza em um trecho o caminho percorrido para realizar este resgate crítico:

Devido à falta de reflexão teórico-metodológica, é provável que as determinações categoriais das teorias psicológicas dadas reproduzam e “dupliquem” cegamente as concepções cotidianas e seu *caráter ideológico*. Sendo assim, isto implicaria uma *redução e fragmentação* geral do objeto psicológico representado nos conceitos básicos, e nenhum procedimento ou resultado de investigação posterior conseguiria revertê-la. Mas isto é uma conjectura que tão somente pode se fundamentar na medida em que seja possível desenvolver, sobre uma base científica, determinações categoriais que representem o objeto psicológico de forma *contextualizada* e relativamente *não reduzida*. Só a partir de um desenvolvimento desse tipo, as determinações categoriais tradicionais poderiam ficar expostas em seu caráter reducionista e parcial com referência ao objeto (Holzkamp, 1984d/2015, p. 122, grifos do autor)<sup>21</sup>.

Entretanto, o autor ressalta que, apesar de empírico, não são postulados inquestionáveis, mas inseridos em uma lógica de pesquisa em movimento. “Ainda que *empírico*, tal procedimento, desenvolvido com base nos princípios materialistas da dialética

---

<sup>21</sup> Debido a la falta de reflexión teórico-metodológica, es probable que las determinaciones categoriales de las teorías psicológicas dadas reproduzcan y “dupliquen” ciegamente las concepciones cotidianas y su *impronta ideológica*. De ser así, esto conllevaría una *reducción y parcelación* general del objeto psicológico representado en los conceptos básicos, y ningún procedimiento o resultado de investigación posterior conseguiría revertirla. Pero esto es una conjetura que tan solo puede fundamentarse en la medida en que sea posible desarrollar, sobre una base científica, determinaciones categoriales que representen el objeto psicológico de forma *contextualizada* y relativamente *no-reducida*. Solo a partir de un desarrollo de este tipo las determinaciones categoriales tradicionales podrían quedar expuestas en su carácter reducionista y parcial con referencia al objeto (Holzkamp, 1984d/2015, p. 122, grifos do autor).

histórica, produz resultados que permanecem em desenvolvimento e que podem ser submetidos metodologicamente ao juízo empírico” (Holzkamp, 1984d/2015, p. 123, grifos do autor)<sup>22</sup>.

Para Holzkamp (1992), a taxonomia é um exemplo de uma área científica que superou a arbitrariedade da classificação dos seres vivos por meio de uma ordenação conceitual a partir das relações filogenéticas entre os seres vivos em geral, obtida por um método histórico-funcional<sup>23</sup>. Assim como na taxonomia, o autor buscou a relação entre os conceitos e as relações genéticas reais a partir de evidências biológicas e etológicas. Suas categorias devem ser capazes de captar as formas de vidas mais elementares e as mudanças qualitativas operadas na filogênese. Com esta base é possível desenvolver uma crítica histórico-funcional da diversidade, indiferenciação e desigualdade dos objetos englobados nas categorias desenvolvidas pela Psicologia.

Com forte inspiração no trabalho desenvolvido por Leontiev, a crítica histórico-funcional se inicia com a compreensão da forma psíquica mais antiga filogeneticamente em contraste com os fenômenos pré-psíquicos (Holzkamp, 1992). Tolman (2003) estabelece cinco etapas que sintetizam o método cunhado por Holzkamp para o resgate crítico do funcionamento do psiquismo. Primeiramente é necessário identificar as características relevantes historicamente do estágio que precede o nível de interesse. Isto possibilita compreender de que forma se deu sua complexificação.

O segundo passo consiste em identificar as forças evolutivas que influenciaram anteriormente seu desenvolvimento até o estágio presente. Com isso é possível a apreensão

---

<sup>22</sup> En tanto que *empírico*, este procedimiento, que fue desarrollado en base a principios materialistas de la dialéctica histórica, produce resultados que permanecen en desarrollo y que pueden ser sometidos metódicamente al juicio empírico (Holzkamp, 1984/2015, p. 123, grifos do autor).

<sup>23</sup> Constatamos duas traduções possíveis para a denominação do método. Uma, advinda a partir do inglês (Holzkamp, 1992), “histórico-empírico” (*empirical-historical*), e outra advinda do espanhol, “histórico-funcional” (*histórico-funcional*). Tolman (2003) também utiliza, no inglês, o termo “histórico-funcional” (*functional-historical*). Assim, optamos pela tradução mais usual.

das pressões ambientais que impulsionaram uma transformação qualitativa do organismo. Na terceira etapa, o foco são as mudanças funcionais observáveis. A quarta etapa consiste na identificação da “mudança de domínio” que pode ser vista entre diferentes organismos, ou seja, a constatação do salto qualitativo conquistado pelo organismo estudado. Por fim é necessário identificar a natureza sistêmica atingida por esse organismo, uma vez que uma mudança qualitativa deste caráter provoca um rearranjo do sistema como um todo. Diante da consolidação desta transformação evolutiva, é possível retornar ao primeiro passo do método para um estágio posterior de desenvolvimento (Tolman, 2003).

Após demonstrar a função biológica de diferenciações genéticas específicas é possível compreender as características mais gerais dos aspectos orientacionais, emocionais e motivacionais do psíquico e as relações que estabelecem entre si. Também é possível ver a relevância do desenvolvimento biológico que possibilitou o desenvolvimento de estruturas sociais e capacidades individuais de aprendizagem no sentido de aumentar a capacidade psíquica do organismo (Holzkamp, 1992). O conteúdo pormenorizado desta análise pode ser melhor apurado em Tolman (2003).

O que interessa à presente investigação é que com esse método é possível compreender a base biológica sobre a qual se constrói as características que são especificamente humanas, em outras palavras, sua “natureza social”. Os seres humanos possuem uma natureza específica que possibilita socializar-se individualmente sobre as bases de suas potências de desenvolvimento naturais. Isso supera a dicotomia entre social e individual, posto que nesses termos o social está pressuposto em sua natureza (Holzkamp, 1984b/2015; 1992).

Inicialmente o desenvolvimento natural é determinado pelas leis biológicas de evolução: mutação ao acaso e seleção natural. Entretanto, as leis da evolução originaram um

desenvolvimento filogenético no qual a mutação e a seleção não são determinantes, mas sim a produção econômica dos meios e condições de subsistência sobre a base da natureza social do ser humano. As leis da evolução revogaram a si como fatores determinantes do desenvolvimento (Holzkamp, 1984b/2015).

A partir da passagem do domínio das leis biológicas para o domínio histórico-social de produção da existência, o método histórico-funcional não é capaz de explicar a especificidade humana. Se por um lado esse desenvolvimento foi possibilitado por um determinado estágio de desenvolvimento biológico, por outro, essa base não é mais capaz de explicar o conteúdo que se dá pela inter-relação entre a reprodução social e individual da vida (Holzkamp, 1984b/2015; 1984d/2015).

Como vemos, aqui também o indivíduo assegura sua existência cada vez menos em confrontação direta com situações *naturais*, mas que o faz, de maneira cada vez mais pronunciada, *participando da produção social*. Desta forma, a *reprodução individual da existência é mediada pela reprodução social* e adquire seu caráter a partir de relações historicamente determinadas nas quais tem lugar tal mediação (Holzkamp, 1984d/2015, p. 132)<sup>24</sup>.

Assim, é necessário avançar além do método histórico-funcional para dar conta do salto qualitativo operado pelos humanos. De acordo com Holzkamp (1984b/2015), esse salto se deu por meio de duas características desenvolvidas por Leontiev e apropriadas pelo autor: a coordenação supraindividual-coletiva da produção de existência e o uso e preparação dos meios de apoio. A primeira diz respeito à divisão de funções parciais para o cumprimento de um mesmo objetivo entre os membros de um determinado grupo. A segunda refere-se ao desenvolvimento dos instrumentos propriamente ditos.

---

<sup>24</sup> Como vemos, aquí también el *individuo* asegura su existencia cada vez menos en confrontación directa con situaciones *naturales*, sino que lo hace, de manera cada vez más pronunciada, *participando en la producción social*. De esta manera la *reproducción individual de la existencia es mediada por la reproducción social* y adquiere su carácter a partir de las relaciones históricamente determinadas en las cuales tiene lugar tal mediación (Holzkamp, 1984d/2015, p. 132, grifos do autor).

Essas duas pré-condições inverteram a relação entre fim e meio na preparação e uso dos meios de apoio. Se antes meios como, por exemplo, a vara eram usados apenas para a satisfação imediata de uma necessidade concreta e depois descartados, agora são utilizados para fins generalizados. Há, a partir daí, uma perspectiva de acumulação e melhoramento dos conhecimentos. Com isso, há um momento de previsão planejada e generalizada no processo da produção da existência, pois se preparam os meios necessários para uma futura possível situação de escassez. Isso se dá em paralelo com a coordenação coletiva de produção da existência, dando a esta uma nova qualidade, pois as ferramentas planejadas estavam à disposição do coletivo (Holzkamp, 1984b/2015).

Com isso, pode-se produzir ferramentas para todos, assim como ferramentas que podem ser utilizadas de forma coordenada em um contexto de divisão do trabalho. Com a possibilidade de mudança de função no processo de produção da vida, a previsão generalizada se transformou na forma primitiva de previsão social generalizada como determinação central do processo de produção da existência em sociedade. Esse processo não se deu de uma única vez, mas ocorreu durante um prolongado período (Holzkamp, 1984b/2015).

A nova forma social de produção da existência teve que se impor sobre a base do processo biológico evolutivo e foi possível porque representava uma “vantagem seletiva”. Assim, a gênese da natureza social do ser humano pode ser explicada pela teoria da evolução na medida que a forma social de produção da existência só é possível a partir da natureza biológica do ser humano, a partir das vantagens evolutivas que esta apresenta. Esta é a forma que a natureza interna dos seres humanos se fez social (Holzkamp, 1984b/2015).

O ser humano aumentou cada vez mais sua capacidade de produzir a vida socialmente e com isso altera a natureza do próprio indivíduo. A predominância do desenvolvimento histórico-social em detrimento do desenvolvimento filogenético ocorreu devido à produção e

utilização social de ferramentas. Deixou de ser uma adaptação do organismo ao entorno para ser uma “*adaptação ativa do entorno aos indivíduos por meio da transformação objetiva da natureza em previsão social generalizada*”. Continua Holzkamp (1984b/2015), “desta maneira, a forma de produção existencial do *trabalho em sociedade* se desenvolveu como processo de apropriação e objetivação social planejada da natureza pelo ser humano” (p. 83, grifos do autor).

### **3.2. Resgate crítico e principais conceitos: rumo à posituação da PCA**

A partir do método histórico-funcional desenvolvido por Holzkamp (1992), ele pôde identificar os elementos pertencentes à filogênese que possibilitaram o surgimento do psiquismo. Com este método, também compreendeu a consolidação de um salto qualitativo que resultou na possibilidade de sobrepor formas sociais de produção da existência em detrimento de formas puramente biológicas. Assim, o autor identificou a insuficiência deste método para a compreensão do psiquismo diante do domínio das leis histórico-sociais.

Para dar conta das especificidades do psiquismo dentro do domínio histórico-social, o autor cunhou algumas categorias e se apropriou criticamente de diversos conceitos difundidos na Psicologia burguesa. O autor buscou superar a “unilateralidade” desses conceitos ao compreender sua função na relação entre indivíduo e sociedade. Seu objetivo é realizar sua conceituação de forma que seja capaz de compreender o caráter ativo do indivíduo e constituição social da ação individual.

Como exposto ao fim do tópico anterior, é através da coordenação supraindividual-coletiva da produção da existência e do uso e preparação dos meios de apoio que se consolida este salto qualitativo em direção à constituição humana. Diferente do conceito de “estímulo” utilizado pela Psicologia burguesa para representar o ambiente, o autor

faz uso do conceito de “significado” para demonstrar as diferenças qualitativas deste novo domínio (Holzkamp, 1992).

Segundo Holzkamp (1992), ao utilizar estímulo, há uma desconsideração das características da vida em sociedade e da possibilidade do indivíduo de determinar o mundo em que vive. Assim, a relação entre indivíduo e sociedade (ou entre organismo e ambiente) é determinada unilateralmente. Esta concepção, segundo o autor, não se aplica sequer ao nível pré-humano, já que apenas o que é biologicamente significativo para o organismo, ou seja, o que possibilita a manutenção de sua vida, é que constituirá realidade para ele.

O “significado”, por sua vez, atribui um caráter mediador no domínio sócio-histórico da vida humana, pois representa as generalizações objetivadas pelo trabalho social. “Surge aqui (em distinção ao nível "pré-humano") uma conexão mediada de forma mais complexa entre a *criação* de pré-condições sociais para a ação e sua *conversão* em ação pelos indivíduos” (Holzkamp, 1992, p. 197, grifos do autor)<sup>25</sup>. A vida social, neste sentido, se desenvolve em estruturas como um sistema de manutenção independente da vida puramente biológica.

O significado não estabelece mais relações de causa e efeito como no caso do estímulo, mas constituem possibilidades sociais generalizadas para a ação individual. Assim, a ação individual é determinada socialmente, mas não de forma unilateral, pois cabe ao indivíduo se orientar conscientemente diante das possibilidades para agir ou não de determinada forma. A partir destas possibilidades de ação se dão as bases objetivas para a compreensão da consciência nessa perspectiva (Holzkamp, 1992).

---

<sup>25</sup> There emerges here (in distinction to the ‘prehuman’ level) a more complexly mediated connection between the *creation* of societal preconditions for action and their *conversion* into action by individuals (Holzkamp, 1992, p. 197, grifos do autor).

Para Holzkamp (1985a/2015), a PCA centra-se em compreender o ser humano como produto e produtor de suas condições sociais e, portanto, “tem o objetivo de elucidar as *mediações* entre, por um lado, as necessidades correspondentes à conservação do sistema social em seu conjunto e, por outro, as necessidades subjetivas de vida do indivíduo” (p. 64)<sup>26</sup>. Assim, o sujeito participa ativamente da construção, reprodução e transformação das condições sob as quais vive.

Entretanto, o indivíduo não se depara com a sociedade como um todo, mas se posicionam a partir de um ponto de vista específico. O indivíduo se relaciona com os significados socialmente objetivados a partir de relações específicas e é por esse espectro que parte da totalidade social é mistificada. A reprodução da vida individual humana é uma parte da reprodução social, as condições para a reprodução de sua vida individual são em algum nível sociais, são condições sociais individualmente relevantes (Holzkamp, 1984b/2015; 1992).

O nível categorial aqui desenvolvido deve ser capaz de acessar a perspectiva do indivíduo tal como vivenciada por ele. Isso foi possível a partir da assimilação das contribuições da Psicologia fenomenológica de Graumann, compreendida por Holzkamp (1984d/2015) como uma forma de investigação psicológica e foi exposto no capítulo anterior. Para compreender este ponto de vista do indivíduo a partir da situação imediata por ele vivenciada, o autor lança mão do conceito de capacidade de ação.

A capacidade de ação não se refere apenas a uma capacidade individual, mas representa uma mediação entre a atividade individual e social da vida. Na lavra do próprio autor, “sob ‘capacidade de ação’ se entende a capacidade que tenho de chegar a dispor, em

---

<sup>26</sup> Es el intento de elucidar las *mediaciones* entre, por una parte, las necesidades correspondientes a la conservación del sistema social en su conjunto y, por la otra, las necesidades subjetivas de vida del individuo (Holzkamp, 1985/2015, p. 64, grifos do autor).

associação com outros indivíduos, de minhas condições de vida individualmente relevantes” (Holzkamp, 1985/2015, p. 64)<sup>27</sup>.

Dessa forma, é um conceito central para compreender o estado subjetivo, uma vez que este é determinado pelas possibilidades ou limitações à capacidade de ação do sujeito. Dito de outro modo, a qualidade de vida individual pode ser compreendida a partir do domínio que se dispõe das determinações de sua existência. A superação do medo e do sofrimento não se obtém apenas com estratégias internas, autodeterminadas, mas através do controle sobre as fontes de satisfação que podem provocar este estado subjetivo (Holzkamp, 1990/2015).

Aqui o psiquismo não é uma instância individual apartada da realidade objetiva, mas representa a face subjetiva do tipo e grau de possibilidades que o sujeito tem de controlar as circunstâncias que determinam sua vida cotidiana. Uma melhora subjetiva só é possível com uma expressão de seu controle sobre as condições objetivas de vida e em sua capacidade de associar-se com outros indivíduos. A cisão existente entre o que se pode fazer e o que se quer fazer só pode ser superada pela práxis, não é apenas um exercício racional. Essa é a principal diferença com a Psicologia burguesa que tenta resolver problemas psíquicos exclusivamente por ele. Os problemas psíquicos são expressão de restrições e contradições concretas postas na forma que a realidade se estrutura (Holzkamp, 1985a/2015; 1990/2015).

Por conseguinte, dentro de relações sociais específicas como na sociedade burguesa, a ampliação da capacidade de ação implica no conflito com as estruturas de poder vigentes que detêm o controle social. A isto se dá o nome de capacidade generalizada de ação. Esta é uma das duas possibilidades conceituadas por Holzkamp (1985a/2015; 1990/2015, 1992). Ou seja, a ampliação da capacidade de ação é um processo que se dá de forma conflitiva e

---

<sup>27</sup> Bajo “capacidad de acción” se entiende la capacidad que tengo de llegar a disponer, en asociación con otros individuos, de mis condiciones de vida individualmente relevantes (Holzkamp, 1985/2015, p. 64).

contraditória, desde o âmbito político mais geral até as situações cotidianas mais concretas enfrentadas pelo indivíduo, nas instâncias mais íntimas.

A capacidade generalizada de ação, implica no conflito com o poder estabelecido e representa um esforço, necessariamente coletivo, de ampliar as possibilidades de ação e de controle das condições de vida subjetivamente relevantes. A sociedade burguesa constitui e estabelece as condições nas quais o sujeito pode agir, sendo assim, suas tendências de competição, privatização e individualização se manifestam nos mais distintos âmbitos de nossa vida (Holzkamp, 1985a/2015; 1990/2015).

Por outro lado, a forma restritiva de ampliar a sua capacidade de ação é contraditória, pois ao neutralizar a ameaça mais imediata, a “liberdade” obtida se dá às custas do reforço das estruturas de poder, podendo ser revogada a qualquer momento. Ela também demonstra a perda da possibilidade de buscar o controle comum sobre nossas condições de vida social em detrimento do controle e dominação sobre outras pessoas (Holzkamp, 1985a/2015; 1990/2015).

Assim, é contraditório também na medida em que vivo às custas dos outros, limito minhas possibilidades de vida, me isolo e diminuo minhas possibilidades de associação. Trata-se de uma alternativa de ação que subjuga os outros, mas ao mesmo tempo enfraquece a base comum que poderia ampliar meu controle em conjunto com esses outros. A ampliação da capacidade de ação neste caso se dá com o complemento da própria dependência, ou seja, significa um prejuízo a longo prazo (Holzkamp, 1985a/2015; 1990/2015).

Neste sentido, a análise empreendida pela PCA, de acordo com Holzkamp (1990/2015) busca compreender as fundamentações subjetivas da ação, aquilo que fundamenta as ações do sujeito, o seu “posicionar-se em relação à”. Isso não significa que este par conceitual seja ahistórico, pois as condições concretas e históricas de vida do sujeito são

centrais para compreender suas razões e possibilidades de agir. O enfoque sujeito-científico do autor parte do “aqui e agora”, de um contexto histórico-contemporâneo em relação com a estrutura social em seu conjunto.

Se sua sistematização estiver certa, as reflexões do indivíduo encaminham inevitavelmente para conclusões de necessidade de se articular com outros indivíduos na medida em que para ele seja possível. Isto implica no reconhecimento das limitações inerentes às alternativas restritivas de ação. Para compreender sua situação e reconhecer seus interesses, o indivíduo precisa desenvolver uma visão geral que se materialize a partir de sua própria situação, podendo determinar, assim, suas possibilidades de ação. Entretanto, o conteúdo não pode ser previamente determinado, é definido por suas condições reais de vida e deve ser por ele articulado (Holzkamp, 1990/2015).

É a partir deste par que podemos compreender outros conceitos difundidos na Psicologia burguesa. O pensamento, por exemplo, é frequentemente reduzido à resolução de problemas dentro de um entorno natural. Nessas conceituações, a contradição existe apenas no pensamento e é possível de ser resolvida por ele mesmo. Sua compreensão se dá de uma perspectiva externa, como se o indivíduo estivesse fora da situação sobre a qual se pensa, como se a pessoa não estivesse completamente inserida naquilo sobre o que se pensa e se desenvolvesse de forma neutra, fora do curso histórico e de uma determinada sociedade (Holzkamp, 1985a/2015).

A PCA, segundo Holzkamp (1985a/2015), o concebe enquanto “pensamento em desenvolvimento”, a fim de abarcar as contradições reais existentes. O pensamento é uma possibilidade de reproduzir de forma não contraditória as contradições da realidade. Assim, é fundamental conceber o pensamento desde o ponto de vista do sujeito, inserido nas relações sociais e históricas nas quais se desenvolve.

Relativo às emoções, a Psicologia burguesa tende a atribuir a elas uma conotação negativa, como perturbadora da racionalidade, externa ao próprio pensamento e à ação. Essas perspectivas não reconhecem o papel central das emoções na aquisição de novos conhecimentos e a própria relação destas com as condições concretas de existência, fato que, não por acaso, tem estreita relação com o modo de vida calcado na propriedade privada. Ao considerar a emoção como um aspecto puramente interior, a sua relação com a forma de vida burguesa desumanizada é escamoteada (Holzkamp, 1985a/2016).

Diferente das concepções hegemônicas, a emoção na PCA ocupa papel central na orientação do conhecimento e da ação e é pré-condição para uma reprodução adequada do mundo. Ela possibilita uma apropriação adequada do movimento do real, é responsável por valorar o que é aprendido e as possibilidades de ação subjetivamente relevantes (Holzkamp, 1985a/2015).

De igual modo, a motivação é redefinida em relação ao seu conteúdo. Não é possível tentar realizar algo de forma motivada sem considerar que, ao alcançar tal objetivo, será possível ampliar as possibilidades de ação. Não se trata de algo determinado apenas subjetivamente, tem uma conexão direta com o objeto em si. Isso se dá em oposição à Psicologia burguesa, uma vez que ela concebe a motivação apartada destes aspectos internos, resultando em uma espécie de internalização da coerção. Há uma defesa da possibilidade de se motivar subjetivamente, sem refletir a quais interesses determinadas ações atendem. Disto resulta uma concepção burguesa de liberdade, na qual não reconheço os limites impostos à minha ação (Holzkamp, 1985a/2015).

Por fim, Holzkamp (1985b/2013) realiza um resgate da função que o conceito de personalidade desempenha cotidianamente e no contexto científico da Psicologia. Na vida cotidiana, as pessoas utilizam o conceito de personalidade para atestar certa homogeneidade e

constância temporal nas ações das pessoas, o que psicologicamente é descrito como uma forma de economizar informações sob conceitos como estereótipos, categorização social, entre outros.

Entretanto, esses conceitos são capazes de descrever parcialmente o que de fato ocorre. A economia com o objetivo de facilitar a orientação na sociedade na verdade representa uma desorientação em aspectos mais gerais e impede uma análise mais compreensiva da situação do indivíduo. Falar que alguém fez algo por ser, por exemplo, “ciumento” ou alguma outra característica demonstra seu desinteresse em saber as razões reais que me levaram a fazer isso, já que há uma definição antecipada do que sou. Ao mesmo tempo, a resposta a esse tipo de pressuposição será geralmente opositiva e taxativa. Assim, uma das funções cotidianas do conceito de personalidade é evitar a compreensão intersubjetiva ao impedir a influência de outras pessoas na minha condição de vida e a oposição gerada por esse impedimento (Holzkamp, 1985b/2013).

O mesmo serve para características positivas em relação a outras pessoas ou a mim mesmo. O conceito cotidiano de personalidade serve, então, para o controle dos outros ou de si próprio. Essa função não surge em situações específicas, mas se realiza de formas tradicionais na prática e na linguagem cotidianas. A personalidade é, por isso, um conceito que impede a compreensão dos conflitos interpessoais como expressões de contradições sociais. Em última instância, a contradição entre os interesses de lucro capitalista e os interesses subjetivos da vida do sujeito a partir de uma forma específica de reprodução social: a vida às custas dos outros (Holzkamp, 1985b/2013).

Essa contradição geralmente se resolve de forma restritiva (minha vantagem às custas da sua desvantagem), reduzindo as formas de vida que têm como base o controle mútuo e cooperativo. As pessoas se fixam de forma personalista nas relações com as outras e isso

representa uma ação consonante com os interesses dominantes, porque não questiona seu fundamento nas contradições oriundas da exploração capitalista (Holzkamp, 1985b/2013).

De modo semelhante, Holzkamp (1985b/2015) afirma que a Psicologia burguesa busca conceder a este conceito um caráter científico por meio de estudos estatísticos, com a identificação de fatores estruturais de personalidade e atribuindo-lhe, assim, uma unidade. Em alguns casos, as diferenças entre indivíduos podem ser medidas de forma exata por procedimentos estatísticos. Este conceito, entretanto, é apropriado de seu uso cotidiano sem que se questione suas bases e a função que ele cumpre nas relações sociais. Sua função não é uma compreensão intersubjetiva real, mas o controle dos sujeitos.

No caso de seu uso científico, suas consequências são intensificadas, por ter um caráter pretensamente neutro e estatisticamente inquestionável. Sua personalidade é determinada por um teste alheio à sua capacidade de intervenção, são pré-determinados. Ao mesmo tempo, a pessoa que realiza o diagnóstico se vê impossibilitada de levar em consideração outros aspectos fruto de suas trocas com o sujeito (Holzkamp, 1985b/2013).

Com isso, é evidente a intensificação do processo de impedimento de troca intersubjetiva. Ademais, os critérios estatísticos utilizados para a validação de suas descobertas são desconhecidas e as categorias utilizadas têm um caráter descritivo sem muito embasamento. Mesmo constatando isso, seus conceitos continuam a ser aperfeiçoados e desenvolvidos, o que demonstra o interesse em legitimar e mascarar as relações de poder que o sustentam (Holzkamp, 1985b/2013).

Diante destas constatações, Holzkamp (1985b/2013) repudia o caráter impeditivo de troca intersubjetiva na base dos conceitos correntes de personalidade, seja por consistir em um “juízo”, seja por ter um caráter intrínseco, estável e imutável. Entretanto, sua superação não pode ocorrer através da mera reflexão, uma vez que as bases para esse tipo de conceito

podem ser encontradas nas próprias condições de vida, em uma sociedade contraditória na qual a vida se dá às custas de outras pessoas.

### **3.3. Condução da vida cotidiana: conceito básico da PCA**

A vida cotidiana ocupou papel central na fase final da produção de Holzkamp. Sobretudo nos últimos 3 anos de sua vida, o autor centrou-se na elaboração do conceito de “condução da vida cotidiana” (CVC), projeto interrompido por sua morte em 1995. Para Holzkamp (1995/2016), a CVC seria o “conceito básico” da PCA, o conceito capaz de unificar sua produção anterior.

De acordo com o autor, conceitos básicos são “[...] os conceitos a partir dos quais as teorias psicológicas especializadas são formadas, ou que podem ser abstraídos dessas teorias como seus termos mais gerais” e é a partir desses conceitos que podemos determinar “[...] a relação da teoria com seu objeto, isto é, eles determinam quais dimensões ou aspectos do objeto psicológico serão selecionados da realidade pré-científica para estudo” (Holzkamp, 1992, p. 193)<sup>28</sup>.

Suas motivações iniciais para o estudo do conceito de CVC se deu por inquietações derivadas de suas relações pessoais, seja com os alunos ou com seus colegas de profissão. Para Holzkamp (1995/2016), a vida externa à universidade tinha um papel preponderante na aprendizagem de seus alunos e na forma que seus colegas de trabalho exerciam sua profissão. Por mais que a aprendizagem dependa da organização de vida do estudante, isso não é tematizado na universidade.

---

<sup>28</sup> [...] the concepts out of which specialized psychological theories are formed, or which can be abstracted from those theories as their most general terms. From the ‘basic concepts’, or, as we prefer to call them, ‘categories’, come the theory’s relation to its object, that is, they determine which dimensions or aspects of the psychological object will be selected from prescientific reality for study. They therefore also determine what gets left out and may remain invisible for psychological research (no matter what specialized theories or methods they use) (Holzkamp, 1992, p. 193).

O desempenho desigual de alunos de um mesmo curso geralmente é atribuído a características individuais, como personalidade ou força de vontade. Essas concepções impedem o conhecimento da forma que os estudantes estruturam sua vida cotidiana diante da escassez de recursos específicos, ao mesmo tempo que justifica a forma que o sistema universitário se estrutura, com a responsabilização do aluno pelo aprendizado e a utilização de provas para atestar seu desempenho (Holzkamp, 1995/2016).

O mesmo é observável entre os professores universitários. Muitos de seus colegas constantemente têm que conciliar as demandas acadêmicas com as de outras áreas de suas vidas. Diversas das mudanças feitas por esses profissionais podem ser vistas como um esforço para eliminar a contradição entre suas vidas privadas e profissionais. Holzkamp (1995/2016) hipotetiza que as produções acadêmicas de artigos experimentais com pouco aprofundamento teórico podem ser uma manifestação de uma vida que tem centralidade na família.

Diante destas inquietações, o autor realiza uma revisão da bibliografia em busca das possíveis conceituações existentes de CVC e constata a completa negligência da Psicologia ao conceito. Já no campo da Filosofia e da Sociologia, a “condução de vida” é geralmente relacionado a “estilo de vida” e a pesquisas biográficas sobre história de vida. Mas foi o conceito elaborado por um grupo de sociólogos na cidade de Munique que chamou atenção de Holzkamp (1995/2016) e já contavam com trabalhos publicados e estudos empíricos. A seguir apresentaremos em linhas gerais o que foi produzido por este grupo.

De acordo com Jurczyk, Voß e Wehrich (2016), parte do grupo de pesquisadores que chamou a atenção de Holzkamp, “o conceito sociológico da condução da vida cotidiana tenta apreender a sociedade a partir do cotidiano das pessoas que realizam ações nas diversas áreas de suas vidas” (p. 34)<sup>29</sup>. Seu desenvolvimento se dá a partir do conceito de “condução de

---

<sup>29</sup> The sociological concept of the conduct of everyday life attempts to grasp society from the everyday lives of people performing actions in the various areas of their lives (Jurczyk, Voß, & Wehrich, 2016, p. 34).

vida” (*Lebensführung*) de Max Weber e tem como objetivo capturar a “bidirecionalidade” da relação entre indivíduo e sociedade. Para eles, a CVC possibilitou a compreensão das soluções criativas lançadas pelos sujeitos diante das demandas que lhes eram apresentadas.

Sua elaboração foi motivada pelas transformações ocorridas na sociedade a partir da década de 1980, denominada por diversos estudiosos (como Bauman e Goffman) como uma modernidade “tardia”, “reflexiva” ou “fluida”. A partir deste período, foi possível constatar uma mudança no modelo fordista de produção, bem como níveis crescentes de globalização promovidas pelo desenvolvimento de novas tecnologias. Com isso, a relação entre público e privado ou entre trabalhar e viver, antes mais explícita, tornou-se cada vez mais flexível, o que influenciou diretamente no cotidiano das pessoas (Jurczyk, Voß, & Weihrich, 2016).

Para Jurczyk, Voß e Weihrich (2016), “não havia uma estrutura teórica ou empírica adequada para compreender e analisar plenamente esses processos, ou para categorizá-los do ponto de vista da teoria social” (p. 35)<sup>30</sup>. Todas as perspectivas de estudo desenvolvidas pelo grupo se mostravam insuficientes para abordar esses novos temas próprios da “modernidade tardia”. A CVC, portanto, foi elaborada a partir dessas transformações e das pesquisas empíricas que o grupo conduziu.

Para sua elaboração, o grupo desenvolveu mais de 100 entrevistas com diversos profissionais que possuíam filhos. As perguntas eram relacionadas às ações que os trabalhadores desempenhavam durante um dia típico, à coordenação com outras pessoas e com os recursos disponíveis, à percepção de sua própria vida e aos planos para o futuro. Após a reunificação da Alemanha, também foram conduzidas 70 entrevistas com os mesmos grupos

---

<sup>30</sup> There was no suitable theoretical or empirical framework within which to fully understand and analyze these processes, or with which to categorize them from the point of view of social theory (Jurczyk, Voß, & Weihrich, 2016, p. 35).

de entrevistados na RFA a fim de investigar as reverberações na vida cotidiana de processos de transformação social acelerados (Jurczyk, Voß, & Weihrich, 2016).

Com esses estudos, os pesquisadores foram capazes de estabelecer alguns tipos de CVC e compreender as principais diferenças de gênero, entre espaço urbano e rural, idade, entre outras características na estruturação de suas vidas cotidianas, aspectos que fogem ao escopo do presente trabalho. Entretanto, vale destaque as constatações obtidas a partir destas entrevistas. Jurczyk, Voß e Weihrich (2016) observaram uma crescente racionalização da CVC em busca de maior eficiência. Os ajustes realizados para se adaptar às transformações em curso têm o objetivo de diminuir ao máximo o dispêndio de energia a cada decisão tomada.

Também foi possível observar uma crescente individualização da CVC. A “modernidade tardia” é calcada na autorrealização individual e exige cada vez mais decisões autônomas. Características individuais como estabilidade pessoal, disposição a assumir riscos e aspectos da personalidade assumem um papel cada vez mais relevante. Ao mesmo tempo, essas características se desenvolvem diante de uma escassez de recursos decorrente de injustiças sociais (Jurczyk, Voß, & Weihrich, 2016).

Ao contrário do fim da sociedade com centralidade no trabalho que alguns teóricos defendem, foi possível observar uma crescente “trabalhificação” [*workification*] do cotidiano dos entrevistados. De acordo com os autores, à medida que a sociedade se complexifica e perde algumas de suas estruturas tradicionais, a compensação desta perda é deslocada para o indivíduo. Assim, pode-se observar uma contaminação e crescente orientação da CVC pela lógica do trabalho assalariado. “À medida que a condução de vida se torna um esforço produtivo e reflexivo, o conceito de trabalho, paradoxalmente, se liberta de sua redução ao

trabalho remunerado no curso da modernização da modernidade” (Jurczyk, Voß, & Wehrich, 2016, p. 43)<sup>31</sup>.

Em relação às entrevistas conduzidas com os trabalhadores da extinta RDA após a reunificação da Alemanha, foi possível observar que grandes mudanças na estrutura da sociedade não impactam de imediato na CVC das pessoas. Ao contrário, são o refúgio dos indivíduos em busca de segurança, pois ao invés de lidar racionalmente com as mudanças, ancoram-se na CVC já estabelecida (Jurczyk, Voß, & Wehrich, 2016).

Diante desses resultados, o grupo de Munique centrou seus esforços na unificação dos dados empíricos em uma proposição teórica consistente da CVC. Embora tenha como inspiração um conceito de M. Weber, podem ser traçadas outras afinidades, salientam Jurczyk, Voß e Wehrich (2016), como a sociologia de fundamentação fenomenológica e proposições sujeito-teóricas de Marx.

Para defini-la, os autores elencam alguns pontos basilares que a constituem. A CVC se refere à totalidade de ações que compõem a vida de uma pessoa. Sua definição se dá não por sua significação, mas pela prática em si, pelo encadeamento de ações organizado pelo indivíduo. Neste sentido, existe uma diferença entre a CVC e a dimensão biográfica da vida. Embora a condução da vida na realidade seja um aspecto da história de vida e sujeita a suas diversas transformações, funcionalmente a condução da vida cotidiana é algo distinto da história de vida da pessoa (Jurczyk, Voß, & Wehrich, 2016).

A CVC resulta da forma específica de “vida cotidiana” que é organizada pela “condução de vida” do indivíduo. Suas atividades se tornam cotidianas por meio da repetição, da rotinização das atividades, indispensável para a reprodução da vida. O caráter cotidiano da

---

<sup>31</sup> As life conduct becomes an effort that is both productive and reflexive, the concept of work paradoxically liberates itself from its reduction to gainful work in the course of the modernization of modernity (Jurczyk, Voß, & Wehrich, 2016, p. 43).

condução de vida retrata um momento específico, distinto do desenvolvimento da história de vida. Assim, podemos distinguir a *sincronia* da condução de vida da *diacronia* da história de vida (Jurczyk, Voß, & Weihrich, 2016; Holzkamp, 1995/2016).

O foco do conceito é a forma que a pessoa se posiciona diante das esferas sociais e que conecta esses distintos arranjos em uma unidade funcional. Ademais, a CVC representa o resultado do arranjo individual de suas ações para obter a maior eficácia possível. Esse sistema, portanto, pertence ao indivíduo e é a partir dele que este indivíduo se posiciona diante dos sistemas sociais individualmente relevantes. Existe aqui um destaque à capacidade ativa do sujeito de estruturar sua vida cotidiana. Não se trata de uma reação passiva às condições sociais, mas resultado de um esforço ativo, mantido ou adaptado pelo indivíduo diariamente. Com isso, é possível explorar os recursos temporais e materiais mobilizados pelo sujeito e que influenciam sua CVC, bem como os aspectos sociais que a influenciam. Assim, não se trata de um aspecto fixo, mas dinamicamente estruturado pelo sujeito (Jurczyk, Voß, & Weihrich, 2016).

Ao mesmo tempo, ressaltam Jurczyk, Voß e Weihrich (2016), embora seja resultado de um esforço ativo, a CVC não é puramente voluntarista. Ela em grande parte é resultado de decisões situacionais com um aspecto pragmático de reflexão limitada. De igual modo, a CVC ganha relativa autonomia em relação ao indivíduo que a cria, uma vez que corresponde ao arranjo de atividades desempenhadas em diversos arranjos sociais.

Pode-se dizer que ele não pertence mais a eles e que adquire uma espécie de existência independente em relação a eles, uma existência independente da qual o indivíduo, por sua vez, se torna mais ou menos dependente. Desta forma, o sistema de condução de vida mantém sua própria lógica “nas costas” (cf. Karl Marx) do indivíduo (Jurczyk, Voß, & Weihrich, 2016, p. 47)<sup>32</sup>.

---

<sup>32</sup> One might say that it no longer really belongs to them, and that it gains a sort of independent existence in relation to them, an independent existence upon which the individual in turn becomes more or less dependent. In this way the system of life conduct upholds its own logic “behind the back” (cf. Karl Marx) of the individual (Jurczyk, Voß, & Weihrich, 2016, p. 47).

Também é possível constatar sua intrínseca relação com as condições sociais nas quais se dá. Os indivíduos reproduzem suas vidas inseridos em diversos contextos e, diante disso, respondem a demandas sociais, bem como agem a partir de determinadas formas socioculturais de interpretação e de ação já consolidadas. Para estruturar sua CVC, o indivíduo deve negociar constantemente com outras pessoas, seja no âmbito familiar, com amigos, colegas de trabalho etc. Sua condução, portanto, é um arranjo ativo e conjunto, situado no interstício da relação entre indivíduo e sociedade (Jurczyk, Voß, & Weihrich, 2016).

Para Holzkamp (1995/2016), esse conceito é importante na medida em que diverge da concepção hegemônica existente na Sociologia, na qual os indivíduos são variáveis dependentes da estrutura social. O grupo de Munique, segundo o autor, constrói uma sociologia orientada para o sujeito e, deste modo, conceita a CVC enquanto uma atividade integrativa ativa. Entretanto, isso não implica em uma concepção voluntarista, como exposto anteriormente. O conceito reconhece a relação intrínseca com a sociedade neste processo, uma vez que o indivíduo isolado não define seu destino, mas é co-criado por estruturas e mecanismos sociais. A condução de vida é, assim, uma categoria mediadora entre o sujeito e as estruturas sociais e enfatiza as possibilidades de ação existentes aos sujeitos.

Diante disto, Holzkamp (1995/2016) busca compreender o motivo de sua baixa difusão também na Psicologia, uma vez que é a ciência que centra-se no indivíduo. Parte desta explicação pode ser atribuída ao conceito de cientificidade adotado por este campo dentro da divisão do trabalho científico, ao ponto que não se reconhece sequer como uma ciência social. A influência das ciências naturais e exatas para a defesa da previsibilidade do comportamento humano como possibilidade científica é notória, o que provocou uma negligência à vida

cotidiana em detrimento de situações padrões que podem ser estudadas para identificar variáveis dependentes e independentes para comprovar as teorias.

A negligência à vida cotidiana, segundo Holzkamp (1995/2016), se dá pela forma que a Psicologia concebe possível a obtenção de conhecimento. Seja em situações experimentais, seja no *setting* terapêutico com um cenário especificamente arranjado, o conhecimento objetivo só é possível sem a “contaminação” da vida cotidiana.

Em suma, podemos dizer que na psicologia tradicional no sentido mais amplo, ou seja, incluindo a psicanálise, o procedimento de aquisição de conhecimento deve ser considerado basicamente como estando essencialmente vinculado a designadas situações-padrão criadas pelo pesquisador, o “experimento” ou o “*setting* terapêutico”, incluindo uma divisão da realidade em dois tipos diferentes, uma “realidade experimental” ou “terapêutica” na qual a pesquisa empírica real ocorre e uma “realidade cotidiana” cujo status científico e poder preditivo são inferiores (Holzkamp, 1995/2016, p. 77).<sup>33</sup>

Há uma “duplicação de realidade” constitutiva da Psicologia, uma vez que a relação entre a realidade estudada cientificamente e a vida cotidiana não é refletida, mas transposta mecanicamente. Isso se constitui como uma desvantagem epistemológica em relação a outras disciplinas, como a Sociologia e a Antropologia Social e acaba por negligenciar parte da realidade. Neste sentido, é possível observar a forma radical com a qual Holzkamp (1995/2016) adota a CVC enquanto conceito básico de sua teoria.

Entretanto, para chegar à raiz do problema é necessário ir além da conclusão de que a cegueira da Psicologia se deve à recusa da vida cotidiana. Na verdade, se a vida cotidiana se tornar um problema científico básico, as situações padrões e os experimentos perderiam sua capacidade de fornecer respostas. Ao considerar a condução de vida como resultado de um

---

<sup>33</sup> In sum, we can say that in traditional psychology in the broader sense, i.e., including psychoanalysis, the procedure of acquiring knowledge must basically be considered to be essentially bound to designated standard situations created by the researcher, the “experiment” or the “therapeutic setting,” including a division of reality into two different kinds, an “experimental” or “therapeutic reality” in which the actual empirical research takes place, and an “everyday reality” whose scientific status and predictive power are inferior (Holzkamp, 1995, p. 77).

esforço ativo do sujeito para integrar diversas demandas, o *setting* terapêutico e o experimento também seriam influenciados por esta condução. Assim, não é o terapeuta ou o experimentador que definem o significado atrelado àquele ambiente, nem detêm o monopólio da interpretação da função ou significado do experimento ou sessão. O sujeito, portanto, pode reinterpretar as instruções dadas e atribuir sentido a partir do aspecto mais geral de sua condução de vida (Holzkamp, 1995/2016).

É a partir destas constatações que Holzkamp (1995/2016) busca reestruturar a Psicologia sobre as bases da CVC enquanto conceito básico. Se o espaço experimental e o *setting* terapêutico são considerados espaços privilegiados “livres de contexto” nos quais psicólogos interpretam e produzem conhecimento, o conceito de CVC é inadmissível para estes campos de conhecimento. Para que seja admitido, requer o reconhecimento de ser apenas um dos contextos dependentes da vida cotidiana integrados pelo indivíduo e, caso o faça, representa uma ameaça às suas demandas metodológicas. Assim, esses campos necessitam reprimir os aspectos da subjetividade que ressaltam o papel ativo do sujeito na sua condução de vida.

A ciência, portanto, possui um ponto de vista externo ao sujeito no qual não inclui suas possibilidades interpretativas e sua participação na construção do conhecimento. Assim, embora essa aparente ser a única forma objetiva de obter conhecimento, é inatingível, ao menos por parte do sujeito que é objeto de estudo. Assim, só é possível a superação da negligência da Psicologia à condução da vida cotidiana com o rompimento da Psicanálise ou Psicologia tradicional: libertar os sujeitos do papel fictício de objeto de estudo e torná-los “co-pesquisadores”. Trata-se de uma nova abordagem com metodologia própria (Holzkamp, 1995/2016).

Entretanto, a adoção da CVC não pode se dar apenas pela transposição do conceito do grupo de Munique. Embora seja fruto de uma sociologia orientada pelo sujeito, seu foco é caracterizado por uma tentativa de “diagnóstico dos tempos”. Eles buscam compreender os impactos das transformações sociais na forma que as pessoas estruturam e conduzem suas vidas. Na ciência do sujeito (como entendido pela Psicologia Crítica Alemã), é distinto na medida em que o foco é a autocompreensão (Holzkamp, 1995/2016).

Holzkamp (1995/2016) aponta que Marx<sup>34</sup> compreende a autocompreensão como tornar o implícito explícito, compreender pela reflexão algo que já sei de alguma forma, tornar o conhecimento tácito em conhecimento “conhecido”. Assim, é fundamental um esforço de reinterpretação deste conceito para a ciência do sujeito. Para ele, esse processo se dá de forma coletiva, o outro também é incluído na autocompreensão:

O outro é desafiado a - ou é sugerido a ele/ela que ele/ela deveria - seguir a minha tentativa de me expressar em palavras para saber se *ele/ela* pode obter maior clareza, por exemplo, sobre a sua “condução de vida”. Nesse sentido, e somente nesse sentido, o interesse em alcançar a “autocompreensão” é também um interesse em “chegar a um entendimento” com os outros a fim de encontrar uma *linguagem comum* sobre algo que está sempre apenas disponível ou “dado” para cada um de nós individualmente (p. 85, grifos do autor).<sup>35</sup>

Com isso, ninguém pode tratar o outro como objeto, pois se excluiria do processo conjunto de autocompreensão. A posição científica nesta perspectiva é dada em seu caráter intersubjetivo, na relação de co-pesquisador; só é possível compreender a partir da relação e não a partir de um ponto externo. Ou seja, esta relação possibilita ultrapassar o nível da aparência do conhecimento, buscando atingir algo que não é evidente. Isso aponta para as

---

<sup>34</sup> Holzkamp (1995/2016) não cita nenhuma obra marxiana em específico.

<sup>35</sup> The other is challenged to – or it is suggested to him/ her that s/he should – follow my attempt to express myself in words in order to find out whether *s/he* can achieve greater clarity, for instance, about his or her “conduct of life”. In this sense, and only in this sense, the interest in achieving “self-understanding” is also an interest in “coming to an understanding” with others in order to find a *common language* about something that is always only available or “given” to each of us individually (Holzkamp, 1995/2016, p. 85, grifos do autor).

duas possibilidades de construir ciência e conceituar a experiência individual: permanecer no nível da aparência ou transcender este nível; interpretar ou compreender; relações instrumentais ou relações entre sujeitos (Holzkamp, 1995/2016).

Isso não é um conflito apenas do campo das ideias, mas representa conflitos reais de poder, na medida que pode se traçar um paralelo com o meu interesse de ganhar influência sobre as minhas próprias circunstâncias de vida (capacidade generalizada) e o interesse dominante de preservar as relações de poder existentes (capacidade restritiva). Assim, podemos compreender de que forma Holzkamp (1995/2016) incorpora suas produções anteriores ao adotar a CVC como conceito básico de sua elaboração teórica. É a partir deste conflito entre as possibilidades restritivas e generalizadoras de ação que podemos compreender conceitos como repressão, defesa ou inconsciente, como exposto no tópico anterior. Essas defesas, entretanto, se estruturam a partir do ponto de vista de cada sujeito e somente ele pode identificá-las e superá-las.

Disto decorre o desafio de criar uma linguagem cientificamente plausível para o estudo da autocompreensão, uma vez que a psicologia tradicional não fornece uma linguagem adequada pois parte de um ponto externo ao sujeito. Deve-se buscar uma linguagem que possibilite a cada sujeito a verbalização de seus pontos de vista, capaz de expressar os motivos subjetivos para a ação de cada pessoa. Assim, os motivos necessariamente são a partir do ponto de vista de alguém, não podem ser reduzidas aos meus próprios motivos (Holzkamp, 1995/2016).

Os “motivos” são, como tal, sempre “primeira pessoa”, ou seja, devem logicamente ser meus motivos e quando falo dos “motivos” de outras pessoas neste contexto, reconheço que são essas as razões que só podem ser acessados por *elas* a partir de *seus* pontos de vista e de *suas* perspectivas, que não posso reduzir ao meu próprio ponto de vista e à minha perspectiva. Ninguém é o "objeto" do ponto de vista do outro, ninguém tem o privilégio de ser o falante em relação ao qual o outro deve permanecer em silêncio - ambos são igualmente obrigados a permitir que o outro se expresse e a si

mesmo suas razões no processo de comunicação verbal (Holzkamp, 1995/2016, p. 87, grifos do autor)<sup>36</sup>.

Com isso, a linguagem que possibilita essa troca mútua e que encara o sujeito pesquisado como co-pesquisador é o “discurso dos motivos”. Para Holzkamp (1995/2016), o “discurso dos motivos” é a linguagem da ciência do sujeito, oposto teórica e metodologicamente ao discurso das condições da Psicologia tradicional. Assim, é a partir do “discurso dos motivos” que o pesquisador realiza a apropriação da CVC elaborado pela sociologia orientada pelo sujeito, desenvolvida pelos pesquisadores de Munique.

Aqui é possível constatar o crescente destaque da Fenomenologia para as proposições do autor sobre os motivos para a ação, tal como destacado por Tolman (2003). Embora não a cite neste texto explicitamente, com a contribuição da Fenomenologia Holzkamp (1995/2016) opera uma crítica radical à cisão entre sujeito e objeto, o que tem consequências em sua concepção teórica, metodológica e prática. A partir da CVC enquanto conceito básico, é possível constatar que o autor tende a dar uma importância cada vez maior ao indivíduo e à dimensão simbólica da realidade. Sua influência tanto da Fenomenologia quanto da Psicanálise se tornam latentes.

A condução de vida é entendida aqui como um esforço ativo dos indivíduos que possuem relativa autonomia e não só se apropriam das condições sociais e as organizam por meio do trabalho, mas as criam e transformam em conjunto com outros. Entretanto, as

---

<sup>36</sup> “Reasons” are, as such, always “first person,” that is, they must logically be my reasons and when I speak of the “reasons” of other persons in this context, I recognize that these are their reasons that can only be accessed by *them* from *their* standpoints and *their* perspectives, which I cannot reduce to my own standpoint and my perspective. No one is the “object” of the other’s point of view, no one has the privilege of being the speaker toward whom the other must remain silent – both are equally required to permit the other to express him- or herself and his or her reasons in the verbal communication process. The above-mentioned prerequisites for a scientific language as the medium of mutual self-understanding are thereby fulfilled (Holzkamp, 1995/2016, p. 87, grifos do autor).

condições sociais não são compreendidas da forma conceituada pela sociologia, mas em seus aspectos de orientação subjetiva, enquanto um conjunto de significações.

As condições sociais são apropriadas pelos sujeitos de formas particulares, como síntese das possibilidades generalizadas e restritivas de ação socialmente produzidas, às quais o sujeito traduz em ação a partir dos motivos subjetivos ligados à sua condução de vida. Em outras palavras, as possibilidades de ação dadas na sociedade são convertidas em ações efetivas a partir das motivações subjetivas ligadas aos seus interesses de vida de aumentar sua influência nas condições sociais e melhorar sua qualidade de vida (Holzkamp, 1995/2016).

Para ser mais preciso: das constelações de significados com as quais são confrontados, os sujeitos *podem extrair certas premissas para a ação que adotam como suas* e das quais, por implicação ou inferência, surgem certas intenções de agir que são, para eles, sensíveis, no sentido de que elas são de seu interesse, nas quais elas então, na medida em que não há resistências ou impedimentos na realidade contingente que lutam contra elas (isto é, todas as outras coisas sendo iguais), finalmente agem (Holzkamp, 1995/2016, p. 89, grifos do autor)<sup>37</sup>.

Neste sentido, podemos compreender a relativa autonomia da CVC a partir da ciência do sujeito. No “discurso dos motivos”, ela não é puramente reflexo das condições sociais, mas estas últimas constituem as bases sobre as quais as possibilidades de ação se apresentam. O indivíduo tem a capacidade de atuar ativamente a partir dessas possibilidades dadas. Entretanto, o grau desta relativa independência pode ser compreendido a partir de dois aspectos. Primeiro, a partir das possibilidades de ação que foram construídas historicamente, pois não é possível realizar uma ação que ainda não existe nas premissas e às quais não tenho motivo para tal. Segundo, a partir dos interesses de vida específicos, diretamente relacionados aos motivos das ações do indivíduo. Aquelas ações que não estão em consonância com o meu

---

<sup>37</sup> To put it more precisely: from the meaning constellations with which they are confronted subjects *can extract certain premises for action* that they *adopt as theirs* and from which, by implication or inference, certain intentions to act then arise that are, for them, sensible, in the sense that they are in their interest, on which they then, insofar as there are no resistances or impediments in the contingent reality that militate against it (i.e., all other things being equal), finally act (Holzkamp, 1995/2016, p. 89, grifos do autor).

interesse de manter ou expandir o controle sobre minhas condições de vida são excluídas de início (Holzkamp, 1995/2016).

Por conseguinte, embora a CVC não seja reflexo direto das condições sociais, suas possibilidades não são ilimitadas, não é descolada da realidade concreta. Minhas ações não se dão descoladas nem das possibilidades historicamente constituídas, nem dos meus próprios interesses diante dessas relações sociais fruto de uma constituição histórica. É neste sentido que Holzkamp (1995/2016) postula que a única afirmação *à priori* da ciência do sujeito é de que o ser humano não pode se prejudicar conscientemente. Caso o sujeito aja contra seus interesses, isso não pode ser compreendido como exercício de liberdade, mas como algo externo e imposto. Holzkamp (1995/2016) aqui se aproxima das concepções de Foucault e situa o poder dentro das relações cotidianas.

Visto assim, optar por não mudar as estruturas de significado existentes e possibilidades de ação em minha condução de vida só pode ser entendido como tendo fundamento ou sendo sensato se for assumido que eu antecipo que qualquer esforço para ir além do "autoevidente" em uma tentativa de mudar as condições seria, ao mesmo tempo, expor-me a uma *ameaça à estabilidade atual de minha condução de vida*. Eu arriscaria, assim, provocar conflitos que poderiam resultar em prejudicar as possibilidades que agora se abrem para exercer influência nas condições vigentes e na minha vida cotidiana. Aqui, as relações de poder de que falamos acima entram em jogo, embora não na forma de uma linha divisória clara entre os "poderosos" e os "impotentes", mas como uma distribuição das relações de poder dentro das estratégias cotidianas de coerção e defesa, tais como aquelas para as quais Foucault repetidamente chamou a atenção (e que serão de grande relevância para nossas futuras considerações). A alternativa de mudar as condições sob as quais organizo minha vida no dia a dia ou aceitar condições (limitantes) encontra-se entre os dois pólos de melhorar minha qualidade de vida, por um lado, e afastar defensivamente as ameaças, do outro, conforme descrito acima (Holzkamp, 1995, p. 90)<sup>38</sup>.

---

<sup>38</sup> Thus seen, opting not to change the existing meaning structures and possibilities for action in my conduct of life can only be understood as having grounds or being sensible if it is assumed that I anticipate that any endeavor to go beyond the "self-evident" in an attempt to change the conditions would at the same time be to lay myself open to a threat to the current stability of my conduct of life. I would thus risk provoking conflicts that could result in my damaging the possibilities currently open to me to exert an influence on the prevailing conditions and of my everyday living. Here the power relations that we spoke about above come into play, although not in the form of a clear dividing line between the "powerful" and the "powerless," but as a distribution of power relations within everyday strategies of enforcement and defense, such as those to which Foucault repeatedly drew attention (and which will be of great relevance for our further considerations). The alternative of either changing the conditions under which I organize my life from day to day or accepting

A possibilidade restritiva de ação se realiza apenas quando o indivíduo compreende que a tentativa de ampliar seu controle sobre as condições sociais pode colocar em risco o controle que já se tem. Ou seja, eu só posso tomar consciência das possibilidades generalizadas de ação se eu conseguir antecipar que estas ações não colocarão em risco a estabilidade já obtida na minha vida cotidiana. Do mesmo modo, só será possível efetivar as mudanças nas constelações de significados se elas se converterem em motivos para minhas ações ao ponto de enfrentar os limites postos, que só serão superados a partir de mudanças reais nas condições de vida (Holzkamp, 1995/2016).

Assim, o autor afirma que não há negação do que foi produzido pelo grupo de Munique, inclusive atribui importância à historicização da condução de vida como algo com crescente importância ao longo do processo de modernização, individualização e racionalização da sociedade. Estes aspectos sociais têm foco no sujeito e podem ser compreendidos como constelações de significados e podem ser tornar possibilidades de ação generalizada. A pesquisa sociológica não se debruça da mesma forma sobre o sujeito, o que não significa que seja possível abstrair a base estrutural social que determina a condução de vida. Essa base, por outro lado, será apropriada de forma distinta, a partir da necessidade imposta para a apreensão da subjetividade (Holzkamp, 1995/2016).

O objetivo é partir do problema para analisar cada um dos níveis de mediação entre as características sócio-estruturais e as constelações de significados e as possibilidades para ação dadas na vida dos indivíduos. Isso possibilita compreender a passagem dos motivos para a ação para as ações projetadas e, por fim, às ações de fato. Com isso, Holzkamp (1995/2016) busca compreender como as possibilidades de ação dadas por uma determinada estrutura

---

(limiting) conditions lies between the two poles of improving my quality of life on the one hand and defensively warding off threats on the other, as described above (Holzkamp, 1995/2016, p. 90).

social são implementadas em ações individuais, bem como as condições necessárias para transformar as condições sociais existentes e os conflitos e contradições que devem ser levados em consideração no processo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, podemos concluir que a obra de K. Holzkamp, em grande medida, pode ser analisada como uma expressão do movimento do real. Tendo iniciado sua carreira no campo do construtivismo, Holzkamp se apropriou do marxismo diante de um contexto de acirramento das lutas sociais e rechaçou seus trabalhos anteriores a 1968. Sua aproximação se deu não somente no campo teórico, mas com o engajamento em atividades promovidas pelos estudantes na universidade na qual lecionava.

Esses movimentos – expressão de uma transformação global no âmbito do sistema do capital e que tomou características particulares diante das relações sociais específicas da Alemanha – possibilitaram sua aproximação à obra marxiana e impulsionou seu interesse em perspectivas críticas no campo psicológico. Sua apropriação da obra marxiana merece destaque por fugir de proposições dogmáticas de certas frações da tradição marxista. O autor considerava a obra marxiana uma contribuição incontornável, mas insuficiente. A partir daí empreendeu esforços teóricos para dar conta de seu objeto de estudo e operou diversas transformações em sua obra.

Assim, o pesquisador teve maior contato com a obra do soviético A. Leontiev. Inspirado em seus trabalhos e na tentativa de promover uma unificação da Psicologia, Holzkamp desenvolveu a partir da década de 1980 um método que possibilitou a apropriação crítica dos conceitos psicológicos disseminados na Psicologia burguesa. Por meio do método histórico-funcional, o autor conseguiu se aproximar de uma definição da natureza humana e superar o dualismo existente na Psicologia burguesa entre o determinismo biológico e a produção social do psiquismo. Com isso, ele pôde reconstruir diversos dos conceitos postulados por essas teorias a partir de uma perspectiva histórico-genética, compreendendo os

aspectos gerais e específicos e suas relações com a evolução biológica que possibilitou sua existência.

Entretanto, este método era capaz de realizar uma diferenciação apenas do ponto de vista biológico. A partir do momento que a sociabilidade se torna o elemento preponderante para a constituição dos seres humanos, ele se mostrava insuficiente. Com isso, Holzkamp reconhece que houve um salto qualitativo no desenvolvimento humano, passando do domínio das leis biológicas para o domínio das leis históricas.

Por conseguinte, o autor se debruçou no estabelecimento de métodos compatíveis com o ser social. Ele avançou no desenvolvimento científico de categorias que fossem capazes de abarcar a relação dialética entre indivíduo e sociedade e lançou mão da reinterpretação. Desta forma, foi possível realizar um resgate crítico dos conceitos difundidos pela Psicologia burguesa a fim de reconhecer os conflitos dados em uma sociedade dividida em classes e contaram com forte influência da Psicanálise e da Fenomenologia.

Esses novos métodos promovem a superação da unilateralidade com a qual certas teorias abordam os indivíduos como puramente determinado pelas relações sociais nas quais se constituem. Na contramão e em consonância com a obra marxiana, Holzkamp ressalta a relação dialética existente entre indivíduo e sociedade e aponta sua capacidade ativa e transformadora, capaz, em conjunto com outros, de superar as limitações inerentes à sociedade burguesa. Isso se expressa por seu conceito de capacidade de ação, sobretudo sua expressão generalizada.

A contribuição tanto da Psicanálise quanto da Fenomenologia, ao menos à princípio, parecem atender às demandas e críticas que o autor sofria por “politizar” a Psicologia. Assim, a apropriação destas duas tradições teóricas tem o objetivo de fornecer mediações que não definam à priori o conteúdo da análise do psiquismo. As duas são consideradas pelo autor

como perspectivas que de alguma forma “dão voz” aos indivíduos e atribuem complexidade à subjetividade.

A estratégia de Holzkamp ao adotar a Fenomenologia e a Psicanálise reforça o marxismo antidogmático que o autor defende, algo que merece maiores reflexões. Não foi possível avançar no sentido de compreender as implicações que essa apropriação tem para sua sistematização mais geral. Entretanto, de acordo com a defesa do próprio Holzkamp, sua conceituação do psiquismo e da subjetividade não é determinista e representa um esforço legítimo para a construção de categorias que não são puramente extraídas da crítica da economia política de Marx. Pelo contrário, são resultado de um processo de apropriação e reflexão crítica da Psicologia burguesa.

Em síntese, podemos afirmar que Holzkamp adota a Psicologia fenomenológica como forma de abordar o objeto psicológico. Se os indivíduos vivem cotidianamente em relações sociais concretas enquanto parte da sociedade como um todo, é necessário partir desta experiência imediata para compreender as mediações entre sua vida individual e a reprodução social. A necessidade de sua adoção se dá pela diferenciação entre estes dois processos, uma vez que o indivíduo não se reproduz “na” sociedade, mas está situado em relações sociais concretas.

Assim, de acordo com Holzkamp (1984d/2015), esta contribuição permite diferenciar as necessidades sociais daquilo que é individualmente relevante, do qual o sujeito tem acesso. Com isso, pode-se vislumbrar uma superação dos limites impostos pela forma de sociabilidade na qual o indivíduo se reproduz, passando de um concreto da representação para um concreto do pensamento com a mediação da abstração.

Entretanto, sobretudo ao fim de sua carreira acadêmica, o autor intensificou um afastamento do marxismo (cf. Holzkamp, 1995/2016), já sinalizado nos primeiros textos da

década de 1980 aqui analisados. Diante da crise estrutural expressa a partir da década de 1960, com o fim do Estado de bem-estar social, início da ofensiva neoliberal, fim da hegemonia do stalinismo nas organizações de esquerda e dissolução dos países de “socialismo real”, o marxismo caiu em descrédito e foi amplamente criticado. Neste período tornou-se possível uma separação clara entre esquerda e marxismo. Como resposta às críticas ao marxismo, segundo Evangelista (1997), surgiram diversas teorias pós-estruturalistas e pós-modernas, que, embora polissêmicas, possuem em comum o foco no cotidiano como via privilegiada de ação, supervalorização da linguagem e o abandono de uma perspectiva de verdade.

No lugar de metanarrativas, como o marxismo ou a Psicanálise, o conhecimento agora tem uma perspectiva situada. Segundo essas leituras, a história perde sua conexão de causas e efeitos para se tornar um fluxo casual e imprevisível, composto por indivíduos lutando entre si. A crítica à razão moderna acaba por desembocar em uma crítica à racionalidade, incorrendo em um crescente irracionalismo. Há o abandono da razão, da verdade e do progresso em detrimento do efêmero, contingencial, imaginário e fragmentário. As metateorias que buscavam os nexos históricos são postas em xeque, deslocando o foco para o cotidiano não estruturado e heterogêneo. O cotidiano passou a ser descoberto enquanto locus de reprodução da dominação e espaço privilegiado de resistência em detrimento da tomada do poder (Evangelista, 1997).

Holzkamp, sobretudo em seus 3 ou 4 últimos anos de vida, consolida sua inflexão fenomenológica ao lançar mão do conceito de condução da vida cotidiana. Embora tenha apropriado este conceito de pesquisadores modernos e não tenha abandonado de forma definitiva o marxismo, é possível constatar em seus últimos escritos uma tendência à valorização da linguagem e um foco maior no indivíduo. Seu foco se torna a perspectiva que o

sujeito ocupa ou, no máximo, a instituição. Justamente neste período o autor também assimilou diversas contribuições de Foucault sobre a instituição escolar.

O que Jurczyk, Voß e Wehrich (2016) – autores dos quais Holzkamp (1995/2016) apropriou a noção de vida cotidiana – chamam de “modernidade tardia” pode ser compreendido como a reestruturação produtiva observada após a década de 1960. Com o esgotamento do Estado de bem-estar social e a implementação da ofensiva neoliberal, o capitalismo passou por uma reestruturação de seu modo de produção, passando para um modelo de acumulação flexível.

Embora esta parte de seu trabalho tenha sido interrompida por sua morte e parte dos escritos estarem acessíveis apenas em alemão, podemos afirmar, ao menos dentro dos limites deste trabalho, que Holzkamp expressa as transformações que estavam ocorrendo no período em que viveu. Diante da queda do Muro de Berlim e da dissolução dos países de “socialismo real”, o marxismo enfrentou uma crise e teve sua capacidade explicativa questionada. A apropriação feita pelo autor de outras teorias e sua negligência às transformações estruturais que o capitalismo operava à época indica a forma que o autor optou por responder a essas críticas. A ênfase de Holzkamp no “discurso dos motivos” e cada vez menos referência ao marxismo indicam uma inflexão teórica importante que merece maior atenção.

Por ora fazemos coro à avaliação de Yamamoto (1997) sobre a relevância do cotidiano para o marxismo. Diante de uma perspectiva fragmentária, imediatista, apartada de suas mediações com a totalidade social, o cotidiano como centralidade possui limites intrínsecos. Em outras palavras, “a temática do cotidiano concebida como a prevalência do nível microscópico, pela impugnação das possibilidades de síntese, não pode ser uma questão para a tradição marxista” (Yamamoto, 1997, p. 60). Nossas investigações também corroboram com

a avaliação realizada por Teo (1998) sobre o período sujeito-científico de Holzkamp ao afirmar que “a dimensão utópica da PCA nesta última fase é bem modesta” (p. 247)<sup>39</sup>.

As críticas dirigidas ao marxismo que corroboraram para que teorias pós-modernas pululassem são não só infundadas, mas expressão de transformações mais amplas. Elas cumprem determinada função social e expressam mais uma vez a capitulação de movimentos progressistas pelo capitalismo e pela crença na possibilidade de obter melhoras parciais sob a égide do capital. De igual modo, elas negligenciam parte estruturante e fundamental de um sistema fundamentado na contradição capital-trabalho. Mészáros (2011) demonstra sua capacidade explicativa ao salientar a impossibilidade do capitalismo de reconhecer as causas como causas. Nesse sentido, o autor húngaro nos atenta para a incontrolabilidade do sistema do capital, para a urgência de construir uma sociabilidade distinta e para a radicalidade da crítica necessária.

Vale ressaltar que a presente investigação consiste em uma primeira aproximação à obra de Klaus Holzkamp e não tem a intenção de esgotar ou apresentar conclusões definitivas de sua obra. Pelo contrário, representa um primeiro esforço para a sua apropriação e difusão por parte da Psicologia brasileira. Muito mais do que oferecer respostas, a presente proposta suscita diversas questões que podem resultar em novas pesquisas.

Diversos percalços atravessaram este trabalho, como as dificuldades para acessar os textos do próprio autor, o tempo exíguo para sua confecção e o desenvolvimento de grande parte da pesquisa diante de uma pandemia de Covid-19. Quanto ao acesso às fontes, o livro composto por um compilado de textos de autoria de K. Holzkamp traduzido para o português conta com algumas limitações, como a supressão de notas de rodapé e dos destaques feitos pelo próprio autor, o que impossibilitou sua adoção de forma extensiva para o presente estudo.

---

<sup>39</sup> The utopian dimension of CP in this latest phase is very modest (Teo, 1998, p. 247).

Assim, diversas são as possibilidades que surgem a partir deste trabalho. Uma das possibilidades aqui infimamente exploradas consiste no estudo das principais carências e dificuldades enfrentadas. Se apenas parte da obra do autor encontra-se disponível para acesso em português, inglês ou espanhol, uma investigação aprofundada em seus estudos anteriores a 1983 escritos exclusivamente em alemão e até mesmo os escritos originais posteriores a este período forneceriam grandes contribuições para uma compreensão mais substancial.

O estudo de fases anteriores do autor também pode contribuir para compreender a forma que se deu a apropriação de Leontiev e as possíveis relações e divergências com a Teoria da Atividade do psicólogo soviético. Esta última é criticada por alguns autores brasileiros (cf. Castro, 2009) por ser mecanicista na medida em que conceitua a atividade como o encontro da necessidade com o objeto e não leva em consideração a práxis para a sua compreensão. Neste sentido, um estudo atento às possíveis relações entre a atividade de Leontiev e a capacidade de ação de Holzkamp podem auxiliar um refinamento teórico e prático para as perspectivas críticas.

O estudo de fontes adicionais às utilizadas neste trabalho escritas pelo próprio Holzkamp também podem contribuir para uma compreensão mais acurada de sua relação com a obra marxiana e com a tradição marxista. Embora não tenha sido o foco do presente trabalho, constatamos uma leitura reducionista do materialismo histórico-dialético por Tolman (2003), que atribui a Holzkamp – sem citar nenhuma obra específica do autor – um marxismo típico de deformações positivistas oriundas sobretudo da Segunda Internacional. Essas detrações influenciaram fortemente o marxismo-leninismo oficializado pelo stalinismo de acordo com Netto (2009).

Tolman (2003) apresenta a obra marxiana como resultado da fusão do materialismo histórico e do materialismo dialético e descrevendo, inclusive, as célebres “leis da dialética”<sup>40</sup>. Nessa perspectiva, de acordo com Netto (2009), a lógica dialética seria passível de uma aplicação de leis com um caráter manualesco sem grandes esforços analíticos empreendidos pelo pesquisador. Ao menos a partir das obras acessadas para a presente pesquisa, Holzkamp parece se contrapor a essa perspectiva, defendendo um marxismo antidogmático e procedimentos de análise que fogem a uma lógica manualesca.

Entretanto, caso tenha fundamento a leitura de Tolman (2003), um exame das possíveis reverberações em sua obra se faz necessário. Essas duas indicações de investigação (a relação com Leontiev e com a obra marxiana) representam uma contribuição fundamental para uma compreensão mais acurada das possibilidades e limites inerentes à sua obra e a relação que estabelece com as proposições mais gerais do método materialista histórico-dialético.

Outra possibilidade de investigação a partir do presente estudo são as possíveis relações da teoria de Klaus Holzkamp, sobretudo em sua fase ulterior, com teóricos latino-americanos, como Fals Borda e Paulo Freire. O último, em especial, contou igualmente com diversas influências da Fenomenologia para suas proposições teóricas (Pizzi, 2010). Neste sentido, caberia maior atenção para as possibilidades de diálogo destas tradições, aproximadas não só por suas influências e proposições, mas pela contiguidade histórica e pelas relações sociais nas quais foram gestadas.

Esses autores, assim como Holzkamp, contribuem para a reflexão crítica da pesquisa e prática em ciências humanas que rompem com a cisão entre sujeito e objeto de forma muito particular. Fals Borda, com sua pesquisa-ação participante, Paulo Freire com a educação

---

<sup>40</sup> A saber, (1) lei da transformação da quantidade em qualidade; (2) lei da interpenetração de opostos e (3) lei da negação da negação (Tolman, 2003).

popular e a pesquisa-ação de base freireana e Holzkamp com a Ciência do Sujeito possuem pontos de interlocução que podem ser analisados e tensionados.

Ademais, por ser uma teoria ainda pouco explorada, diversas outras contribuições podem ser delineadas para a Psicologia. Seja para o campo dos métodos de investigação, para a atuação nos mais diversos contextos, como a título de exemplo na clínica, na saúde mental ou na educação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Antunes, M. A. M. (2005). Materialismo histórico-dialético: fundamentos para a pesquisa em História da Psicologia. In Abrantes, A. A.; Silva, N. R.; MARTINS, Sueli T. F. (Orgs.). *Metódo Histórico-social na Psicologia Social* (pp. 105-117). Petrópolis: Vozes.
- Bensaid, D. (2008). Maio de 68: uma página na história mundial de lutas. *Em Pauta*, 21(16), 215-227.
- Bianchi, A., & Braga, R. (2008). 1968 e depois: os estudantes e a condição proletária. *Outubro*, 17, 15-40.
- Castro, F. G. (2009) Materialismo histórico e definição de psíquico. *Psicologia & Sociedade*, 21 (2), 182-192.
- Corcoran, K.; Häfner, M.; Kauff, M.; Stürmer, S. (2019). A reflection on crucial periods in 50 years of social psychology (in Germany). *Social Psychology*, 50(1), 1-6.
- Evangelista, J. E. (1997). *Crise do marxismo e irracionalismo pós-moderno*. São Paulo: Cortez.
- Fichtner, B. (2015). A abordagem Histórico-Cultural no contexto alemão: a atualidade do reprimido - problemas e perspectivas da recepção. *Fractal, Rev. Psicol.*, 27(1), 88-93.
- Funke, H. (2018). As sombras da História: memórias de 1968 na Alemanha. *Revista ECO-Pós*, 21(1), 137-151.
- Holzcamp, K. (1984b/2015). El proceso social e individual de la vida. In Vollmer, S. (Ed.). *Ciencia marxista del sujeto: una introducción a la psicología crítica* (pp. 74-96). Madrid: La Oveja Roja.
- Holzcamp, K. (1984c/2015). La relevancia del psicoanálisis de Freud para la psicología marxista. In: Vollmer, S. (ed.). *Ciencia marxista del sujeto: una introducción a la psicología crítica* (pp. 185-215). 1. ed. Madrid: La Oveja Roja.
- Holzcamp, K. (1984d/2015). Psicología Crítica y Psicología Fenomenológica. In: Vollmer, S. (ed.). *Ciencia marxista del sujeto: una introducción a la psicología crítica* (pp. 114-182). 1. ed. Madrid: La Oveja Roja.
- Holzcamp, K. (1985b/2015). Los conceptos básicos de la Psicología Crítica. In Vollmer, S. (Ed.). *Ciencia marxista del sujeto: una introducción a la psicología crítica* (pp. 62-73). Madrid: La Oveja Roja.
- Holzcamp, K. (1985b/2013). Personality: A Functional Analysis of the Concept. In Schraube, E., & Osterkamp, U. (Eds.). *Psychology from the Standpoint of the Subject: Selected Writings of Klaus Holzcamp* (pp. 77-86). New York: Palgrave Macmillan.

- Holzkamp, K. (1990/2015). ¿A qué se refiere el par conceptual "capacidad restrictiva de acción" vs. "capacidad generalizada de acción"? In Vollmer, S. (Ed.). *Ciencia marxista del sujeto: una introducción a la psicología crítica* (pp. 97-113). Madrid: La Oveja Roja.
- Holzkamp, K. (1992). On doing psychology critically. *Theory & Psychology*, 2 (2), 193–204.
- Holzkamp, K. (1995/2016). Conduct of everyday life as a basic concept of critical psychology. In: Schraube, E.; Højholt, C. (Eds.). *Psychology and the conduct of everyday life* (pp. 66-99). 1. ed., Londres: Routledge.
- Jurczyk, K., Voß, G. G., & Weihrich, M. (2016). Conduct of Everyday Life in Subject-Oriented Sociology: Concept and Empirical Research. In: Schraube, E., & Højholt, C. (Eds.) *Psychology and the conduct of everyday life* (pp. 34-64). Nova York: Routledge.
- Klein, C. R. M. (2014). Origens do pensamento Ordoliberal: Uma pequena leitura da liberdade. *Convergência Crítica*, 4, 125-145.
- Lacerda Jr, F. (2015). Marxism and Critical Psychology: Identifying Catalysts for Building Critical Social Theory. In: Tuleski, S. C. (Ed.) *Liberation Psychology in Brazil* (pp. 41-54), New York: Nova Science Publishers.
- Leiser, E. (1999). Hegemonía y estadística en la psicología alemana: estudio histórico de una guerra despiadada contra la heterodoxia. *Llull*, 22(45), 675-686.
- Marvakis, A. (2016). A Psicologia (Crítica) Permanentemente na Encruzilhada: servos do poder ou ferramentas para a emancipação? In Hur, D. U.; Lacerda Jr, F. (Orgs.). *Psicologia Política Crítica: insurgências na América Latina* (pp. 95-105). Campinas: Alínea.
- Marx, K. & Engels, F. (2007). A ideologia alemã (R. Enderle, N. Schneider e L. C. Martorano, Trad.). São Paulo: Boitempo.
- Marx, K. (1859/2008). Prefácio. In Marx, K. *Contribuição à crítica da Economia Política*. São Paulo: Expressão popular.
- Mészáros, I. (2011). *A crise estrutural do capital*. 2. ed. São Paulo: Boitempo.
- Mhereb, M. T., & Corrêa, E. (Orgs.). (2018). *68: como incendiar um país*. São Paulo: Veneta.
- Netto, J. P (2009). Introdução ao método da teoria social. In CFESS; ABEPSS. (Org.). *Serviço social: direitos sociais e competências profissionais* (pp. 667-700). Brasília: CFESS; ABEPSS.
- Netto, J. P. (2012a). *Crise do socialismo e ofensiva neoliberal*. São Paulo: Cortez.

- Netto, J. P. (2012b). Mais valia, lucro e queda da taxa de lucro. In: Netto, J. P. *Economia política: uma introdução crítica*. São Paulo: Cortez.
- Paniago, Maria C. S. (2012). Crise estrutural e ativação dos limites absolutos do sistema do capital. In: Paniago, Maria C. S. *Mészáros e a incontrolabilidade do capital*. São Paulo: Instituto Lukács.
- Papadopoulos, D. (2009). Klaus Holzkamp's Critical Social Science. *Theory & Psychology*, 19 (2), 161-166.
- Pizzi, J. (2010). Aspectos hermenêutico-fenomenológicos do mundo da vida: releituras crítico-educativas. *Educação Unisinos*, 14(2), 134-142.
- Pavón-Cuéllar, D. (2016). Para uma redefinição marxista da Psicologia Política. In Hur, D. U., & Lacerda Jr, F. (Orgs.). *Psicologia Política Crítica: insurgências na América Latina* (pp. 33-47). Campinas: Alínea.
- Ribeiro, A. F. (2015) Taylorismo, fordismo e toyotismo. *Lutas Sociais*, 19(35), 65-79.
- Teo, T. (1998). Klaus Holzkamp and the Rise and Decline of German Critical Psychology. *History of psychology*, 1(3), 235-253.
- Teixeira, S. O. (2018). O protagonismo da juventude estudantil alemã no Maio de 68. *Em Pauta*, 42(16), 215-227.
- Tolman, C. (2003). *Psychology, Society, and Subjectivity: An Introduction to German Critical Psychology*. New York: Routledge.
- Tolman, C. (2009). Holzkamp's Critical Psychology as a Science from the Standpoint of the Human Subject. *Theory & Psychology*, 19 (2), 149-160.
- Varela, R., & Della Santa, R. (2018). O Maio de 68 na Europa – Estado e Revolução. *Rev. Direito Práx.*, 9(2), 969-991.
- Vieira, M. A., & Garcia, M. A. (1999). *1968 – Brasil, França e Alemanha*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Yamamoto, O. H. (1997). É o cotidiano uma questão para o marxismo?. *Serviço Social & Sociedade*, 18 (54), 50-62.

**ANEXOS**

## ANEXO A — BIBLIOGRAFIA DE KLAUS HOLZKAMP

Lista de trabalhos publicados em vida de Klaus Holzkamp (1956-1995)<sup>41</sup>

ANO	TÍTULO EM PORTUGUÊS
1956	Expressão de compreensão no aspecto experiencial. Uma investigação experimental. Berlin Freie Universität, Dissertação em Filosofia, Dia da prova oral 13.12.1956, dia do doutorado: 18.3.1957, 87 p. (A introdução e a primeira parte principal apareceram ligeiramente alteradas sob o seguinte título:)
1956	Compreendendo a expressão como fenômeno, função e atuação. <b>Anuário de Psicologia e Psicoterapia</b> (livreto memorial para Oswald Kroh), n. 4, p. 297-323, 1956.
1956	Junto com Kripal Singh Sodhi & Rudolf Bergius: Diferenças dependentes de gênero em estereótipos nacionais. <b>Anuário de Psicologia e Psicoterapia</b> , n. 4, p. 263-296, 1956.
1958	Junto com Kripal Singh Sodhi & Rudolf Bergius: Julgamentos sobre pessoas (tentativa de análise do problema), <b>Contribuições psicológicas</b> , n. 3, p. 503-526, 1958.
1958	Junto com Kripal Singh Sodhi & Rudolf Bergius: O emaranhado recíproco de julgamentos sobre os povos. <b>Revista de Psicologia Experimental e Aplicada</b> , n. 5, p. 547-604, 1958.
1958	O aconselhamento educacional como processo sócio-psicológico. (Contribuição para o grupo de trabalho escritórios de bem-estar juvenil de Berlim) <b>Prática de Psicologia infantil e Psiquiatria infantil</b> , n. 7, p. 193-197, 1958; também em: Hermann Röhrs (Ed.). A área de trabalho da psicologia educacional. Frankfurt: <b>Akademische Verlagsgesellschaft</b> , 1971, p. 339-348.
1959	A experiência de ser compreendido por outros povos. <b>Psicologia e Práxis</b> , n. 3, p. 169-178, 1959.
1961	In memoriam Kripal Singh Sodhi (1911-1961). <b>Jornal de Colônia para Sociologia</b> , n. 13, p. 383-385, 1961.
1961	Palavra-chave "massa". In: Hans-Herrmann Groothoff & Martin Stallmann: Dicionário Pedagógico. Stuttgart: <b>Kreuzverlag</b> , p. 614.

<sup>41</sup> Fonte: Katsch, N. (1996). Verzeichnis der Schriften Klaus Holzkamps. *Forum Kritische Psychologie*, v. 1, n. 36, p. 180-193, 1996.

1962	Sobre distância social. <b>Contribuições psicológicas</b> , n. 7, p. 558-581, 1962.
1963	Resolução de problemas "objetivos" e "subjetivos". Um estudo experimental da dinâmica motivacional do pensamento. <b>Revista de Psicologia Experimental e Aplicada</b> , n. 10, p. 486-513, 1963.
1963	Sobre a crítica psicológica ao conceito de "massa". <b>Sociologus</b> , n. 13, p. 97-111, 1963.
1964	Teoria e Experimento em Psicologia. Uma investigação fundamentalmente crítica. (ao mesmo tempo Universidade Livre de Berlim, texto de Habilitação em Filosofia de 13 de fevereiro de 1963) Berlim: <b>de Gruyter</b> , 1964, IX + 292, 2ª edição 1981, 296 p.
1965	Sobre a história e a sistemática das teorias da expressão. In: Robert Kirchhoff (Ed.): Expression Psychology. Manual de Psicologia, Vol. 5. Göttingen: <b>Editora de Psicologia Hogrefe</b> 1965; 2ª edição 1972, p. 39-113.
1965	A consideração centrada no indivíduo e no grupo da situação do parceiro. In: H. Heckhausen (Ed.): Fundamentos biológicos e culturais do comportamento. Relatório do 24º Congresso do Dt. Society for Psychology in Vienna 1964. Göttingen: <b>Editora de Psicologia Hogrefe</b> , 1965, p. 33-37.
1965	Sobre o problema da duplicação da realidade em Psicologia. (Palestra a convite da Sociedade Kant, Berlim, realizada em 22 de outubro de 1964 sob o título "O sujeito da psicologia moderna; Problemas da concepção da realidade") <b>Panorama Psicológico</b> , n. 16, p. 209-222, 1965.
1965	O problema da "ênfase" na percepção social. <b>Revista de Psicologia Experimental e Aplicada</b> , n. 12, p. 86-97, 1965.
1965	Para medir a distância social. A dependência de objetos das escalas de Bogardus. <b>Sociologus</b> , n. 15, p. 93-110, 1965.
1966	Aprender a diferenciação com a percepção pessoal. In: Ferdinand Merz (Ed.): Relatório sobre o 25º Congresso da Sociedade Alemã de Psicologia, Münster, 1966, p. 593-598.
1966	Avaliação como comunicação. (Palestra proferida no 2º congresso de especialização psicológica da Associação Profissional de Psicólogas e Psicólogos Alemães de 4 a 7 de outubro em Marburg / Lahn). <b>Panorama Psicológico</b> , n. 17, p. 163-184, 1966.
1966	Junto com Adolf O. Jäger & Ferdinand Merz: Prognóstico e confirmação em diagnósticos psicológicos. Com prefácio de Curt Bondy. Göttingen: <b>Editora de Psicologia Hogrefe</b> 1966, 64 p.
1966	Sobre o problema da relação entre tamanho aparente e distância aparente. <b>Revista de Psicologia Experimental e Aplicada</b> , n. 13, p. 39-72, 1966.

1966	Sobre a fenografia da expressão. <b>Anuário de Psicologia, Psicoterapia e Antropologia Médica</b> , n. 14, p. 111-138, 1966.
1966	Junto com Erich Perlwitz: Ênfase de tamanho absoluta ou relativa? Um Estudo Experimental de Percepção Social. <b>Revista de Psicologia Experimental e Aplicada</b> , n. 13, p. 390-405, 1966.
1967	Junto com Peter Keiler: Condições seriais e dimensionais para aprender a acentuar o tamanho: um estudo experimental sobre percepção social. <b>Revista de Psicologia Experimental e Aplicada</b> , n. 14, p. 407-441, 1967.
1968	Ciência como ação. Esboço de um novo fundamento para a ciência pedagógica. Berlim: <b>de Gruyter</b> , 1968, XI + 397.
1968	Junto com Peter Keiler e Erich Perlwitz: A inversão da direção da ênfase sob condições de aprendizagem serial: contribuições teóricas e experimentais para o problema da percepção social. <b>Pesquisas de Psicologia</b> , n. 32, p. 64-88, 1968.
1969	Reforço através do contato visual: um estudo experimental. <b>Revista de Psicologia Experimental e Aplicada</b> , n. 16, p. 538-560, 1969.
1970	Pré-requisitos teórico-científicos para Psicologia crítico-emancipatória. <b>Revista de Psicologia Social</b> , n. 1, p. 5-21 e 109-141, 1970.
1970	Sobre o problema da relevância da pesquisa psicológica para a prática. (Versão estendida de uma palestra proferida na conferência do Grupo Regional de Berlim da Associação Profissional de Psicólogos Alemães em 11 de outubro de 1968). <b>Panorama Psicológico</b> , n. 21, p. 1-22, 1970.
1970	Prefácio. In: Peter Keiler: desejo e valor. Esboço de bases sistemáticas da aprendizagem motivacional psicológica. Berlim: <b>de Gruyter</b> 1970, p. V-VIII.
1970	Rascunho: O conceito de uma ciência crítica (29-55) e: Sobre o problema da relevância da pesquisa psicológica para a prática. (sem número, de <b>Panorama Psicológico</b> , n. 21, p. 1-22, 1970). In: Adorno, Holzcamp, Marcuse, Reich u.a.: Psicologia crítica. sem lugar: sem autor (Tempo indeterminado, provavelmente Hamburgo, 1970) 2ª edição, 205 p.
1970	Imagem (verbete). In: Léxico de Pedagogia. v. 2, Freiburg / Basel / Vienna: <b>Herder</b> , 1970, p. 271.
1970	Estereótipo (verbete). In: Léxico de Pedagogia, v. 4. Freiburg / Basel / Vienna: <b>Herder</b> , 1970, p. 168.
1970	Entrevista sobre Escola (manchete de "Spiegel": "Deveria-se ter esposas loiras"). <b>Der Spiegel</b> , 13 de abril de 1970.
1971	Como membro do coletivo de autores do Instituto de Psicologia da Universidade Livre de Berlim: Trabalho de projeto socialista na Escola Liberdade Vermelha. Análises - protocolos - documentos. Frankfurt am Main: <b>Editores-Fischer</b> , 1971, 454 p.

1971	Pré-requisitos teórico-científicos para a Psicologia crítico-emancipatória. Ed.: Crítica dos métodos do Centro Acadêmico de Psicologia, Hamburgo. Hamburgo, Editora Arbeitstexte 1971, página 61; vlg. <b>Revista de Psicologia Social</b> , n. 1, 5-21 e 109-141, 1970.
1971	Convencionalismo e Construtivismo, <b>Revista de Psicologia Social</b> , 2, 1971, 24-39.
1971	"Racionalismo Crítico" como criticismo cego, <b>Revista de Psicologia Social</b> , 2, 1971, 248-270.
1972	Funcionalismo (verbete). In: Joachim Ritter (Orgs.): <b>Dicionário Histórico de Filosofia</b> , Vol. 2. Basel / Stuttgart: Schwabe & Co, 1972
1972	Cognição social. In: Carl F. Graumann (Org.): Manual de Psicologia. Psicologia Social. 2º volume: Áreas de pesquisa. Göttingen: <b>Editora de Psicologia Hogrefe</b> , p. 1263-1341, 1972.
1972	Psicologia crítica. Trabalhos preparatórios, Frankfurt a.M.: <b>Editora-Fischer</b> , 1972 (4ª ed. 1976), 295 p. Inclui:
	Sobre o problema da relevância da pesquisa psicológica para a prática, 9-34; republicação de <b>Panorama Psicológico</b> , n. 21, p. 1-22, 1970.
	Pressuposições antropológicas ocultas da Psicologia geral, 35-73; <b>Editora Hans-Georg Gadamer e Paul Vogler</b> (Orgs.): Nova Antropologia, v. 5, 1973, p. 237-282.
	Pré-requisitos teórico-científicos para a Psicologia crítico-emancipatória, 75-146; republicado da <b>Revista de Psicologia Social</b> , n. 1, 1970, p. 5-21 e 109-141.
	Convencionalismo e Construtivismo, 147-171; republicado da <b>Revista de Psicologia Social</b> , 2, 1971, 24-39
	"Racionalismo crítico" como criticismo cego, 173-205; republicado de <b>Revista de Psicologia Social</b> , 2, 1971, 248-270
	A relação entre relevância social e conteúdo do conhecimento científico da pesquisa psicológica. (Análise histórico-crítica dos ensaios anteriores), 207-288.
1973	Pressupostos antropológicos ocultos da Psicologia geral. Em: Hans-Georg Gadamer e Paul Vogler (Orgs.): Nova Antropologia, Vol. 5. Stuttgart: <b>Editora-Georg Thieme</b> , 1973, p. 237-282, republicado de Psicologia Crítica, Frankfurt a.M.: <b>Editora-Fischer</b> , 1972, p. 35-73.
1973	Italiano: Antropologia Psicológica. O Homem em sua existência biológica, social e cultural. <b>Nova Antropologia</b> , v. 5, p. 169-199, 1977.
1973	Conhecimento sensorial - origem histórica e função social da percepção. Frankfurt a.M.: <b>Athenäum / Editora-Fischer</b> , 1973 (5ª edição 1986), 436 p.

	Italiano: Psicologia crítica. Introdução de Dario Romano, Milão: <b>Editora Gabriele Mazzotta</b> , 1974
	Italiano: Trechos de "Conhecimento Sensorial": Significados de objetos e significados linguísticos. In: Guglielmo Bellelli (Org.): Ecologia e economia. Para uma análise histórica da subjetividade. Nápoles: <b>Liquori Editore</b> 1983.
	Italiano: O desenvolvimento de significados simbólicos e a mediação simbólico-linguística entre a perseguição e o pensamento, <b>ebenda</b> , p. 66-74.
	Italiano: O desenvolvimento da perseguição na condição específica da sociedade burguesa, <b>ebenda</b> , p. 189-214.
1973	junto com Volker Schurig: Para uma introdução ao "Problemas do desenvolvimento do psiquismo" de A. N. Leontiev, XI-LII, Frankfurt a.M. <b>Editora-Athenaeum</b> , 1973 (2ª edição 1977).
	Italiano: Extraído de: A concepção de Leontiev e apropriação na sociedade burguesa. In: Guglielmo Bellelli (Org.): Ecologia e economia. Para uma análise histórica da subjetividade. Naples: <b>Liquori Editore</b> , 1983, p. 182-188.
1974	O método histórico do socialismo científico e sua incompreensão por J. Bischoff, <b>Das Argument</b> , v. 84, p. 1-75, 1974; republicado em Sociabilidade do indivíduo, 1978, p. 41-128.
1974	A teoria comportamental como o último bastião? <b>Revista de Psicologia Social</b> , v. 5, p. 152-160, 1974; republicado em Sociabilidade do Indivíduo, 1978, p. 232-244.
1974	Verbetes "estereótipo". In: Dicionário de Psicologia Educacional. Pastor: <b>Freiburg</b> (A obra é um excerto revisado de "Léxico de Pedagogia", publicado pelo Willmann Institute, Munique-Viena, <b>Editora-Herder</b> ).
1976	Comentários sobre a série "Psicologia Crítica". In: Karl-Heinz Braun (Org.): Contribuições para a Psicologia Crítica, Volume II: Teoria da Personalidade, v. 2, Marburg: <b>Autopublicação</b> , 1976, 5-10.
1976	A conexão entre o desenvolvimento científico, a participação na construção e o currículo - a exemplo do currículo do Instituto de Psicologia da Universidade Livre. In: Comunicações da Sociedade para a Promoção da Terapia Comportamental, Caderno 3, 1975; republicado em Karl-Heinz Braun (Ed.): Contribuições para a Psicologia Crítica Vol. II: Teoria da Personalidade (2), Marburg 1976, p. 260-266.
1977	junto com Ute H.-Osterkamp: Terapia psicológica como um caminho de reações cegas a respostas conscientes sobre condições de vida específicas de classe na sociedade burguesa - usando o exemplo do "caso de exame" de Manfred Kappeler. In: Manfred Kappeler, Klaus Holzkamp e Ute H.-Osterkamp, Terapia psicológica e ação política. Frankfurt a.M.: <b>Editora-Campus</b> , 1977, p. 148-293.

1977	juntamente com Karl-Heinz Braun (Ed.): Psicologia Crítica. Relatório sobre o 1º Congresso Internacional de Psicologia Crítica de 13-15 de maio de 1977 em Marburg. Vol. I: Conferências introdutórias; Vol. II: Discussão. Colônia: <b>Editores-Pahl-Rugenstein</b> , 1977, 252 p. e 635 p.
1977	Pode haver uma Psicologia Crítica dentro da estrutura da teoria marxista? In: Karl-Heinz Braun e Klaus Holzkamp (eds.), Psicologia Crítica. Relatório sobre o 1º Congresso Internacional de Psicologia Crítica de 13 a 15 de maio de 1977 em Marburg, Vol. 1, 46-75. Colônia: <b>Editores-Pahl-Rugenstein</b> , 1977; republicado em <b>O Argumento</b> , v. 103, p. 316-336, 1977.
	Dinamarquês: Pode haver uma psicologia crítica dentro da estrutura da teoria marxista? Draft, V, 1977, 159-189; vgl. Ole Dreier: A Psicologia Crítica. Copenhagen: <b>Rhodes Library</b> , 1979, p. 96-117.
	Sérvio: A Psicologia crítica é possível dentro da estrutura da teoria marxista? In: <b>Marxismo no Mundo 1: Marxismo e Psicologia</b> , 1979, p. 96-117.
1977	A apropriação categórica e teórica da mediação entre indivíduos concretos e suas condições sociais de vida através da Psicologia Crítica. In: Karl-Heinz Braun e Klaus Holzkamp (eds.), Psicologia Crítica. v I, p. 101-110. Colônia: <b>Editores-Pahl-Rugenstein</b> , 1977.
	Dinamarquês: A concepção categórica e teórica da Psicologia Crítica da comunicação entre os indivíduos concretos e as suas condições sociais de vida. In: Ole Dreier, The Critical Psychology. Copenhagen: Rhodes Library, 1979, 189-201
1977	A superação da arbitrariedade científica das teorias psicológicas pela Psicologia Crítica, <b>Revista de Psicologia Social</b> , v. 8, n. I, p. 1-22, 1977; II, p. 78-97; republicado em <b>Sociabilidade do Indivíduo</b> , 1978, 129-201.
	Finlandês: Psicologia Crítica e Arbitrariedade Teórica da Psicologia I e II, Psicologia 5 e 6, 1978, p. 2-18 e p. 4-18.
	Dinamarquês: A superação da condicionalidade científica psicológica teorizada pela Psicologia Crítica. In: Ole Dreier: A Psicologia Crítica, Copenhagen; <b>Biblioteca Rhodes</b> , 1979, p. 27-123.
	Sérvio: Superando a arbitrariedade científica das teorias psicológicas por meio da Psicologia crítica. In: <b>Marxismo no Mundo 1: Marxismo e Psicologia</b> , 1979, p. 31-95.
1977	Italiano: A relação homem-mundo e a relevância das dimensões psicológicas. In: Guglielmo Bellelli (Ed.): Ecologia e economia. Para uma análise histórica da subjetividade, Nápoles: <b>Liquori Editore</b> , 1983, p. 33-51.
1977	Proibição profissional no serviço público: quem doutrina quem? (Discurso proferido em 28 de janeiro de 1977, como parte de um evento organizado pelos Grupos de Ação de Democratas e Socialistas (ADSs) das universidades de

	Berlim Ocidental "Contra o desmantelamento dos direitos democráticos"). <b>Política Socialista</b> , v. 40, p. 17-22, 1977; republicado em <b>Sociabilidade do indivíduo</b> , 1978, p. 256-263.
1977	Psicologia crítica. Entrevista com Klaus Holzkamp. In: <b>Jornal de Marburger</b> , Caderno 3/4, 1977.
1977	Holandês: Para entender os peixes, é preciso conhecer a água. uma entrevista com Klaus Holzkamp de Antoine Verbij e Niels Brouwer. <b>Espelhado</b> , v. 33, 8-10, 1977.
1977	A situação atual das faculdades e a necessidade de uma mudança na legislação e no financiamento do ensino superior. (Apresentação feita em 25 de novembro de 1977 no congresso de política do ensino superior da Federação de Cientistas Democráticos (BdWi) em Hamburgo). <b>Jornal para a Política Alemã e Internacional</b> , v. 12, p. 1448-1466, 1977; republicado em Cadernos sobre questões políticas contemporâneas, v. 35, 1978, Colônia: <b>Editores-Pahl-Rugenstein</b> , 1978, p. 3-16 (junto com o plano de requisitos dos cientistas da BdWi 1978-1980).
1978	Sociabilidade do indivíduo. Redações, 1974-1977. Estudos de psicologia crítica. Colônia: <b>Editores-Pahl-Rugenstein</b> , 1978, 264 p.
	Arte e trabalho - um ensaio sobre a função "terapêutica" da forma artística, p. 17-40.
	O método histórico do socialismo científico e sua incompreensão por J. Bischoff, p. 41-128; republicado em <b>O Argumento</b> , v. 84, p. 1-75, 1974.
	A superação da arbitrariedade científica das teorias psicológicas através da Psicologia crítica, p. 129-201; republicado em <b>Revista de Psicologia Social</b> , v. 8, 1977, I, p. 1-22, II, p. 78-97.
	Pode haver uma Psicologia crítica no quadro da teoria marxista?, p. 202-230; republicado em Karl-Heinz Braun e Klaus Holzkamp (Eds.): <b>Psicologia Crítica. Relatório sobre o 1º Congresso Internacional de Psicologia Crítica de 13 a 15. Maio em Marburg</b> , 44-75; pré-impressão ligeiramente resumida em: <b>O Argumento</b> , v. 103, p. 316-336, 1977.
	A teoria do comportamento como último bastião?, 232-244, republicado em <b>Revista de Psicologia Social</b> , v. 5, p. 152-160, 1974.
	O "Capital" de Marx como fundamento para a cientificização da pesquisa psicológica, p. 245-255; republicado em E. Altvater <i>et al.</i> : Por que estudar o "Capital", 1978, p. 10-21.
	Proibição profissional no serviço público: Quem doutrina quem?, p. 256-263; republicado em <b>Política Socialista</b> , v. 40, p. 17-22, 1977.

	O "Capital" de Marx como base para a cientificização da pesquisa psicológica, p. 245-255.
1978	O "Capital" de Marx como base para a cientificidade da pesquisa psicológica. In: Elmar Altvater, Wolfgang F. Haug, Sebastian Herkommer, Klaus Holzkamp, Heinz Kofler, Heinz Wagner: Por que estudar o "Capital", livro de estudo de argumentos (SH) 1, 1978, p. 10-21; republicado em Sociabilidade do indivíduo, 1978, p. 245-255.
	Sérvio: Por que estudar o Capital? Sobre a relação entre teoria geral e ciências especiais. In: Marxismo no Mundo 1: Marxismo e Psicologia, 1979, p. 374-383.
1978	A pesquisa empírica em Psicologia como reconstrução histórica e redução experimental. <b>Revista de Psicologia Social</b> , v. 9, p. 78-83, 1978.
	junto com Peter Keiler: Psicologia na Crise: Teses sobre a função social da pesquisa do "dogmatismo" de Ertel. In: Peter Keiler e Michael Stadler (eds.), Conhecimento ou Dogmatismo? Crítica do "dogmatismo" - conceitos. Estudos sobre psicologia crítica, Colônia: <b>Editora-Pahl-Rugenstein</b> , 1978, p. 239-252.
1979	Sobre a morte de Alexis Nikolaevich Leontiev, <b>Fórum de Psicologia Crítica</b> , v. 4, AS 34, 1979, p. 5-7.
1979	Como a Psicologia entra em prática? O significado de Alexei N. Leontiev para o trabalho dos psicólogos. <b>Psicologia Hoje</b> , v. 6, p. 66-74, 1979.
1979	"Materialismo histórico e natureza humana". Resenha do livro de Georg Rückriem (ed.) Com contribuições de J. Ebert, J. Herter, M. Liebbrand-Bachmann, A. Messmann, R. Reipert, G. Rückriem, K. Runge, I. Schoenheit, F. Tomberg, F. Unger e W. Volpert. <b>Fórum de Psicologia Crítica</b> , v. 4, AS 34, p. 194-215, 1979.
1979	Sobre a teoria crítico-psicológica da subjetividade I. A relação entre subjetividade e sociabilidade nas ciências sociais tradicionais e no socialismo científico. <b>Fórum de Psicologia Crítica</b> , v. 4, AS 34, p. 10-54, 1979.
1979	Sobre a teoria crítico-psicológica da subjetividade II: A relação entre sujeitos individuais e sujeitos sociais e a gênese da subjetividade na primeira infância. <b>Fórum de Psicologia Crítica</b> , v. 5, AS 41, p. 7-46, 1979.
1980	Para a crítica de Wundt à investigação experimental do pensamento. (Apresentação para o Simpósio Wundt na Universidade Karl Marx de Leipzig, 1 e 2 de novembro de 1979; em memória da fundação do primeiro instituto psicológico do mundo por Wilhelm Wundt na Universidade de Leipzig, há 100 anos, 1879). <b>Fórum de Psicologia Crítica</b> , v. 6, AS 49, p. 156-165, 1980, republicado em Wilhelm Wundt - Legado progressivo, desenvolvimento científico e presente. Ata do simpósio internacional. Leipzig 1 e 2 de novembro de 1979, Leipzig, 1980

1980	Jovens sem orientação? (Palestra principal proferida nos Dias da Faculdade de Frísia Oriental do Sindicato de Educação e Ciência na DGB, Associação do Distrito de Weser-Ems, em Aurich em 18 de outubro de 1979). <b>Fórum de Psicologia Crítica</b> , v. 6, AS 49, p. 196-208, 1980.
1980	Indivíduo e organização. (Palestra proferida na "Universidade Popular", Berlin Oriental, Whitsun 1980). <b>Fórum de Psicologia Crítica</b> , v. 7, AS 59, p. 208-225, 1980.
1980	O que significa o desenvolvimento "normal" da personalidade infantil? (Palestra no congresso "Desenvolvimento e riscos para a saúde de crianças e adolescentes na família, no jardim de infância e na escola - possibilidades de prevenção", de 20 a 21 de junho de 1980 em Berlim, organizado pelo Grupo de Planejamento de Pesquisa em Saúde de Berlim e pela Faculdade de Educação da Universidade Livre de Berlim). <b>O Argumento</b> 123, 1980, 650-657
1980	Introdução. In: Ole Dreier: Ser Familiar e Consciência Familiar. Análise terapêutica de uma família da classe trabalhadora, 1-7, Frankfurt a.M.: <b>Editora-Campus</b> , 1980.
1981	Epílogo: "17 anos depois". In: Holzkamp, Klaus: Teoria e experimento em Psicologia, Berlin / New York: <b>De Gruyter</b> , 1981, 2ª edição, p. 275-278.
1981	Holandês: Introdução. In: Peter van den Dool e Antoine Verbij (Hrsg.): Naturalmente social. Visão geral da Psicologia Crítica. Amsterdã: <b>Editora SUA</b> , 1981, p. 7-8.
1981	Prefácio. In: Konstanze Wetzel: Movimento sindical e desenvolvimento da personalidade. Estudos sobre Psicologia Crítica. Colônia: <b>Editora-Pahl-Rugenstein</b> , 1981, p. 13-15.
1981	Talento (chavão). In: Hans-Joachim Petzold e Horst Speichert (eds.): Manual de termos de prática educacional e sociopsicológica. Reinbek: <b>Editora-Rowohlt</b> , 1981, p. 58-61.
1981	Inteligência (chavão). Ibid, p. 213-216.
1981	Epílogo sobre a morte de Jean Piaget. <b>Dialética</b> , v. 2, p. 216, 1981.
1982	Complemento psicológico ao marxismo? In: Karl-Heinz Braun, Walter Hollitscher, Kaus Holzkamp e Konstanze Wetzel: Posições da Psicologia Crítica. Contribuições para a preparação da 1ª universidade internacional de férias de Psicologia Crítica em Graz, de 7 a 13 de março de 1983. Autores e representantes do departamento de estudo de Psicologia da Universidade de Graz, Innsbruck, Salzburg, Viena, 1982, p. 34-67.
1983	Fundamentos da Psicologia, Frankfurt a.M.: <b>Editora-Campus</b> , 1983, 600 p. (Edição de estudo de 1985)

1983	Teoria e prática em estudos de psicologia. (Palestra e discussão no "vds Congresso de Psicologia" em Münster, 4 a 6 de junho de 1982. <b>Fórum de Psicologia Crítica</b> , v. 12, AS 99, p. 159-183, 1983.
1983	O ser-humano como sujeito da metodologia científica. In: Karl-Heinz Braun, Walter Hollitscher, Klaus Holzkamp, Konstanze Wetzel: Karl Marx e a ciência do indivíduo. Relatório da 1ª universidade internacional de férias de Psicologia Crítica de 7 a 12 de março de 1983 em Graz. Organizado pelos representantes do departamento de estudo de Psicologia das universidades de Graz, Innsbruck, Salzburg e Viena Marburg: <b>Editora Movimento Trabalhista e Ciências Sociais</b> , 1983, p. 120-166.
	Dinamarquês: O homem como um sujeito para metodologia científica, <b>Spartacus</b> , Copenhagen 1985.
1983	"We don't need no education...". <b>Fórum de Psicologia Crítica</b> , v. 11, AS 93, p. 113-125, 1983.
1983	O que se pode aprender com Karl Marx sobre educação? Ou: Sobre as contradições da educação progressiva na sociedade burguesa. <b>Educação Democrática</b> , v. 9, p. 52-59, 1983.
	Dinamarquês: O que se pode aprender sobre educação com Karl Marx, Esboço. <b>Jornal Dinamarquês de Ciências Sociais Críticas</b> , v. 11, p. 126-151, 1983.
1983	"Atualização" ou atualidade do marxismo? Ou: A pré-história do marxismo ainda não acabou. In: atualização de Marx. Argumento - volume especial AS 100, 1983, p. 53-64.
1983	Argumento e sentimento na discussão de paz. In: Klaus Betz e Andreas Kaiser (eds.): Ciência entre Guerra e Paz, contribuições de uma conferência em Berlim (Ocidental) de 28 a 30 de janeiro de 1983. Berlim (Oeste): <b>Editora para formação e estudo na Elefantenpress</b> , 1983, p. 297-304; republicado em versão resumida: Somente aqueles que têm medo podem ser razoáveis. Sentimento e racionalidade no movimento pela paz. <b>Psicologia Hoje</b> , n. 10, 57-62, 1983.
1983	Psicologia crítica (verbete). In: Dieter Frey e Siegfried Greif, psicologia social. Um manual em termos-chave. Munique: <b>Editura Urban &amp; Schwarzenberg</b> , 1983, p. 75-80.
1983	junto com Wolfgang Maiers: questões históricas na biologia. No 80º aniversário de Konrad Lorenz. In: <b>Jornal do Povo Alemão/o fato</b> , v. 25/11/1983
1984	Contradições sociais e capacidade individual de ação. In: Karl-Heinz Braun e Gert Gekeler (eds.): Contradições objetivas e subjetivas no serviço social / pedagogia social. Relatório da 2ª Universidade Internacional de Férias em Psicologia Crítica de 9 a 13. Janeiro de 1984, organizado pelo Departamento de Assistência Social da Universidade de Ciências Aplicadas de Fulda. Marburg: <b>Editura Movimento Trabalhista e Ciências Sociais</b> , 1984, p. 89-120.

1984	“As pessoas não ficam presas no capitalismo como em uma jaula”. A entrevista do Psicologia Hoje com Klaus Holzkamp. <b>Psicologia Hoje</b> , v. 11, p. 29-37, 1984.
1984	Sobre a relação entre o processo social geral e o processo de vida individual. In: Consequente-Discussões, Volume Especial, v. 6, <b>Materialismo Contestável</b> , Berlim (Ocidental): 1984, p. 29-40.
1984	O significado da psicanálise freudiana para a Psicologia de base marxista. (Palestra proferida na Universidade Karl Marx em Leipzig em 5 de outubro de 1983). <b>Fórum de Psicologia Crítica</b> , v. 13, AS 106, p. 15-40, 1984; republicado em Manfred Vorwerg, Contribuições à Psicologia Crítica. Textos didáticos de Psicologia. Psicologia da Personalidade. Universidade Karl Marx Leipzig, 1985, p. 27-60.
1984	Psicologia Crítica e Psicologia Fenomenológica. O caminho da Psicologia Crítica à Ciência do ponto de vista do Sujeito. <b>Fórum de Psicologia Crítica</b> , v. 14, AS, p. 114, 5-55, 1984.
1984	Verbete "Talento - Inteligência". In: Christoph Wulf (Ed.), Dicionário de Educação. Munich: <b>Piper</b> , 1984, p. 44-49 (nova edição, 6ª edição).
1985	Sobre a posição da psicanálise na história da Psicologia. In: Karl-Heinz Braun, Ole Dreier, Walter Hollitscher, Klaus Holzkamp, Morus Markard, Gabi Minz e Konstanze Wetzell: História e crítica da psicanálise. 3ª Universidade Internacional de Férias de Psicologia Crítica, 25 de fevereiro a 2 de março em Innsbruck. Organizador e editor: representantes de departamentos de estudo de Pedagogia e Psicologia na Universidade de Graz, Innsbruck, Salzburg e Viena. Marburg: <b>Editora Movimento Trabalhista e Ciências Sociais</b> , 1985, p. 13-69.
1985	Conceitos básicos de Psicologia Crítica. In: Universidade Diesterweg (Ed.): Pedagogia Gestalt: progresso ou beco sem saída? <b>GEW</b> Berlin, 1985, p. 31-38.
1985	junto com Karl-Heinz Braun (Ed.): Subjetividade como um problema de metodologia psicológica. 3º Congresso Internacional de Psicologia Crítica, Marburg 1984. Frankfurt a.M.: <b>Editora Campus</b> , 1985, 369 p.
1985	Autoconsciência e objetividade científica: contradição irreversível? <i>Ibid</i> , p. 17-37.
1985	Sobre a função da análise fenomenológica em psicologia, especificamente: Psicologia Crítica. I. Declarações de Rainer Seidel, Norbert Groeben, Carl Friedrich Graumann, Klaus Holzkamp. II. Discussão. <i>Ibid</i> , p. 142-167.
1985	"Personalidade" - para uma crítica funcional de um termo. In: Theo Herrmann e Ernst-D. Lantermann (Ed.): Psicologia da Personalidade. Um manual em termos-chave. Munich: <b>Urban &amp; Schwarzenberg</b> , 1985, p. 92-101.
1985	Crítica da apropriação ou apropriação por meio da crítica? Comentários sobre a autoimagem "crítica" do intelectual. In: IMSF (Ed.): Inteligência, intelectuais e

	movimento operário na Europa Ocidental. Materiais de uma conferência internacional da IMSF. Frankfurt, 1985, p. 105-110.
1985	juntamente com Morus Markard e Gisela Ulmann: Relatório para a DFG sobre o "andamento do trabalho" - relatório final no contexto do financiamento de pequena escala (o desenvolvimento do tema do projeto na primeira infância). <b>Fórum de Psicologia Crítica</b> , v. 17, AS 132, p. 51-71, 1985.
1986	Ação (palavra-chave): In: Günter Rexilius e Siegfried Grubitzsch (Eds.): Psicologia. Teorias e métodos campos de trabalho. Um curso básico. Reinbek: <b>Enciclopédia Rowohlts</b> , 1986, p. 381-402.
1986	A incompreensão das razões para a ação como pressupostos de correlação empírica em teorias psicossociais: desorientação metodológica como resultado da confusão de termos (I); Experimentação em psicologia social: teste empírico de previsões teóricas ou produção de exemplos para "padrões de justificação" teóricos? (II) - Uma discussão do artigo entre os editores (Hubert Feger, Carl Friedrich Graumann, Klaus Holzkamp, Martin Irle), <b>Revista de Psicologia Social</b> , v. 17, p. 216-238 e p. 239-254, 1986; vlg. I: <b>Fórum de Psicologia Crítica</b> , v. 19, p. 23-58, 1987.
1986	"Efeito" ou experiência do desemprego - contradições e perspectivas da pesquisa psicológica sobre o desemprego. (Palestra proferida em 16 de janeiro de 1986 como parte de uma série de palestras no Instituto de Psicologia da Universidade Livre de Berlim). <b>Fórum de Psicologia Crítica</b> , v. 18, AS 139, p. 9-37, 1985;
1986	Epílogo para Hans-Dieter Schmidt: Esboço de Psicologia da personalidade. Notas de orientação para o leitor local. Frankfurt a.M.: <b>Educação Campus</b> , 1986, p. 285-293.
1987	Aprendizagem e resistência à aprendizagem - esboços para uma teoria de aprendizagem sujeito-científica (versão estendida de uma palestra como parte da "série de palestras de Hamburgo de Psicologia Crítica" no semestre de verão de 1987 na Universidade de Hamburgo). <b>Fórum de Psicologia Crítica</b> , v. 20, p. 5-36, 1987.
1987	Psicologia Crítica e superação da indeterminação científica na teorização psicológica. <b>Perspectivas em Personalidade</b> , v. 2, p. 93-123, 1987 (tradução fornecida por L. Zusne do ensaio "A superação da arbitrariedade científica das teorias psicológicas pela Psicologia Crítica", publicado em 1977 no "Revista de Psicologia Social")
1988	O desenvolvimento da Psicologia Crítica para uma Ciência do Sujeito. In: Rexilius, G. (Ed.) Psicologia como Ciência Social. Opladen: <b>Editores Westdeutscher</b> , 1988, p. 298-317.
1988	Prática: crítica funcional de um termo. In: Dehler, J. & Wetzel, K. (Ed.), Sobre a relação entre teoria e prática em Psicologia. Relatório da 4ª Universidade Internacional de Férias de Psicologia Crítica, 5-10 de Outubro de 1987 em Fulda. Marburg: <b>Editores Movimento Trabalhista e Ciências Sociais</b> , 1988, p.

	15-48.
1988	"Personalidade" - para uma crítica funcional de um termo. <b>Fórum de Psicologia Crítica</b> , v. 22, p. 123-132 (cf. 1985, reimpressão)
1989	A "virada cognitiva" na Psicologia entre as novas modas da linguagem e a reorientação científica. <b>Fórum de Psicologia Crítica</b> , v. 23, p. 67-85, 1989.
1989	junto com More Markard: Retrato da prática. Um guia para analisar o trabalho psicológico. <b>Fórum de Psicologia Crítica</b> , v. 23, p. 5-49, 1989.
1989	Palavra-chave "Talento - Inteligência". In: Christoph Wulf (Ed.), Dicionário de Educação. Munich: <b>Piper</b> , 1989, p. 44-49 (nova edição, 7ª edição).
1990	A "ausência de mundo" da Psicologia e a versão de Leontiev do princípio de reflexão. <b>Fórum de Psicologia Crítica</b> , v. 25, p. 42-62, 1990.
1990	Sobre a contradição entre promover a subjetividade individual como objetivo de pesquisa e o controle externo como paradigma. <b>Fórum de Psicologia Crítica</b> , v. 26, p. 6-12, 1990.
1990	A que se refere o par de termos "capacidade restritiva / generalizada de ação"? Sobre as "Notas" de Marezky acima. <b>Fórum de Psicologia Crítica</b> , v. 26, p. 46-53, 1990.
1991	O ensino como deficiência de aprendizagem? <b>Fórum de Psicologia Crítica</b> , v. 27, p. 5-22, 1991.
1991	Observação preliminar (sobre "Aceitando o passado da RDA - declarações com prazo determinado"). <b>Fórum de Psicologia Crítica</b> , v. 27, p. 43-48, 1991.
1991	Sobre o assunto de "virar pescoços". <b>Fórum de Psicologia Crítica</b> , v. 27, p. 74-77, 1991.
1991	Processo de vida social e individual. Em: Tolman, C.W. & Maiers, W. (Eds.), <i>Psicologia Crítica. Contribuições para uma Ciência Histórica do Sujeito</i> . Cambridge / New York: <b>Editora da Universidade de Cambridge</b> , 1991, p. 50-64 (Reimpresso de: <b>Consequente</b> . Volume especial de discussão "Materialismo Controverso", 1984)
1991	Experiência do Self e Objetividade Científica. Ibid., p. 65-80 (reimpressão de: Braun, K.-H. & Holzkamp, K. [ed.], <i>Subjetividade como um problema de metodologia psicológica</i> . 3º Congresso Internacional de Psicologia Crítica, Frankfurt / M. 1985)
1991	Psicanálise e psicologia marxista. Ibid., p. 81-101 (reimpressão de: <b>Fórum de Psicologia Crítica</b> , v. 13, 1984)
1991	O que significa "Psicologia do ponto de vista do sujeito"? - Reflexões sobre teorias científico-disciplinares. <b>Fórum de Psicologia Crítica</b> , v. 28, p. 5-19, 1991.

1992	"Superdotação": conceito cientificamente responsável ou imagem cotidiana? <b>Fórum de Psicologia Crítica</b> , v. 29, p. 5-22, 1992.
1992	Ficção de uma sexualidade opressora. Resposta a Roland Härtle. <b>Revista de Pesquisa de Sexualidade</b> , v. 5, p. 128-143, 1992.
1993	Aprender. Fundamento sujeito-científico. Frankfurt a.M 1993: <b>Campus</b> , 592 p. (Edição de estudo de 1995).
1993	Sobre o debate sobre abusos sexuais. Discursos e fatos. <b>Fórum de Psicologia Crítica</b> , v. 33, p. 136-157, 1993.
1994	juntamente com Jochen Brandtstädter, J., Lutz H. Eckensberger, Volker Gadenne, Wilhelm Kempf, Wolfgang Maiers e More Markard: Sobre o problema da referência empírica às teorias psicológicas. <b>Fórum de Psicologia Crítica</b> , v. 34, p. 5-79, 1994.
1994	Padrões ocultos de justificação nas teorias de aprendizagem tradicionais? <b>Fórum de Psicologia Crítica</b> , v. 34, p. 13-17, 1994.
1994	Padrões ocultos de justificação nas teorias de aprendizagem tradicionais? <b>Fórum de Psicologia Crítica</b> , v. 34, p. 13-17, 1994.
1994	Educação anti-racista como mudança de "atitudes" racistas? A crítica funcional e uma alternativa em termos de ciência disciplinar. <b>Argumento</b> , v. 203, p. 41-48, 1994.
1994	Também publicado em: Siegfried Jäger (Eds.), Da Oficina: Práxis anti-racistas. Conceitos-Experiências-Pesquisa. Duisburg: <b>DISS</b> , 1994, p. 8-29.
1995	Racismo e o inconsciente na compreensão psicanalítica e crítico-psicológica. <b>Fórum de Psicologia Crítica</b> , v. 35, p. 4-41, 1995.
1995	Colonização desde a infância. Declarações de desenvolvimento psicológico e psicanalítico. <b>Fórum de Psicologia Crítica</b> , v. 35, p. 109-132, 1995.
1995	Prefácio. In: Anita Lenz & Stefan Meretz. Redes Neurais e Subjetividade. Aprendizagem, significado e limites da neuroinformática. Braunschweig: <b>Vieweg</b> , 1995, p. 5-6.
1995	A vida cotidiana como conceito básico sujeito-científico. <b>O Argumento</b> , v. 212, p. 817-846, 1995 (postumamente).
1996	Na versão impressa (a ser publicada em maio de 1996): Contra o curto-circuito no ensino. In: Arnold, R. (Ed.), Aprendizagem Civa. Hohengehren: <b>Tailor</b> .